

REDE DE PARQUES METROPOLITANOS NA GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

RELATÓRIO FINAL | FEVEREIRO DE 2009

EQUIPA TÉCNICA

Coordenação:

Teresa Andresen

Sub-coordenação - Sítios e sistemas estruturantes:

Luís Guedes de Carvalho e Gonçalo Andrade

Sub-coordenação - Tipologias e linhas programáticas:

Maria José Curado

Sub-coordenação - Cadernos de boas práticas:

Isabel Silva

Assistência técnica:

Vilma Silva

Iva Viana de Lemos

Assistência administrativa:

Anabela Barroso

Assessorias:

João Honrado, José Teixeira, Nuno Ferrand de Almeida,

Paulo Farinha Marques e Teresa Portela Marques

Bolseiros de investigação:

Andreia Quintas, Jorge Barbosa, Ana Mota, Liliana Reis, Mafalda Sousa, Maria

Fernanda Carvalho, Maria do Céu Martins, Raquel Colaço e Teresa Azevedo

Design Relatório:

GSA Design

ANEXO A SISTEMAS ESTRUTURANTES

Antuã, Arda, Caima, Inha, Sousa e Ferreira, Uíma

Mafalda Sousa

Ave, Douro, Febros, Leça e Tinto e Torto

Maria do Céu Martins

Paiva

Andreia Quintas

ANEXO B FICHAS DOS SÍTIOS

Ana Mota, Andreia Quintas, Gonçalo Andrade, Jorge Barbosa,

Liliana Reis, Mafalda Sousa, Maria Fernanda Carvalho,

Maria do Céu Martins, Raquel Colaço e Teresa Azevedo

ANEXO C CADERNOS DE BOAS PRÁTICAS

Isabel Silva, Liliana Reis

ÍNDICE

CAIXA I RELATÓRIO

5 **CAPÍTULO 1** INTRODUÇÃO

15 **CAPÍTULO 2** PROPOSTA DE UMA REDE DE PARQUES METROPOLITANOS DO PORTO

19 **CAPÍTULO 3** ATLAS DA REDE DE PARQUES

Montes

22 Parque das Brisas

30 Parque de Monte Córdova

42 Parque do Salto

50 Parque do Montalto

56 Parque da Freita

Vales

66 Parque do Leça

74 Parque do Tinto Torto

80 Parque do Douro

Paisagens Culturais

90 Paisagem Cultural de Vila do Conde

96 Paisagem Cultural do Vale do Arda

Litoral

102 Parque do Mar

111 **CAPÍTULO 4** CORREDOPRES E SÍTIOS

CAIXAS II e III ANEXO A SISTEMAS ESTRUTURANTES

Antuã
Arda
Ave
Caima
Douro
Febros
Inha
Leça
Paiva
Sousa e Ferreira
Tinto e Torto
Úima

CAIXAS IV e V ANEXO B FICHAS DOS SÍTIOS

Arouca
Espinho
Gondomar
Maia
Matosinhos
Oliveira de Azeméis
Porto
Póvoa de Varzim
S. João da Madeira
Sta. Maria da Feira
Sto. Tirso
Trofa
Vale de Cambra
Valongo
Vila do Conde
Vila Nova de Gaia

CAIXA VI ANEXO C CADERNOS DE BOAS PRÁTICAS

Introdução

Princípios orientadores para a gestão
sustentável dos espaços verdes públicos
ou privados de acesso público

Cadernos de boas práticas:

Projecto
Construção
Manutenção
Casos de Estudo

Bibliografia

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. Objectivos, conceitos e definições

O presente relatório é parte integrante do Relatório Final relativo ao projecto Rede de Parques Metropolitanos da Área Metropolitana do Porto no âmbito do Protocolo de colaboração entre a Área Metropolitana do Porto (AMP) e o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO) do Instituto de Ciências e Tecnologias Agrárias e Agro-Alimentares da Universidade do Porto (ICETA), celebrado em Novembro de 2007. O Relatório Final foi antecedida por dois relatórios de progresso, o 1º entregue em Fevereiro de 2008 e o 2º em Julho de 2008.

O Projecto foi concebido de acordo com duas linhas de investigação: 1) Levantamento e caracterização de sítios e 2) Definição de um programa de acção em função de tipologia de sítios. O 2º Relatório de

Progresso apresentou a primeira proposta de uma rede de parques e sistemas estruturantes acompanhada dos elementos fundamentais do Programa de Acção. O presente relatório consolida esta proposta enquanto Rede de Parques Metropolitanos do Porto tendo beneficiado de uma nova fase de articulação com as Câmaras Municipais e de mais algum trabalho de campo e de pesquisa.

A proposta de uma Rede de Parques Metropolitanos do Porto toma por base instrumentos de política de base relevantes para a área de estudo quer no plano nacional, como por exemplo o Programa Nacional de Política de Ordenamento do Território (PNPOT), o Plano Regional de Ordenamento do Território da Região Norte (PROTNorte), o Plano Estratégico Nacional do Turismo ou a Estratégia Nacional para a Conservação da Natureza e da Biodiversidade, quer no plano das directivas e políticas europeias e internacionais.

O PNPOT estabelece seis Objectivos Estratégicos para o país e considerou-se que o Projecto se enquadrava prioritariamente no primeiro objectivo – Conservar e valorizar a biodiversidade, os recursos e o património natural, paisagístico e cultural, utilizar de modo sustentável os recursos energéticos e geológicos, e monitorizar, prevenir e minimizar os riscos – sendo que se entende que este objectivo ganha dimensão quando enquadrado pelo espírito dos outros objectivos relacionados com a competitividade, a equidade e a coesão territoriais.

Por sua vez, a proposta suporta-se na Estrutura Regional de Protecção e Valorização Ambiental definida para a Região Norte (Figura 1.1.) e particularmente na estrutura ecológica do arco metropolitano (NUTS Cávado, Ave, Tâmega, Grande Porto e Entre Douro e Vouga) definidas no âmbito do PROTNorte (Figura 1.2.).

No panorama político-estratégico nacional, a sustentabilidade assume cada vez mais um papel central nas diversas opções tomadas e

Figura 1.1. Estrutura Regional de Protecção e Valorização Ambiental

Fonte: PROTNorte. CCDRN. CIBIO, 2007.

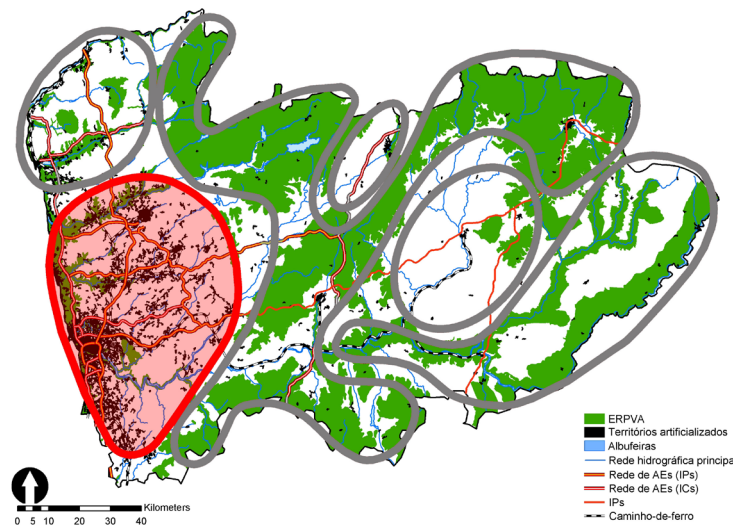
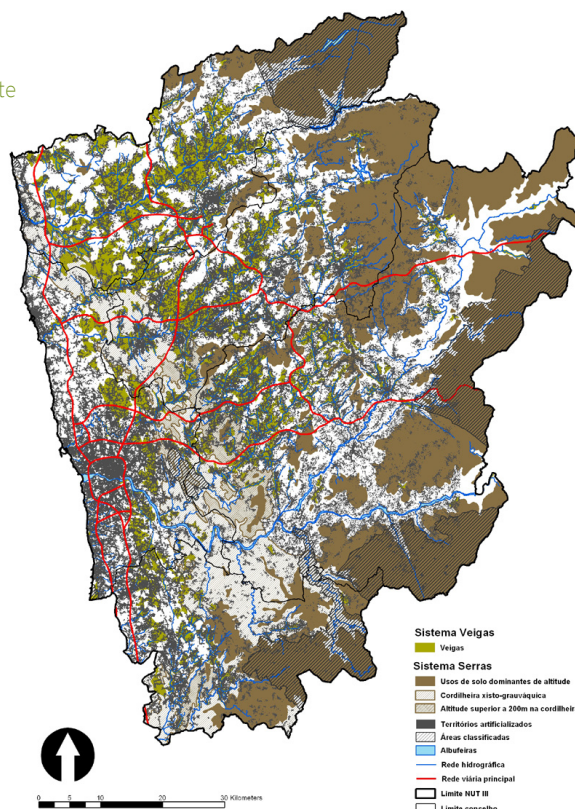


Figura 1.2. A Estrutura Ecológica do arco metropolitano do noroeste

Fonte: IGEOE, INETI, DRAEDM, ICNB, CLC00
PROTNorte. CCDRN. LET/FCUP, 2008



assim, desejavelmente, determina e encaminha a distribuição das actividades humanas no território. Nesta óptica, a proposta de uma Rede de Parques Metropolitanos, pela sua natureza estratégica, surge como uma oportunidade de pôr em prática, testar e desenvolver algumas medidas que fazem parte da Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (2005-2015), aprovada em Junho de 2006.

Para efeitos da presente proposta, entendeu-se por uma **Rede de Parques** o conjunto de sítios que, pelos seus valores naturais e/ou culturais e pela sua dimensão funcional ecológica ou ambiental são considerados relevantes e/ou estratégicos para a consolidação de uma estrutura ecológica de dimensão regional/intermunicipal. Assenta não só no conhecimento da expressão da estrutura ecológica metropolitana mas também na sua matriz e funções respectivas. Por outro lado, considera-se que uma rede de parques é um instrumento para a identidade e competitividade e uma oportunidade para a qualificação e fruição da paisagem da AMP.

Ao longo do Projecto, a designação 'sítio' manteve-se como um conceito abrangente sob o ponto de vista conceptual e de escala e em função do momento de trabalho. Na fase de levantamento distinguiu-se entre **Sítios Existentes ou Potenciais** e **Sistemas Estruturantes**.

Na fase de levantamento de **Sítios Existentes e Potenciais** procedeu-se ao inventário e diagnóstico de sítios à escala do concelho incluindo a identificação dos valores naturais e culturais, e também da 'memória dos sítios', assim como de infra-estruturas viárias e equipamentos e uma apreciação global do respectivo estado de conservação. **Sítios Existentes** consistem em espaços públicos ou acessíveis ao público que tanto podem ser jardins, parques, montes, estações arqueológicas, lugares sagrados ou largos que apresentam um conjunto mínimo de infra-estruturas de suporte a actividades recreativas como seja a presença de zonas de estadia, parques de merendas, parques infantis, zonas de recreio ou desporto, cafés ou restaurantes, locais de feira, culto ou festa, percursos, estacionamento, miradouros, etc. **Sítios Potenciais** não possuem infra-estruturas evidentes de apoio ao recreio mas possuem uma importância de valor ou funcional para informar a constituição da rede, independentemente do seu regime de proprieda-

de. A sua identificação pode ter origens diversas resultantes das mais variadas fontes de informação desde trabalhos de investigação de natureza monográfica a trabalho de campo ou estudos realizados por entidades públicas e privadas.

O levantamento dos **Sistemas Estruturantes** serviu à compreensão da dimensão funcional da rede com base num trabalho de aprofundamento do conhecimento dos Sítios, mas agora associados aos grandes sistemas naturais/unidades de paisagem da área em estudo. Foram identificados sistemas ribeirinhos, viários e históricos. O Relatório Final privilegia os ribeirinhos enquanto corredores que asseguram a conectividade ecológica (água e biodiversidade) da rede de parques. Anteriormente foram identificados nomeadamente sistemas de natureza cultural, como os viários associados a caminhos de ferro (Linhas da Póvoa e do Vouga) e históricos (Caminhos de Santiago). No entanto, considerou-se que o estudo deste tipo de sistemas implicava uma abordagem especializada que transcendia o Projecto. Também se prescinde no Relatório Final da inclusão do levantamento de dois sistemas de natureza montanhosa e que foram designados Freita e Serras Orientais (Santa Justa, Pias, Castiçal, Flores, Santa Iria e Banjas) por implicarem uma maior sistematização do conhecimento que não se revelava pertinente para a consistência da proposta final.

O presente relatório, conforme referido, apresenta uma proposta da Rede de Parques Metropolitanos do Porto que valoriza apenas os sítios considerados de dimensão metropolitana e que foram designados por **Parques e Corredores**. Os Parques são de tipologia diversa, desempenham funções diversas e/ou complementares a diferentes escalas desde a local à metropolitana - e mesmo nacional, como é o caso da Serra da Freita. Por sua vez, um conjunto de sítios de interesse local e/ou

nacional (identificados entre os Sítios Existentes e Potenciais) podem integrar um Parque ou um Corredor em que eles se assumem como **Pólos** que estruturam o Parque metropolitano. Os **Pólos** apresentam diferentes níveis de conservação e de infra-estruturação ou possuem o potencial para serem infra-estruturados enquanto espaços públicos de recreio e lazer. Por sua vez, são considerados 1) espaços estratégicos para a reabilitação da identidade territorial de uma área metropolitana cuja paisagem evolui e ainda se mantém em profunda transformação e 2) espaços prioritários para a prestação de serviços ambientais à escala metropolitana e regional.

Os **Parques Metropolitanos** são áreas delimitadas de qualidade paisagística elevada, espaços de convergência e salvaguarda de valores naturais e culturais, a serem estruturados para o recreio e o turismo em função da distribuição dos Pólos, existentes e a criar, e de uma rede de circulação, viária e pedonal. Os **Corredores Metropolitanos** são estruturas lineares de conectividade entre os Parques, não necessariamente estruturadas enquanto espaços de recreio mas aos quais pode ser atribuída importância enquanto espaços prestadores de serviços ambientais ou de circulação de bens e serviços de natureza identitária. Os Parques Metropolitanos possuem as seguintes tipologias: Monte, Vale, Paisagem Cultural e Litoral e os Corredores Metropolitanos são de natureza ribeirinha.

A **Figura 1.3.** procura sintetizar e articular conceitos-chave que presidiram à definição da proposta de Rede de Parques adoptando a sustentabilidade como elemento central. Estes conceitos-chave foram apresentados no 1º Relatório de Progresso. A proposta reconhece o facto de se tratar de uma Rede de Parques inserida numa área metropolitana com a presença de elevadas densidades populacionais onde o

Figura 1.3. Os conceitos-chave de suporte à proposta da Rede de Parques



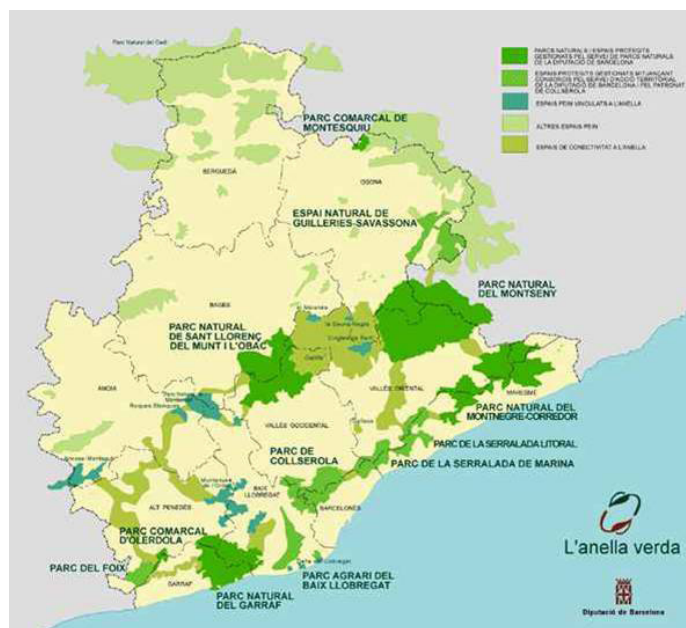
modelo territorial se tem vindo a afirmar como de natureza policêntrica e a distribuição das redes viárias tem sido intensamente densificada nos últimos 20 anos. Por sua vez, a AMP está associada a um território em que os valores conservacionistas são escassos e onde a presença

da Rede Nacional de Áreas Protegidas não tem expressão sendo de assinalar a existência de apenas três Sítios da Rede Natura, a saber, Esmoriz/Paramos, Serras de Valongo e Freita/Paiva.

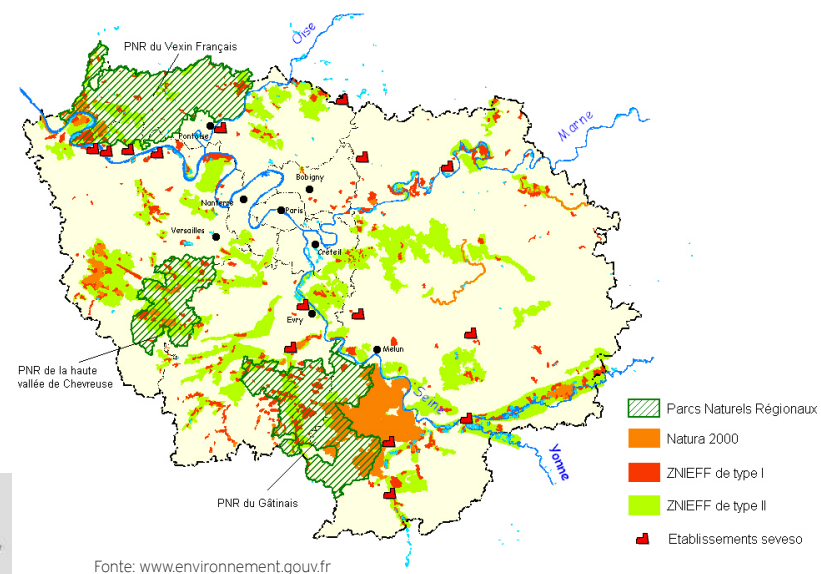
A proposta de uma Rede de Parques Metropolitanos do Porto é encarada como uma oportunidade de recriação da paisagem e de qualificação da mesma e que tem por objectivo contribuir para a promoção da AMP como um espaço de excelência quer sob o ponto de vista ambiental quer social e económico visando criar espaços para a sensibilização e celebração da paisagem, permitindo ao Homem ter contacto com o seu contexto natural e cultural, apreendendo a sua diferença e a sua identidade territorial.

A constituição da Rede de Parques tem assim por objectivo a optimização do(s) modelo(s) de gestão da fruição e da imagem e a identificação de uma hierarquia e complementaridade de funções na área de estudo. Reclama o conhecimento da paisagem da área de estudo, das dinâmicas nela instaladas e das populações a quem a rede vai servir assim como de uma avaliação de recursos para a sua implementação. A criação de redes de parques metropolitanos faz parte das dinâmicas actuais de muitas áreas metropolitanas a que a AMP tem escapado, sendo que no contexto nacional a Área Metropolitana de Lisboa é possuidora de um notável número de parques e reservas naturais. Apenas se apresentam aqui como meras referências as redes de parques das áreas metropolitanas de Barcelona, Paris e Milão (Figura 1.4). Estas três imagens reportam-nos para modelos de referência de redes de parques entendidas como elementos funcionais e complementares da cidade e possuidores de um programa marcadamente urbano.

Figura 1.4. Redes de parques das áreas metropolitanas de Paris, Milão e Barcelona.



Fonte: www.fedenatur.org



Fonte: www.environnement.gouv.fr



Fonte: www.provincia.mi.it

1.2 Área de estudo

O trabalho na sua totalidade abrange os dezasseis concelhos da AMP, num total de 1575 Km² sendo que se trata de uma área com cerca de 1,7 milhões de habitantes (Quadro 1.1.).

Quadro 1.1. Concelhos, áreas, população e número de freguesias

CONCELHO	Área (Km ²)	Pop. Resid. (2006)	N.º Freg.
Arouca	329	23.874	20
Espinho	21	30.649	5
Gondomar	132	171.881	12
Maia	83	135.700	17
Matosinhos	62	169.104	10
Oliveira de Azeméis	163.5*	70.721*	19*
Porto	41	227.790	15
Póvoa de Varzim	82	66.216	12
Santa Maria da Feira	215	145.247	31
Santo Tirso	136	70.915	24
São João da Madeira	8	21.706	1
Trofa	72	40.029	8
Vale de Cambra	68**	24.798**	9**
Valongo	75	94.344	5
Vila do Conde	149	76.795	30
Vila Nova de Gaia	169	307.444	24
GAMP	1.642	1.677.213	242

Fonte: Carta Administrativa Oficial de Portugal (CAOP), 2007; INE, 200

* www.ine.pt, dados de 2006

** www.ine.pt, dados de 2001



1.3 Metodologia de trabalho

A **Figura 1.6.** apresenta a metodologia de trabalho para a delimitação da Rede de Parques e definição de linhas programáticas. Desenvolveu-se em três momentos independentes mas sobreponíveis: **1 - Levantamento e diagnóstico, 2 - Definição de tipologias e delimitação da rede de parques metropolitanos e 3 - Identificação do Plano de Acção: linhas programáticas.**

O levantamento e diagnóstico dos sítios foram desenvolvidos segundo duas linhas de trabalho: 1) Sítios Existentes ou Potenciais e 2) Sistemas Estruturantes.

O levantamento dos Sítios Existentes e Potenciais correspondeu a três fases distintas preparatórias do trabalho de campo. A Fase I envolveu uma pesquisa na Internet, com destaque para os sites das Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, Instituto Português do Património Arquitectónico, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana e Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. Pretendia-se um levantamento expedito de valores indiciadores de espaço público, no pressuposto que o território em causa tem uma 'tradição' de espaço público fortemente associada à presença de espaços de feira e culto (adros e largos) localizados quer em pontos altos ou de meia encosta - locais de peregrinação ou romaria - quer nos aglomerados populacionais. A valia patrimonial quer natural quer cultural também está fortemente associada às frentes ribeirinha e litoral proporcionando igualmente espaços de lazer de referência: praias e percursos. A Fase II constou numa primeira reunião da equipa técnica com as Câmaras Municipais onde com maior rigor se aferiu a primeira fase assim como permitiu completar com a informação relativa a novos jardins ou parques públicos construídos sobretudo nos últimos 10-20 anos assim como identificar projectos em carteira ou apenas intenções. Si-

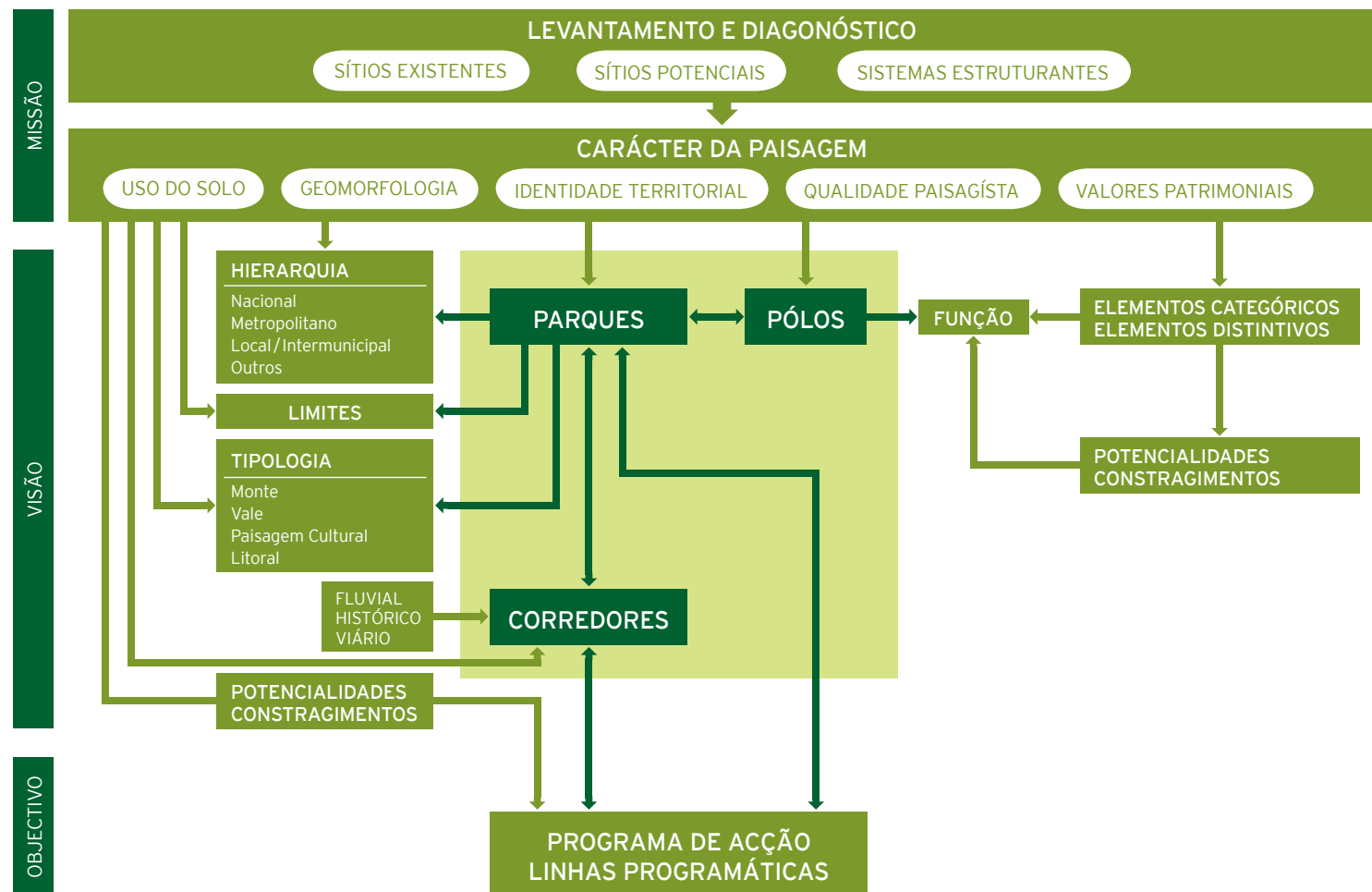
multaneamente, as reuniões com as Câmaras Municipais permitiram a cedência de importantes contributos ao nível de bases de dados cartográficas, monográficas e orto-fotomapas que permitiram suportar a respectiva representação espacializada dos sítios. A Fase III correspondeu ao início dos trabalhos de campo mediante uma análise e selecção dos registos identificados na Fase II.

Os levantamentos resultaram em fichas de diagnóstico de natureza descritiva e iconográfica privilegiando a identificação de valores patrimoniais naturais e culturais. Estas fichas de diagnóstico destinavam-se a ser aferidas pelas Câmaras Municipais e serviam de base à definição de tipologias e à delimitação e espacialização da Rede de Parques Metropolitanos, estruturada por Parques e Corredores Metropolitanos, e à identificação de sítios/espços públicos ou privados de acesso público de nível local ou intermunicipal.

A informação resultante das referidas fichas foi fundamental para a definição do carácter da paisagem, factor de distinção dos Parques identificados. A concentração de valores paisagísticos e patrimoniais associada à geomorfologia foram cruciais no reconhecimento da identidade territorial dos espaços, determinando assim a identificação e delimitação dos Parques.

Para cada Parque foi definida uma hierarquia que corresponde a uma escala de importância que se considerou que cada um desempenha na AMP. A tipificação de cada Parque é importante, pois define a funcionalidade e viabilidade de cada um e do sistema dinâmico que se pretende da própria Rede de Parques Metropolitanos, identificando os elementos que a caracterizam e que determinam o seu papel. Desta forma, a geomorfologia foi um dos elementos mais determinantes desta tipificação, bem como a forma de humanização das paisagens, chegando-se assim a quatro tipologias: monte, vale, paisagem cultural

Figura 1.6. Metodologia de trabalho



e litoral. Os corredores identificados inicialmente distribuíam-se por três tipologias: fluvial, histórica e viária porém, conforme já referido, privilegiou-se os de natureza fluvial ou ribeirinha.

Tal como também já referido, cada Parque integra Pólos que correspondem maioritariamente a sítios identificados na fase de levantamento e que são importantes como locais de identidade e com potencial enquanto pontos de interesse na lógica do Parque. Para cada um destes Pólos foram identificados os principais elementos que o compõem com a seguinte estrutura: Elementos Categóricos - elementos estruturantes do Pólo e através dos quais a população se identifica com o espaço; Elementos Distintivos - os factores que marcam o espaço pela diferença; Elementos Indutores - elementos que se considera poderem ser o motor para atingir os objectivos definidos na tipologia. Uma vez feita a representação da espacialização da rede, iniciou-se o esboço do plano de acção. Com base na tipologia e na identificação das potencialidades e constrangimentos definiu-se um conjunto de linhas programáticas.

1.4 Estrutura do relatório

O relatório está organizado em três capítulos. Depois deste capítulo introdutório com a definição de objectivos, conceitos e definições, metodologia de trabalho, segue-se o segundo capítulo com a apresentação da Proposta de Rede de Parques Metropolitanos do Porto ao qual se segue o terceiro capítulo onde se encontra o Atlas da Rede de Parques Metropolitanos do Porto contendo uma ficha por Parque Metropolitano e, finalmente, o quarto capítulo com uma referência ao levantamento de Corredores e Sítios.

O Relatório Final é composto ainda por três anexos:

Anexo A - Sistemas Estruturantes (Antuã, Arda, Ave, Caima, Douro, Febros, Inha, Leça, Paiva, Sousa e Ferreira, Tinto e Torto e Uíma) associados aos principais corredores ribeirinhos da AMP.

Anexo B - Fichas dos Sítios por concelho (Arouca, Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Oliveira de Azeméis, Porto, Póvoa de Varzim, S. João da Madeira, Santa Maria da Feira, Santo Tirso, Trofa, Vale de Cambra, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia). Congrega o trabalho de identificação e levantamento dos sítios por concelho disponibilizando-se desde já os conteúdos para inserção no portal da AMP.

Anexo C - Princípios Orientadores para a Gestão Sustentável dos Espaços Verdes Públicos ou Privados de Acesso Público. Cadernos de Boas Práticas: Projecto, Construção e Manutenção. Apresentação de Estudos de Caso (Quinta do Engenho Novo, Santa Maria da Feira, Monte Murado, Vila Nova de Gaia, Parque de S. Pedro de Avioso, Maia, Monte S. Brás, Matosinhos, Parque de Real, Matosinhos e Parque da Cidade, Valongo).

CAPÍTULO 2

PROPOSTA DE UMA REDE DE PARQUES METROPOLITANOS DO PORTO

Neste capítulo apresenta-se a Proposta de Rede de Parques Metropolitanos. É constituída por Parques e Corredores sendo que estes desempenham um papel complementar na medida em que se tratam de corredores ribeirinhos que asseguram as dinâmicas da paisagem e dos ecossistemas sob o ponto de vista hídrico, são repositório de habitats e valores patrimoniais de distinção e são estruturas de conectividade, nomeadamente sob o ponto de vista das espécies.

Os Parques propostos são onze e distribuem-se de acordo com a seguinte tipologia:

- **MONTES:** Parque das Brisas, Parque da Freita, Parque do Montalto, Parque de Monte Córdova e Parque do Salto;
- **VALES:** Parque do Douro, Parque do Leça e Parque do Tinto Torto;
- **PAISAGENS CULTURAIS:** Vale do Arda e Vila do Conde;
- **LITORAL:** Parque do Mar.

Os Parques de Monte Córdova e Salto extravasam o território da AMP, respectivamente para os concelhos de Paredes e Penafiel pelo que não estão totalmente suportados por bases cartográficas na medida em que estas autarquias não estiveram integradas no Projecto pois não pertencem ao espaço AMP e, por isso, as bases de dados não lhes foram solicitadas.

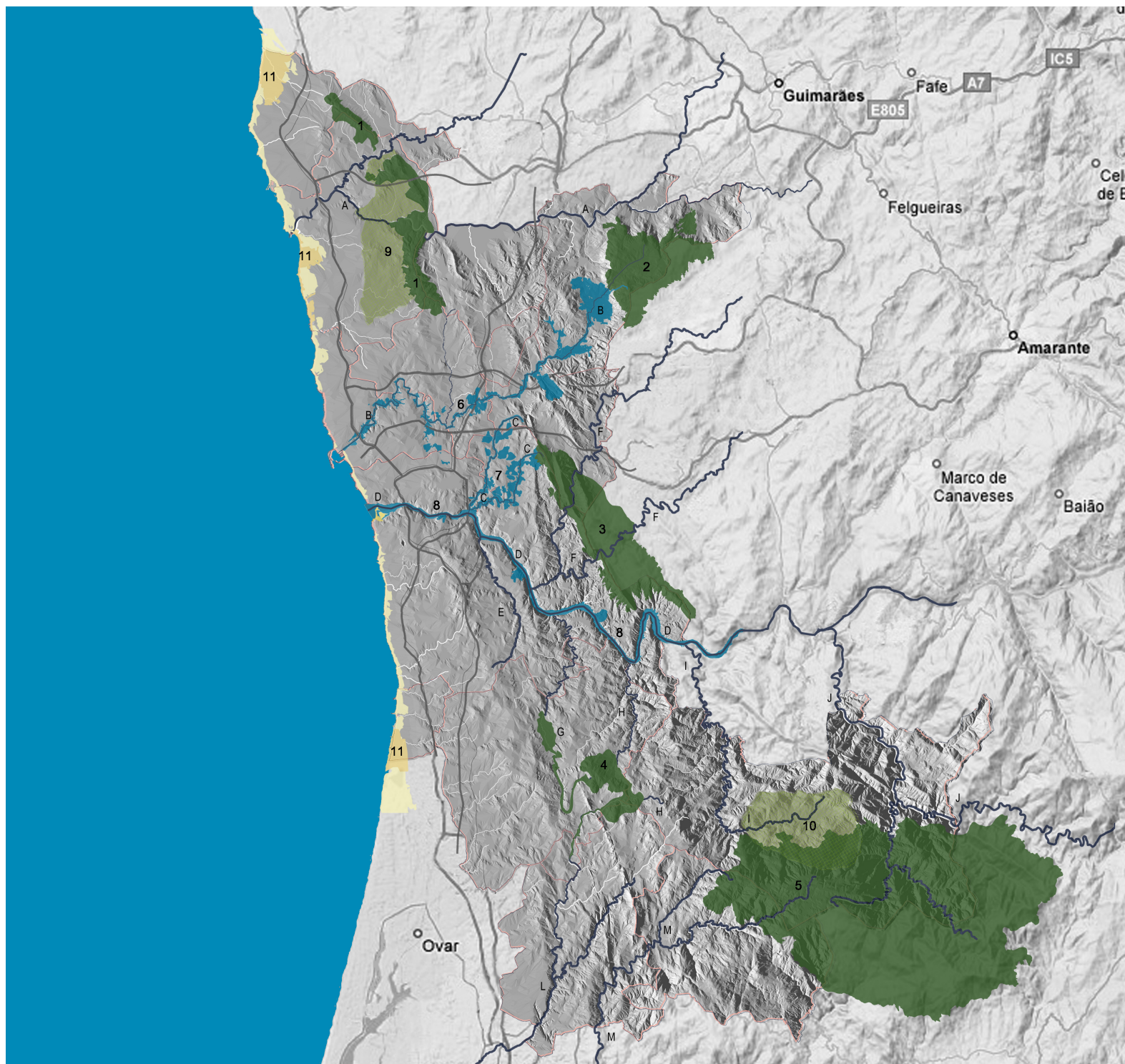
Os Parques correspondentes à tipologia designada de vale acabam por ser uma evolução de três Sistemas Estruturantes: Douro, Leça e Tinto e Torto. Os restantes Corredores são o Febros, o Inha, o Paiva (Sítio Rede Natura 2000), o Sousa e Ferreira, o Uíma, o Arda, o Caima e Antuã. Os Corredores reclamam uma intervenção diferenciada dos Parques mas articulada sob o ponto de vista da sua gestão, sendo que eles acabam por ter uma abordagem específica de natureza sectorial nomeadamente no âmbito dos Planos de Bacia.

A área proposta para integrar a Rede de Parques Metropolitanos do Porto corresponde a 22,6% da área total da AMP. Os valores distribuem-se conforme o **Quadro 2.1.**

Quadro 2.1. Áreas dos Parques

Parque das Brisas	2.800 (ha)
Parque de Monte Córdova	3.600 (ha)
Parque do Salto	5.100 (ha)
Parque de Monte Alto	1.826 (ha)
Parque da Freita	11.229 (ha)
Parque do Leça	2.542 (ha)
Parque do Tinto e Torto	973 (ha)
Parque do Douro	4.300 (ha)
Paisagem Cultural de Vila do Conde	3.664 (ha)
Paisagem Cultural do Vale do Arda	4.121 (ha)
Parque do Mar	2.320 (ha)
TOTAL	42.475 (ha)

Ao presente capítulo segue-se o terceiro capítulo intitulado Atlas da Rede Parques Metropolitanos e organizado por Parques em que se procura apresentar a **missão** de cada parque no contexto metropolitano com base no carácter da respectiva paisagem, na sua localização geográfica e nos respectivos valores e oportunidades, a **visão** suportada numa primeira elencação das potencialidades e constrangimentos e um esboço dos objectivos enquanto **linhas programáticas**, já na perspectiva da definição do Plano de Acção respectivo. As linhas programáticas foram organizadas de acordo com a seguinte distribuição Qualificação da Paisagem, Qualificação Ambiental, Circulação, Acolhimento e Sinalética, Emprego.



PARQUES

Montes

- 1 Parque das Brisas
- 2 Parque de Monte Córdova
- 3 Parque do Salto
- 4 Parque de Montalto
- 5 Parque da Freita

Vales

- 6 Parque do Leça
- 7 Parque do Tinto Torto
- 8 Parque do Douro

Paisagens Culturais

- 9 Paisagem Cultural de Vila do Conde
- 10 Paisagem Cultural do Vale do Arda

Litoral

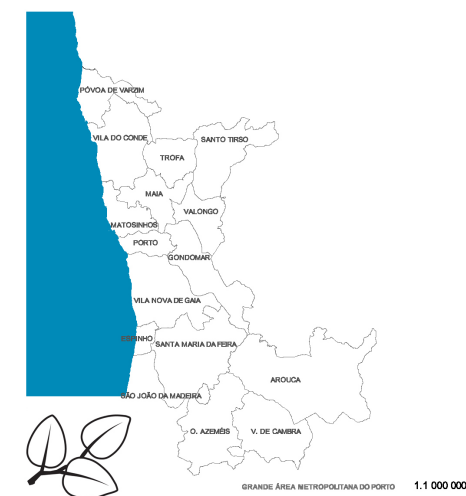
- 11 Parque do Mar

Corredores

CORREDORES

- A Corredor do Ave
- B Corredor do Leça
- C Corredor do Tinto Torto
- D Corredor do Douro
- E Corredor do Febras
- F Corredor do Sousa e Ferreira
- G Corredor do Uima
- H Corredor do Inha
- I Corredor do Arda
- J Corredor do Paiva
- L Corredor do Antuã
- M Corredor do Calma

Limite dos concelhos



Sendo que o objectivo principal do Projecto era a identificação da Rede de Parques Metropolitanos impõe-se agora definir os cenários para a passagem à acção ao nível político e técnico para identificar os mecanismos de implementação e os caminhos para a apropriação da rede pelos seus potenciais utilizadores quer sejam os visitantes com diversas motivações quer sejam os empresários – residentes ou não – que identifiquem na rede uma oportunidade de negócio quer sejam os investigadores que encontrem nos parques verdadeiros ‘laboratórios’.

Uma vez apresentada a Proposta, interessa enfatizar o conceito de parque metropolitano enquanto instrumento gerador de dinâmicas sociais e económicas e potencial criador de coesão e identidade territoriais e competitividade e também enquanto territórios de oportunidade para a promoção de serviços ambientais e não tanto os aspectos relacionados com os seus limites territoriais e a propriedade dos espaços. Desde já se pretende deixar claro que se reconhece ter pertinência a transposição das propostas aqui apresentadas para os instrumentos de gestão territorial, nomeadamente os PDM assim como o seu eventual enquadramento no quadro geral da política de conservação da natureza, da paisagem ou do património cultural. No entanto, estas matérias terão de ser equacionadas em sede própria. Uma vez ressaltada esta dimensão do Projecto importa enunciar as acções com vista à implementação da rede.

Sob o ponto de vista operativo, considera-se que o primeiro passo deveria passar pela criação de grupos de trabalho de natureza intermunicipal com o apoio de consultores tendo em vista a produção de um plano de acção que valide a missão e a visão agora propostas, fortalecendo-as sob o ponto de vista da sua inserção ao serviço da área metropolitana e do nível nacional/regional e mesmo europeu. Em termos de acções prioritárias, defende-se que elas privilegiem os Pólos identificados – ou a identificar – enquanto espaços primeiros de con-

gregação de sinergias tendo como elemento de trabalho os Cadernos de Boas Práticas quer no respeitante aos princípios orientadores quer quanto aos conteúdos. Os cadernos encontram-se no anexo C.

A concepção do Modelo de Gestão da Rede de Parques Metropolitanos do Porto reclama um nível diferente de actuação sendo que implica uma entidade coordenadora que congregue parcerias para os aspectos de natureza mais estratégica e transversal seja a comunicação seja a concertação de políticas e meios. O Modelo de Gestão deve contemplar a elaboração de Planos de Gestão como instrumentos de gestão de cada Parque Metropolitano que incluam os planos de financiamento, inclusive de um plano de negócios que contemple a Intervenção (Comunicação, Visitação, Infra-estruturas de Recreio, Rede Viária, Rede Pedestre, Património Natural e Património Construído), a Manutenção e a Monitorização.

Para a eficácia do projecto aponta-se ainda a necessidade de todo um trabalho ao nível da comunicação e mobilização sendo necessário elaborar um Plano de Comunicação que contemple diversos públicos-alvo, desde os gestores e técnicos ligados à área da gestão, projecto e manutenção de parques ao cidadão comum, nomeadamente na perspectiva do utilizador.

CAPÍTULO 3

ATLAS DA REDE DE PARQUES METROPOLITANOS DO PORTO

MONTES

Parque das Brisas
Parque Monte Córdova
Parque do Salto
Parque de Montalto
Parque da Freita

VALES

Parque do Leça
Parque do Tinto Torto
Parque do Douro

PAISAGENS CULTURAIS

Paisagem Cultural de Vila do Conde
Paisagem Cultural do Vale do Arda

LITORAL

Parque do Mar

MONTES



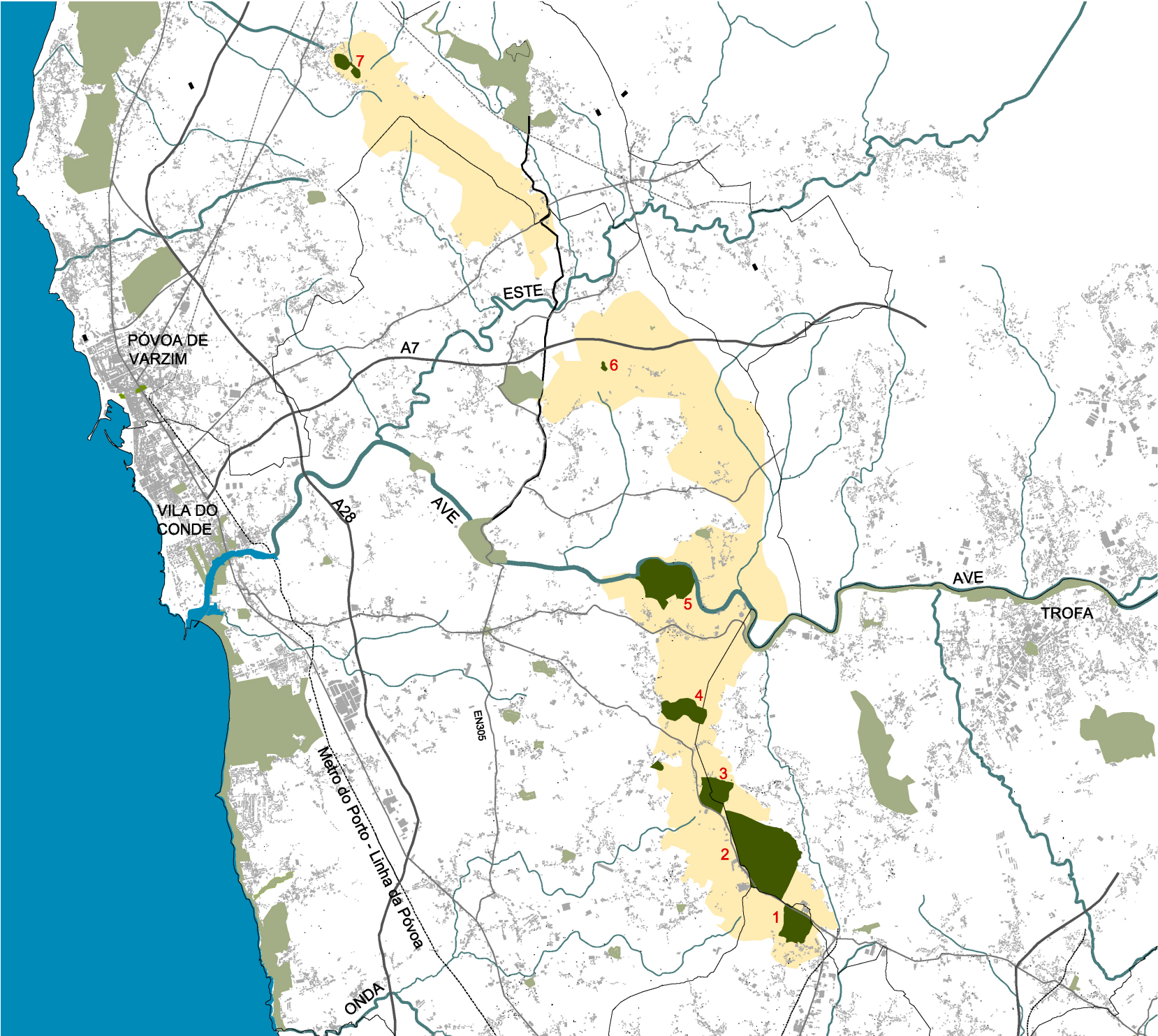
TIPOLOGIA: MONTE

ÁREA (ha): 2800

CONCELHOS ABRANGIDOS:
Maia, Vila do Conde, Trofa, Póvoa do Varzim

- PÓLOS:**
- 1 Parque de Avioso
 - 2 Castro de Alvarelhos
 - 3 Monte de Sta. Eufémia
 - 4 Pedreira de Vila Verde
 - 5 Mata das Freiras
 - 6 Cidade de Bagunte
 - 7 Monte de S. Félix

- Rios
- Limite dos concelhos
- Ocupação urbana
- Caminho de S. Tiago



PARQUE DAS BRISAS

Missão

O Parque das Brisas desenvolve-se ao longo de uma pequena cordilheira atlântica paralela ao litoral, através dos concelhos da Maia, Vila do Conde, Trofa e Póvoa de Varzim. Esta cordilheira, rompida pelos vales dos Rios Ave e Este, é constituída por um conjunto de pequenas elevações: Monte Grande, Santa Eufémia, Marão, Cividade, Queimado Alto e S. Félix. A cota máxima é de 246 metros no santuário de Santa Eufémia que, tal como a restante área, possui uma ampla bacia visual com destaque para a grande amplitude visual para poente, em direcção ao mar.

Este espaço encontra-se dotado de um conjunto de sítios que inclui desde o Parque Urbano de Avioso, a antigos espaços de culto e romaria como S. Félix e Santa Eufémia, às estações arqueológicas de Alvarelhos e Bagunte. Estes sítios, uma vez devidamente potenciados e articulados entre si numa lógica de complementaridade de prestação de serviços reúnem condições para assegurar o seu uso e procura enquanto Pólos de um Parque Metropolitano assumido como uma unidade e destino de recreio numa grande proximidade de aglomerados urbanos e do litoral. Contudo, a diferença de nível de infra-estruturação e do estado de conservação destes sítios e a articulação entre si são obstáculos ao funcionamento deste parque enquanto unidade. Por outro lado, reclama uma estratégia de adequação e classificação da circulação quer automóvel quer pedonal assim como a qualificação da mancha florestal.

A área identificada como espaço de parque possui uma rede de estrada densa e com boa acessibilidade (EN 104, EN 206, EN306, EN 318 e EM 534), porém, de um modo geral, representa uma barreira e um perigo ao peão. Atravessa diversos aglomerados urbanos apresentando-se como canais de circulação de tráfego automóvel incluindo pesados, com ausência de espaço público para a circulação pedonal. A matriz paisagística do Parque das Brisas é constituída predominantemente pela

presença de povoamentos florestais mistos de eucalipto e pinheiro, com presença significativa de infestantes, sobre encostas suaves paralelas à costa de influência atlântica, pontuada por um conjunto de Pólos de natureza multi-funcional que convivem de forma próxima com intensa actividade empresarial e em que o recreio emerge como a oportunidade de criar conferir coesão territorial e diversidade de actividade económica e como factor qualificador da paisagem.

Visão

Potencialidades:

Vistas, espaços de romarias, espaços arqueológicos, parque urbano, pedreira, acessibilidade.

Constrangimentos:

- Rede de estradas com tráfego automóvel intenso, incluindo pesados; confronto do peão com os veículos automóveis.
- Povoamentos florestais vulneráveis à ocorrência de fogo com presença de espécies exóticas e de infestantes.

Objectivo - Linhas Programáticas

Identificaram-se os seguintes Pólos a integrar o Parque das Brisas:

Pólo Parque de Avioso, Pólo Castro de Alvarelhos, Pólo Monte de Sta. Eufémia, Pólo Pedreira de Vila Verde, Pólo Mata das Freiras, Pólo Cividade de Bagunte e Pólo Monte de S. Felix.

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação Florestal apostando na multifuncionalidade deste recurso (Produção, Protecção e Recreio);

- Qualificação das interfaces urbanas e industriais;
- Qualificação da interface com o corredor do Rio Ave;
- Recuperação paisagística da pedreira de Vila Verde;

Qualificação Ambiental:

- Requalificação Florestal apostando na multifuncionalidade deste recurso (Produção, Protecção e Recreio);
- Salvaguarda das nascentes e linhas de água;
- Criação de Bolsas de Biodiversidade (micro-reservas);
- Promoção e recuperação de infra-estruturas ecológicas.

Circulação:

- Qualificação da rede viária, em particular a EN 318 e a EM 534;
- Criação de uma rede de percursos e trilhos;
- Estabelecer trilhos de ligação entre o Parque das Brisas e o Corredor Ave.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Promoção de diferentes trilhos apoiados em centros de acolhimento a desenvolver suportados por infra-estruturas existentes ou a desenvolver.

Emprego:

- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo (natureza, religioso), gestão e manutenção do espaço florestal.



PÓLO PARQUE DE AVIOSO

O Parque de Avioso, na freguesia de São Pedro de Avioso, localiza-se numa encosta bastante acidentada com orientação predominante a Sul, a cerca de 150 metros de altitude e estende-se por cerca de 30 ha. O Parque possui duas entradas, equipadas com parque de estacionamento, posto de informação e segurança, com ceca de 4,5 km de percursos pedonais e cicláveis. A paisagem do parque emerge como um amplo espaço naturalizado, em evolução, onde intencionalmente se fomenta a instalação e o desenvolvimento da vegetação autóctone predominando como espécies arbóreas e arbustivas Sobreiros, Carvalhos, Pinheiros, Giestas, Urzes e Tojos potenciando a regeneração de habitats naturais próprios de zonas de encosta com exposição a Sul.

Como equipamentos de apoio ao parque encontram-se um restaurante, um centro de acolhimento, um núcleo de apartamentos, um circuito de manutenção, um lago artificial – nascente do Arquinho – e um parque infantil. Para a prevenção de incêndios existem no local várias torres de vigia sendo que o parque está delimitado por um gradeamento que o separa esta área da envolvente caracterizada por um vasto eucaliptal. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Circuitos de manutenção, bar/restaurante, ciclovias.
- **Elementos distintivos:** Coberto vegetal em regeneração; parque equipado com infraestruturas (estacionamento, restaurante, pousada, etc.).



PÓLO CASTRO DE ALVARELHOS

O castro de Alvarelhos no concelho da Trofa está classificado como Monumento Nacional, DL 16/06/1910; ZEP Portaria n.º 105/93. Este povoado fortificado localiza-se num contraforte do monte de Santa. Eufémia, sobranceiro ao vale da ribeira da Aldeia, afluente do Ave. Insere-se numa elevação de vegetação rasteira, à altitude de 218 metros, num contexto essencialmente agrícola e florestal (eucaliptal). A estação é vizinha da Quinta do Paço localizada na vertente virada a nascente. A área da estação arqueológica encontra-se densamente arborizada com eucalipto e pinheiro, sendo que, nas clareiras correspondentes à área das escavações, se assiste à regeneração do carvalhal. Na área envolvente, estão presentes assentamentos agrícolas e um carvalhal de tamanho considerável.

Este grande povoado foi inicialmente investigado em 1899 e, desde aí, tem sido alvo de várias campanhas, as últimas das quais da iniciativa da Câmara Municipal da Trofa. “A estrutura do povoado ainda não se encontra bem definida. Ocupava uma área considerável no triângulo formado por S. Marçal, Sobre Sá e Monte Grande, com estruturas localizadas nas plataformas intermédias, onde se dispõem vários taludes. O castro teria três linhas de muralha detectadas, sendo provável a existência de mais duas.” (www.monumentos.pt)

“A localização deste povoado junto da importante via romana Bracara/Cale, aliada à grande expansão urbana que aparenta ter ocorrido no período romano, indica estarmos perante um importante aglomerado

secundário, não só pelas estruturas já exumadas, como também por diversos achados, entre os quais tesouros monetários e um notável fundo de uma pátera – vaso ritual em prata– com uma representação de Marte e inscrição com letras gravadas a ouro. A reorganização do espaço habitado, na época romana, esconde ou terá apagado os vestígios mais nítidos da Idade do Ferro, cuja extensão está comprovada pela descoberta de casas circulares no lugar de Sobre Sá. Contudo, o povoamento do local foi muito mais amplo, ocorrendo materiais datados do Bronze Final e vestígios de ocupação que se estendem até à Idade Média, sendo referido em fontes documentais do século X, conservando-se as ruínas de uma capela medieval.” (www.castrenor)

Como principais **constrangimentos** indica-se a falta de informação que, no entanto, resulta da fase inicial em que as escavações se encontram, da natural falta de infra-estruturação incluindo os acessos. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Castro, Povoamento florestal, Quinta do Paço.
- **Elementos distintivos:** Castro; oportunidades para actividades pedagógicas e educativas.



PÓLO MONTE DE SANTA EUFÉMIA

O Santuário de Santa Eufémia de Alvarelos, conhecido por Santa Eufémia da Carriça, está situado no ponto mais alto do Monte Grande (246 m). É um dos sítios privilegiados sob o ponto de vista das panorâmicas. No largo em volta da Capela destaca-se a existência de monumentais sobreiros centenários. Na mata envolvente proliferam eucaliptos e acácias. Do lado poente ascende-se ao largo através de um Calvário, de acesso a partir da EN 318, com a particularidade das suas rampas ajardinadas, acompanhadas por uma Via Sacra constituída por catorze capelas. Para além do Calvário, ascende-se à capela, pelo lado nascente, por um Escadório ladeado por alinhamentos de acácias.

O largo é amplo, pontuado por exemplares arbóreos notáveis, conforme já referido, mas onde com certa desordem, proliferam diversos equipamentos: dois coretos; casa de cera; cruzeiro datado de 1904, habitações de arquitectura vernacular (albergue de romeiros?), com dois pisos, usadas como casas de veraneio, sendo que no piso inferior funcionam também áreas de comércio, abertas todos os dias de celebração de missa e realização de feira, equipamentos de restauração e comércio de carácter mais precário que se encontram abertas diariamente. Nas imediações existe em exploração uma zona de pedreira.

Trata-se de um sítio com uma grande visitação e actividade tendo mesmo um recente espaço próprio de feira.

Como principais **constrangimentos** indica-se a existência de espécies vegetais exóticas, risco de incêndio elevado, estacionamento desqualificado, mau estado de conservação da escadaria, desqualificação geral do adro. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Calvário, capela e adro, cruzeiro, romarias e equipamentos de apoio à romaria, escadório, sobreiros.
- **Elementos distintivos:** Calvário, sobreiros, vistas.



PÓLO PEDREIRA DE VILA VERDE

Inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Ave, no Monte Marão (altitude máx. 229m), a pedreira de Vila Verde, propriedade da BRITAVE S.A., localiza-se na freguesia de Fornelo, concelho de Vila do Conde, no limite com o concelho da Trofa. Com uma área de exploração de 21,5ha, esta pedreira explora uma jazida de granito de grão médio ou grosseiro, conhecido também como granito da Póvoa de Varzim. Orientada para Noroeste, enquadra-se numa área essencialmente florestal, dominada por povoamentos de eucaliptos e pinheiros. A área habitacional mais próxima situa-se a Noroeste, junto à Estrada Nacional 534 (Bairro residencial de Vila Verde).

Como principais **constrangimentos** indica-se o seu impacto visual e ambiental. Como **potencialidades** identifica-se a oportunidade de criação de um espaço com valias específicas através de um Plano de Recuperação Paisagística.



PÓLO MATA DAS FREIRAS

A Mata das Freiras constitui um maciço florestal na freguesia de Fornele na margem esquerda do rio Ave, sobre terrenos suaves e onde ao longo do rio se contam seis açudes. O acesso faz-se a partir da EN 104, em direcção ao lugar de Olaia, onde se encontra um conjunto interessante de casas de lavoura de raiz oitocentista, por vezes com toque brasileiro, como é o caso do edifício da Quinta de Porto Maia, a Casa do Arco datada de 1825 e a casa da Quinta das Águias.

Deixando a povoação de Olaia, espraia-se uma extensa área agrícola e, por entre muros de pedra, acede-se à mata, onde predominam eucaliptos e pinheiros bravos, identificando-se na bordadura carvalho-alvarinho. O rio Ave é acompanhado por uma densa galeria ripícola, descreve várias curvas, onde se distribuem azenhas e os açudes formando-se a montante destes pequenas ínsuas.

Nada se conseguiu ainda pesquisar sobre este local, apenas a toponímia, a elevada qualidade paisagística e a sua localização chamaram a atenção. Trata-se naturalmente de propriedade privada.



PÓLO CIVIDADE DE BAGUNTE

A Cidade de Bagunte, Monumento Nacional, localiza-se a Nordeste no Concelho de Vila do Conde, no Monte da Cidade que atinge os 206 metros de altitude e onde nascem linhas de água na sua maioria afluentes do Rio Este. A Cidade desenvolve-se sobre um terreno com pendentes moderadas, sendo o acesso efectuado pelo lado sul. Está envolvida por extensos terrenos agrícolas.

As diversas estruturas de granito em ruína que compõem a Cidade encontram-se no topo do monte, numa clareira caracterizada pela presença de afloramentos rochosos graníticos e revestimento de manchas de herbáceas e arbustivas, nomeadamente urzes e tojos e alguma regeneração do carvalhal (*Quercus robur*, *Quercus suber*). Na envolvente depara-se com grandes extensões de Eucaliptal e Pinhal, que revestem as encostas, bem como algumas clareiras agrícolas. Como principais **constrangimentos** indica-se o povoamento florestal circundante com elevado risco de incêndio. Como **potencialidades** identifica-se a oportunidade de criação de um espaço com valias específicas através de um Plano de Recuperação Paisagística.

- **Elementos categóricos:** Castro e Centro de Recepção Cidade de Bagunte.

- **Elementos distintivos:** Castro.



PÓLO MONTE DE S. FÉLIX

O Monte de São Félix, a Nordeste da cidade da Póvoa do Varzim, constitui o ponto mais alto do concelho, com 202 metros de altitude. Situa-se na Serra de Rates e proporciona uma vista panorâmica sobre a paisagem agrícola da Póvoa e o mar. Esta elevação encontra-se muito edificada, nomeadamente o cume, disputado pela capela dedicada a S. Félix, por moinhos de vento reconvertidos em habitações privadas, pela Estalagem S. Félix Parque, um cruzeiro e o escadório orientado a poente e encimado por uma grande peça escultórica dedicada aos emigrantes.

O coberto vegetal do monte é essencialmente constituído por áreas de eucaliptal e pinhal. Como principais **constrangimentos** indica-se a forte pressão urbanística e o povoamento florestal com elevado risco de incêndio. Como **potencialidades** identifica-se:

- **Elementos categóricos:** Lugar de romaria, capela de N. Sr.^a da Saúde, capela de S. Félix, castro de S. Félix, escadório, peça escultórica dedicada ao emigrante, miradouro, cruzeiro, moinhos de vento e vistas.
- **Elementos distintivos:** Vistas.

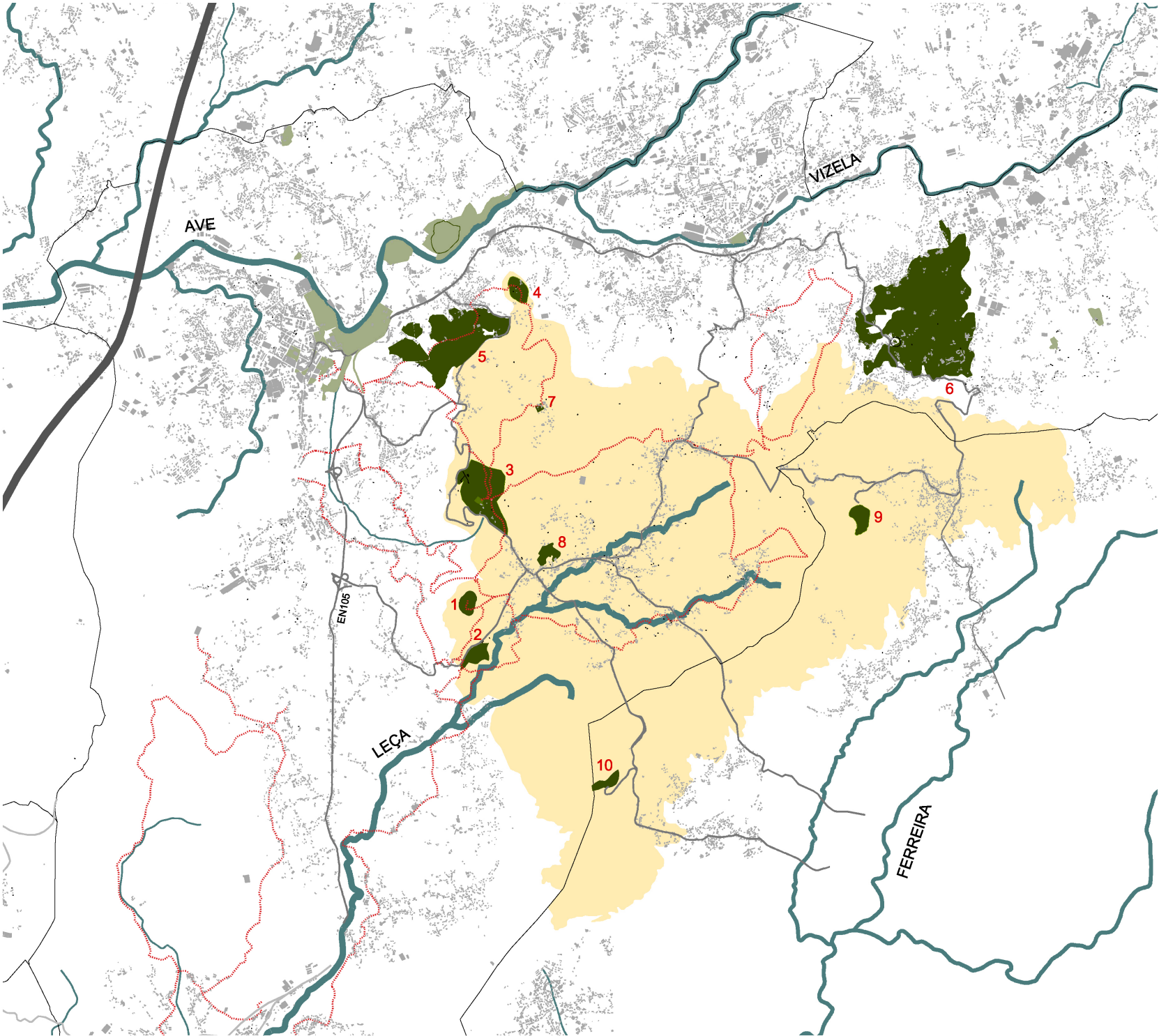
TIPOLOGIA: MONTE

ÁREA (ha): 3600

CONCELHOS ABRANGIDOS:
Santo Tirso, Paços de Ferreira

- PÓLOS:
- 1 Monte Padrão
 - 2 Carvalho de Valinhas
 - 3 Monte de Nossa Senhora da Assunção
 - 4 Monte de São João do Carvalhinho
 - 5 Vale de Burgães
 - 6 Vale de Roriz
 - 7 Capela de Santa Cruz
 - 8 Devesa de Valdrigo
 - 9 Citânia de Sanfins
 - 10 Monte de Nossa Senhora do Pilar

- Rios
- Limite dos concelhos
- Ocupação urbana
- Percursos pedestres



PARQUE DE MONTE CÓRDOVA

Missão

O Parque de Monte Córdova detém o seu nome da cadeia montanhosa que o define. Localizado a Nordeste da cidade de Santo Tirso, atingindo uma altitude de 420 metros, este Parque concentra, numa só área, um notável conjunto de valores naturais, culturais e patrimoniais, único no contexto metropolitano. Ele situa-se predominantemente no concelho de Santo Tirso mas estende-se ao concelho vizinho de Paços de Ferreira onde nomeadamente se situa a estação arqueológica de Sanfins de Ferreira e a Nossa Senhora do Pilar.

Monte Córdova marca a sua presença na paisagem distante pelo seu distinto perfil orográfico, coberto por floresta e pontuando no alto a basílica da Senhora da Assunção, igreja da autoria do arquitecto Korrodi, e um lugar antigo da devoção dos frades de Santo Tirso. Em Monte Córdova, nasce o rio Leça, no Monte de Santa Luzia, assim como diversos afluentes dos rios Ave e Ferreira. Possui uma íntima ligação ao vale do Ave e em particular à cidade de Santo Tirso onde se localiza o convento de São Bento e a sua cerca. O Parque de Monte Córdova tem uma significativa valia paisagística e simbólica e reúne valores naturais e culturais de excelência pelo que se assume como um parque metropolitano embora um pouco periférico mas que serve outras centralidades, na transição para o vale do Sousa. Possui um contributo identitário potencial muito elevado sendo que é beneficiado por uma boa acessibilidade. Para se assumir como um parque metropolitano reclama a qualificação da mancha florestal, na continuação de acções já em curso a nível local, assim como uma estratégia de articulação dos sítios a infra-estruturar enquanto Pólos sendo que tem já instalada uma rede de percursos pedonais.

São muitos os caminhos que sobem a Monte Córdova. A paisagem deste lugar tem ainda fortes marcas rurais convivendo com a proximidade de dinâmicas industriais e empresariais em particular nos vales do Ave e do Vizela. É um território de ocupação antiga como o revelam duas importantes estações arqueológicas do Norte de Portugal: Monte

Padrão e Sanfins de Ferreira. O Parque é bastante povoado nomeadamente nas cotas mais altas onde se estende a aldeia de Monte Córdova. Tem um mosaico de paisagem de matriz rural. Foram integrados neste Parque dois Pólos que constituem dois vales ricos em quintas, casas solarengas, campos de cultivo, matas e arquitectura religiosa e vernacular: o vale de Burgães e o vale de Roriz.

O sistema de vistas é particularmente rico, naturalmente com destaque para o santuário de Monte Córdova e Monte Padrão que lhe fica próximo. Monte Córdova tem sido chamado a “Sintra do Norte” por associação com a sua imagem enquanto monte densamente florestado e é igualmente uma formação granítica, rica em nascentes de água, beneficiando ainda da proximidade do Atlântico e povoado por imensos blocos de granito. Ao longo do rio Leça apreciam quedas de água de grande vigor e beleza assim como se localizam vários moinhos e engenhos. Durante o seu percurso, entre os lugares de Pereiras e Granja, o rio encontra um desnível de 150 metros numa extensão de 1,5 km, formando as “Quedas de Fervença”. Contudo, o património natural não se reporta somente ao rio, mas também aos carvalhais formados por indivíduos centenários.

Para além do santuário da Senhora da Assunção possui outros lugares sagrados notáveis sendo de referir, em primeiro lugar, a ligação entre a Capela Velha e a Senhora da Assunção, ao longo de linhas de água, e através de uma rede de caminhos que inclui um escadório. De destacar ainda as capelas da Senhora do Padrão, de Valinhas, Santa Luzia e de Santa Cruz assim como a proximidade do Monte de São João do Carvalhinho.

Toda a área proposta para Parque encontra-se servida por uma rede viária hierarquizada, sendo de salientar a EN 105, que contorna a parte noroeste, a EM558-1 e a EN319 que o atravessam. Está muito próximo da A3 que faz a ligação Porto Braga. Existe também uma rede de 6 percursos naturais, definidos pelo município de Santo Tirso e extensíveis à parte do Parque em Paços de Ferreira, que são:

Percurso 1: Pereiras, Azenha de Valinhas, Quedas de Fervença, Rio Leça e Monte Padrão;

Percurso 2: Quedas de Fervença, Redundo, Pereiras, Valinhas e Rio Leça;

Percurso 4: Santo Tirso, Alminhas, S. João do Carvalhinho, Santa Cruz, N. S. Assunção;

Percurso 5: Moinhos: Castro de Sta Margarida, Ribeira de Fojo, Coutada, S. Tomé de Negrelos;

Percurso 6: Vale do Leça: Guimarei, Lamelas, Água Longa, Agrela, Requenga, Refojos.

Embora detentor de tantas qualidades, este território possui algumas fragilidades, sendo que a presença massiva de infestantes e de povoamentos mistos de eucaliptos e pinheiros, afigura-se como o problema mais significativo que nomeadamente torna esta área mais susceptível à ocorrência de incêndios. Também como problema, mas em menor escala, encontra-se a presença de pedreiras e o mau estado do património cultural (moinhos e azenhas).

Visão

Potencialidades:

Percursos já estabelecidos com função lúdica, vistas, estações arqueológicas, elementos religiosos, romarias, moinhos, património natural (mata de carvalhos, Rio Leça, etc.), padrão agrícola de ocupação de solo.

Constrangimentos:

Presença de espécies exóticas e infestantes, vulnerabilidade ao fogo, confronto do peão com os veículos automóveis nos percursos já existentes, ausência de sinalética, infra-estruturas de apoio escassas, mau estado de conservação do património cultural, presença de pedreiras em exploração sem recuperação paisagística.

Objectivo: Linhas Programáticas

Identificaram-se os seguintes Pólos a integrar no Parque de Monte Córdova:

Pólo Monte Padrão, Pólo Carvalhal de Valinhas, Pólo Monte Sra. da Assunção, Pólo Monte São João do Carvalhinho, Pólo Vale de Burgães, Pólo Vale de Roriz, Pólo Capela de Santa Cruz, Pólo Devesa de Valdrigo, Pólo Citânia de Sanfins e Pólo Sra. do Pilar.

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação florestal apostando na multifuncionalidade deste recurso (produção, protecção e recreio);
- Recuperação paisagística das pedreiras;
- Qualificação das interfaces urbanas;
- Qualificação da interface com o Parque Leça no Pólo de Refojos de Riba d'Ave;
- Recuperação e reconversão do património construído, nomeadamente através do turismo de habitação.

Qualificação Ambiental:

- Requalificação florestal apostando na multifuncionalidade deste recurso (Produção, Protecção e Recreio);
- Melhoria das práticas agrícolas através da aplicação de medidas de gestão e monitorização de efluentes e resíduos agrícolas;
- Promoção e recuperação de infra-estruturas ecológicas;
- Salvaguarda das nascentes e das linhas de água;
- Criação de Bolsas de Biodiversidade (micro-reservas).

Circulação:

- Qualificação da rede viária;
- Criação de uma rede de percursos que abranja todo o parque.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Promoção dos diferentes trilhos através de postos de turismo;
- Criação e promoção de infra estruturas de turismo rural e de natureza;
- Promoção de actividades desportivas ao ar livre, com destaque para o ciclismo sendo que se trata de um circuito integrado na Volta a Portugal.

Emprego:

- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo (natureza, religioso, sazonal, habitação);
- Desenvolvimento de pacotes de oferta de actividades pedagógicas e desportivas;
- Criação de centros e de postos de trabalho na área da compostagem e gestão e monitorização das áreas florestais;
- Criação de oportunidades de investigação nas diferentes áreas artísticas, científicas e humanas.



PÓLO MONTE PADRÃO

O Monte Padrão situa-se a Sudoeste do Monte Córdova, a uma altitude de 413 m. Neste ponto, encontra-se um castro, com o mesmo nome, que remonta à Idade do Bronze Final (Século IX a.c.) e com intensa ocupação medieval no contexto da cristianização do Noroeste peninsular e a Capela de Nossa Senhora do Padrão. De **carácter religioso e arqueológico**, este espaço está equipado com um Centro Interpretativo inaugurado em 2008 e a envolvente apresenta uma mata de sobreiros em regeneração. Como principais **constrangimentos** indica-se o estacionamento precário. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Castro, capela da Senhora do Padrão, cruzeiro, Centro Interpretativo do Monte Padrão.
- **Elementos distintivos:** Castro, capela da Senhora do Padrão, mata de sobreiros, vistas.



PÓLO CARVALHAL DE VALINHAS

A Devesa de Valinhas é uma Área Florestal de Interesse Público e localiza-se a Este no concelho de Santo Tirso. É formada por um vale encaixado, onde nasce um pequeno curso de água afluente do Rio Leça, que atravessa a Devesa. Este espaço desenvolve-se entre os 260 metros e os 300 metros de altitude, localizando-se aqui acapela de Nossa Senhora de Valinhas no extremo Sudoeste a 270 metros de altitude.

A Devesa é um local privado de uso público, onde se encontra o Parque de Lazer de Nossa Senhora de Valinhas, existindo também, na encosta do outro lado da estrada (N558), um conjunto de moinhos de água em ruína. É um pequeno vale com um povoamento de exemplares centenários de *Quercus*, como Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) e Sobreiro (*Quercus suber*). Está em curso uma acção de Requalificação Florestal do Carvalhal de Valinhas e Área Envolvente. Distribuídas no espaço, existem mesas e bancos de pedra de granito, havendo ao longo da linha de água pequenas pontes/pasadiços, feitas com esteios de granito. Como principais **constrangimentos** indica-se os moinhos

em avançado estado de degradação e a envolvente constituída por eucaliptal. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Parque de Nossa Senhora das Valinhas/Devesa das Valinhas com espécies centenárias de carvalho alvarinho e sobreiro associados a uma linha de água, capela de Nossa Senhora das Valinhas, coreto, quedas de Fervença, parque de merendas de Pereiras (Rio Leça, Junto à Serra Hidráulica), coberto arbóreo notável (Carvalhos e Amieiros), parque de merendas, moinhos.
- **Elementos distintivos:** Coberto Arbóreo (Devesa das Valinhas e Pereiras), Quedas de Fervença.



PÓLO MONTE SRA. DA ASSUNÇÃO

Situada no topo do Monte Córdova, e detentora de uma ampla bacia visual, a Nossa Senhora da Assunção é um ícone na paisagem tirsense e metropolitana. Palco de grandes romarias, este espaço essencialmente arborizado por espécies invasoras, integra uma área que se estende entre a Basílica de Nossa Senhora da Assunção e a Capela Velha. Esta área remete-nos para uma paisagem pitoresca, onde por entre os penedos, o arvoredo denso e os caminhos sinuosos e inclinados, encontramos elementos de água e zonas de descanso. Como principais **constrangimentos** indica-se a presença de espécies exóticas e infestantes, e, por isso de pouco interesse do ponto de ecológico, sendo igualmente um espaço vulnerável à ocorrência de fogos. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Basílica e Parque de Lazer de Nossa Senhora da Assunção, Capela Velha e zona envolvente, escadório e romarias.
- **Elementos distintivos:** Natureza pitoresca, geologia; orografia, vistas, espaço; Extensão de área muito significativa com potencial para novos usos e funções.



PÓLO MONTE DE SÃO JOÃO DO CARVALHINHO

São João do Carvalhinho (ou de Carvalhido) localiza-se no extremo Norte da cadeia montanhosa de Monte Córdova, a 250 metros de altitude. No ponto mais alto deste espaço, florestado com cerca de 30 ha, encontra-se orientada a poente, a Capela do Monte de São João do Carvalhinho.

A vegetação, constituída maioritariamente por Acácia (*Acacia melanoxylon*), alguns Sobreiros (*Quercus suber*), Oliveiras (*Olea europaea*) e Plátanos (*Platanus sp.*), dispõe-se sobre afloramentos rochosos graníticos e um coberto de folhada (manta morta). Dispersas por entre a vegetação, encontram-se mesas e bancos de vários materiais introduzidos pelas comissões de festas que constituem uma extensa área de parque de merendas.

Com grandes vistas, consegue-se observar o Monte da Senhora da Assunção assim como no horizonte o mosaico paisagístico (agrícola e urbano) do concelho até à Serra da Agrela. O Monte de São João do Carvalhinho integra o percurso PR 4ST - "Abraço", da Câmara Municipal de Santo Tirso, o qual interliga numa extensão de cerca de 11,5 Km

(Grau de dificuldade médio/alto, com duração de 5 a 6 horas) Santo Tirso - Alminhas - São João do Carvalhinho - Santa Cruz - N. S. Assunção. Como principais **constrangimentos** indica-se a presença de espécies exóticas e infestantes e, por isso, de pouco interesse do ponto de ecológico sendo igualmente um espaço vulnerável à ocorrência de fogos. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Capela, parque de merendas, e o coberto florestal onde apesar de prevalecerem espécies infestantes os seus exmpleares por vezes são de grande dimensão.
- **Elementos distintivos:** Vistas.



PÓLO VALE DE BURGÃES

O Vale de Burgães localiza-se na zona Norte do concelho de Santo Tirso, na margem esquerda do Rio Ave. Caracteriza-se por ser um vale aberto que se desenvolve em socacos segundo pendentes suaves, entre os 170 e os 100 metros de altitude. Encontra-se orientado a poente e é atravessado por uma linha de água que corre em direcção ao Ave,

Terá sido couto do Mosteiro de S. Bento de Santo Tirso e na paisagem identificam-se grandes casas de raiz solarenga associadas a grandes propriedades agrícolas, delimitadas por muros de pedra de granito dentro dos quais se alojam assentos agrícolas. Estão implantadas no sopé da encosta acompanhadas geralmente por jardins com espécies arbóreas de grande porte (*Quercus robur*, *Cedrus sp.*, *Tilia sp.*, *Fagus sp.*). Os campos agrícolas – ocupados com culturas forrageiras, vinha, pomar e hortícolas – desenvolvem-se pelo vale até à linha de água. Existe ainda um núcleo da Igreja Matriz e do cemitério de Burgães, localizados no sopé da encosta Sul. A habitação mais recente, assim como a aldeia de Burgães, dispôs-se em volta do vale essencialmente em moradias unifamiliares.

O Vale de Burgães é contornado pelo percurso PR 4ST – “Abraço”, da Câmara Municipal de Santo Tirso, o qual interliga numa extensão de cerca de 11,5 Km (Grau de dificuldade médio/alto, com duração de 5 a 6 horas) Santo Tirso – Alminhas – São João do Carvalhinho – Santa Cruz – N. S. Assunção. Como principais **constrangimentos** indica-se alguns conflitos entre o peão e o automóvel neste percurso. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** vale agrícola.
- **Elementos distintivos:** folhas agrícolas extensas e casas solarengas; potencial para turismo rural/habitação e agricultura biológica.



PÓLO VALE DE RORIZ

O Vale de Roriz localiza-se na freguesia de Roriz, situada na zona Nordeste do concelho de Santo Tirso e caracteriza-se por ser um vale aberto, orientado a Nordeste, pertencente à bacia do Rio Vizela. É constituído essencialmente por terrenos agrícolas, propriedade privada dos Mosteiros de Singeverga e de Santa Escolástica, bem como da Casa do Mosteiro e é atravessado por uma linha de água bastante ramificada, afluente do Rio Vizela, que nasce no Monte do Lavradio e Alto do Poço da Lameira (Concelho de Paços de Ferreira).

O vale, circundado pelos montes de S. Tomé de Negrelos a Oeste, S. Mamede de Negrelos a Este e a Sul pelo Alto do Poço da Lameira e Alto do Castro. Desenvolve-se segundo pendentes suaves, desde os 200 metros - cota onde se encontram os Mosteiros (antigo de Singeverga e Santa Escolástica) - até os 150 metros - no Lugar de Pidre.

O Vale possui, para Norte, amplas vistas sobre as encostas urbanizadas, desde os Lugares da Costa (a Oeste) e da Escorregadoura (a Este), até à Freguesia de São Martinho do Campo - que se desenvolve no vale encaixado do Rio Vizela. O vale ainda abrange a Igreja de São

Pedro de Roriz e Casa do Mosteiro, e os Mosteiros de Singeverga e de Santa Escolástica. Como principais **constrangimentos** indica-se alguns conflitos entre o peão e o automóvel neste percurso e alguma poluição visual introduzida por novas edificações. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Igreja de São Pedro de Roriz e Casa do Mosteiro, vale agrícola, Mosteiros de Singeverga e de Santa Escolástica.
- **Elementos distintivos:** mosteiros e culto monástico, vale agrícola, boas condições para dinamização do turismo rural e religioso envolvendo os mosteiros.



PÓLO CAPELA DE SANTA CRUZ

A Capela de Santa Cruz localiza-se na freguesia de Burgães, numa zona de encosta elevada, à cota de 350 m de altitude, sobre o vale do Ave. Este conjunto composto pela capela, adro e fonte reflecte a importância das manifestações religiosas celebradas em pequenos santuários. A capela orientada a poente apresenta traça setecentista, evidenciada em diversos elementos arquitectónicos. O adro em volta da capela é delimitado por um muro baixo de pedra.

Do lado oposto da estrada situa-se o recinto da romaria, delimitado ao longo da via por um muro baixo e na zona superior por murete de pedra solta. No ponto mais elevado, ergue-se um cruzeiro. Na zona mais baixa do recinto, existe uma fonte adossada a um grande penedo e a água corre a partir de uma carranca encastrada na rocha. Este espaço apresenta uma mancha arbórea de carvalhal. Como principais **constrangimentos** indica-se as escassas práticas de manutenção, quer da vegetação, quer dos pavimentos. Como **potencialidades** identificam-se:

- Elementos categóricos: capela, fonte, cruzeiro, carvalhal.
- Elementos distintivos: capela e carvalhal.



PÓLO DEVESAS DE VALDRIGO

A Devesa de Valdrigo localiza-se no aglomerado de Monte Córdova, à cota de 370m de altitude, numa encosta com pendente acentuada. Zona de lazer que se caracteriza essencialmente pelo notável coberto arbóreo de Carvalho-roble, com exemplares de grande porte. É atravessado no sentido Norte-Sul por um afluente do Rio Leça. Como principais **constrangimentos** indica-se as escassas práticas de manutenção, quer da vegetação, quer dos pavimentos. Como **potencialidades** identificam-se:

- Elementos categóricos: carvalhal.
- Elementos distintivos: carvalhal.



PÓLO CITÂNIA DE SANFINS

A Citânia de Sanfins é uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste peninsular e da Proto-história europeia. Situa-se no extremo Noroeste do concelho de Paços de Ferreira, no limite com o concelho de Santo Tirso. Localiza-se numa cordilheira, formada pelos Montes de Bustelo, do Lavradio e Alto da Bouça do Rego (cumeada que separa as bacias hidrográficas do Rio Leça e Rio Ferreira).

O local caracteriza-se pela presença de clareiras de prado florido com afloramentos rochosos graníticos, ruínas castrejas e vegetação herbácea (prado de sequeiro, fetos), arbustiva (tojo, Giesta branca), espécies rupícolas e pequenas manchas de eucaliptal (*Eucalyptus globulus*), destacando-se ainda alguns exemplares de Sobreiro (*Quercus suber*).

Localizado na encosta Este existe um edifício em betão com terraço (miradouro), “embutido” na encosta, que será o Centro de Apoio à Citânia, actualmente abandonado. Na envolvente dominam encostas com eucaliptal e aglomerados agrícolas, concentrando-se nos vales os aglomerados urbanos. Como principais **constrangimentos** indica-

se estacionamento abusivo nas vias de acesso à Citânia e a existência de um parque de estacionamento sem utilização, vandalismo dos painéis de informação o centro de interpretação em estado de abandono e com impacte visual significativo. Como **potencialidades** identificam-se:

- Elementos categóricos: Citânia de Sanfins.
- Elementos distintivos: Citânia de Sanfins.



PÓLO MONTE SRA. DO PILAR

O Monte de Nossa Senhora do Pilar localiza-se no Concelho de Paços de Ferreira, na freguesia de Penamaior. Atinge a cota de 532 metros no seu cume. Para Sudeste estende-se a Serra da Agrela que faz a separação das bacias hidrográficas dos rios Leça e Ferreira. Existe aqui uma capela cuja festividade é celebrada a 15 de Agosto. Próximo da capela encontram-se as instalações da Força Aérea Portuguesa (Radar nº2).

Nas encostas do monte dominam as plantações florestais de eucalipto e pinheiro-bravo. Na envolvente da capela e numa encosta com socalcos em granito, desenvolve-se uma comunidade florestal predominantemente perenifólia, de copado denso e cerrado, dominada pelo sobreiro. No estrato herbáceo, domina o prado sequeiro, com presença de *Digitalis purpurea*, *Geum sylvaticum*, *Carex distachya*, *Campanula rapunculus*, *Bellis sylvestris*, *Leontodon tuberosus*, *Carex divisa*, *Hypochaeris radicata*, entre outras.

Como principais **constrangimentos** indica-se as escassas práticas de manutenção, a intrusão visual das instalações da Força Aérea. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** sobreiral, capela, vistas.
- **Elementos distintivos:** capela e sobreiral.

TIPOLOGIA: MONTE

ÁREA (ha): 5100

CONCELHOS ABRANGIDOS:

Valongo, Gondomar, Paredes

PÓLOS:

1 Sanatório de Montalto

2 Parque Paleozóico- Centro de Interpretação Ambiental

3 Parque de Santa Justa

4 Aldeia de Couce

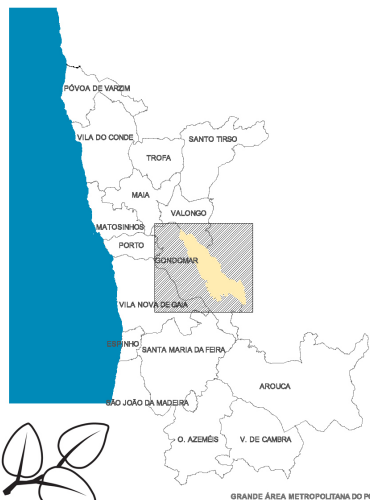
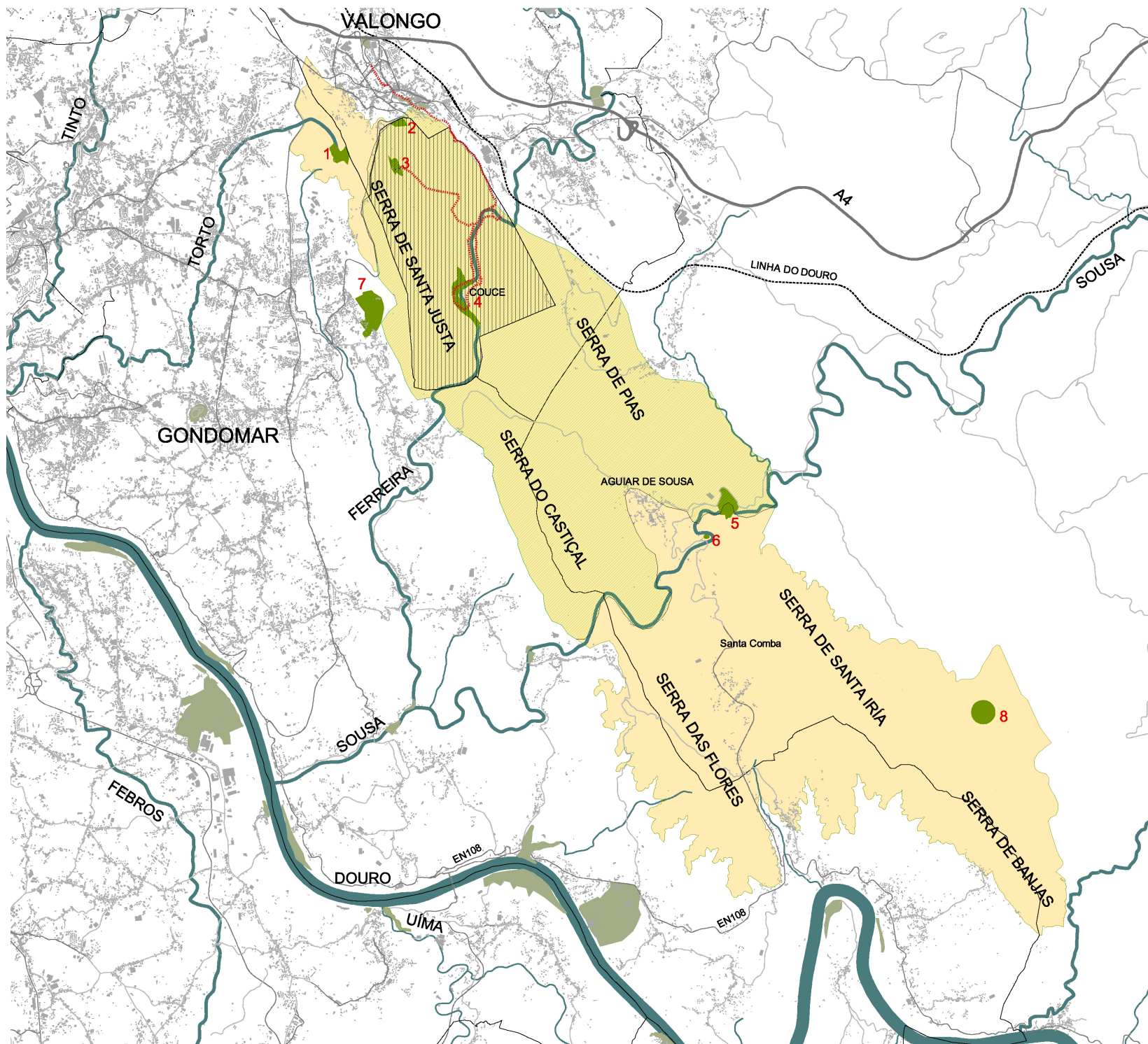
5 Senhora do Salto

6 Castelo de Aguiar de Sousa

7 Cavalete de São Vicente

8 Minas das Banjas

 Rios
 Limite dos concelhos
 Ocupação urbana
 Percursos pedestais
 Parque Paleozóico
 Rede Natura 2000



PARQUE DO SALTO

Missão

O Parque do Salto distribui-se ao longo do maciço xistoso a oriente da cidade do Porto, que corre sensivelmente paralelo à costa, afastando-se esta para sul. Abrange as serras de Santa Justa, Pias, Castiçal, Banjas, Flores e Santa Iria, nos concelhos de Valongo, Gondomar e Paredes, podendo ser estendido à Serra da Boneca. Esta cordilheira, rasgada pelos Rios Ferreira e Sousa, integra um importante marco da história geológica do território continental, o “Anticlinal de Valongo”. Contudo, o valor geológico deste espaço não se restringe somente a esta dimensão pois existe um conjunto de aspectos que fazem destas serras uma ‘biblioteca temporal’. Como factores de maior relevância estão a presença de grandes quantidades de fósseis marinhos, indicando que outrora esta área foi fundo oceânico ou a presença de minas e fojos (antigas minas romanas de ouro). A presença destes valores levou, por iniciativa da Câmara Municipal de Valongo em articulação com a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, à criação e delimitação do Parque Paleozóico.

A conjugação de condições climáticas favoráveis com a presença de fojos, há muito tempo desactivados, permitiu a fixação nestes locais de importantes comunidades vegetais e animais, nomeadamente os fetos (*Culcita macrocarpa* e *Tricomans speciosum*) e a salamandra portuguesa (*Chioglossa lusitanica*). Estas espécies, juntamente com outros habitats e espécies distribuídos pelas serras, fizeram com que o núcleo central formado por Santa Justa, Pias e Castiçal integrasse a Rede Natura 2000, constituindo o Sítio PTCON0024 Valongo.

A riqueza natural e patrimonial deste Parque não se restringe somente a este núcleo central. Um pouco por todo este território complexo existem marcos que evidenciam a sua importância como recurso natural e pólo de humanização e culto. O uso de solo predominante é o florestal, constituído por povoamentos florestais mono específicos,

prevalecendo o eucalipto, com presença de espécies invasoras (especialmente acácias), um cenário que se tem revelado particularmente vulnerável ao fogo. Este é o principal factor da transformação das serras nos últimos quarenta/cinquenta anos seguido da edificação. A paisagem das serras encontra-se desqualificada e a sua requalificação e reapropriação implica um processo de intervenção de média-longa duração, sendo que a instalação de áreas-piloto de intervenção de requalificação da paisagem devia ser prioritária.

Considera-se que, no âmbito da AMP, o Parque do Salto reúne os factores necessários para a sua integração na Rede Nacional de Áreas Protegidas enquanto Área de Paisagem Protegida de interesse regional. Este trata-se de um processo já em curso, por iniciativa das três autarquias, mas que ainda não conseguiu reunir as sinergias necessárias à sua concretização.

O Parque do Salto, tão próximo da grande concentração urbana da área metropolitana, na transição para o Vale do Sousa, e de fácil acesso, remete os visitantes e utilizadores para uma situação surpreendente de isolamento e paz. Este facto deve-se ao próprio relevo e substrato geológico que não favorecerem nem atraíram a fixação das populações no interior das serras, excepto em alguns locais, onde ocorrem terrenos com aptidão agrícola, como é o caso das margens dos rios e vales onde se situam as aldeias pontuadas pela serra. Como exemplo existem os lugares de Couce, Covelo, Gens, Aguiar de Sousa ou Vilarinho. A agricultura destes lugares é hoje em dia uma agricultura de auto-subsistência, com presença de hortas, pomares, rebanhos de ovelhas, etc. Contudo, nas últimas décadas, tem havido abandono do pastoreio.

Visão

Potencialidades:

A poucos quilómetros do centro do Porto, é possível desfrutar de uma área onde se vive efectivamente uma sensação de alheamento da vida metropolitana; Valores de interesse biológico, geológico e cultural; Parque Paleozóico.

Constrangimentos:

Forte pressão urbanística e industrial, paisagem desqualificada, degradada e vandalizada, fragmentação territorial pelo atravessamento de grandes eixos viários, usos de solo indevidos, elevado risco de incêndio; presença de plantas invasoras; acentuada erosão do solo por má condução da produção florestal.

Objectivo - Linhas Programáticas

Identificaram-se os seguintes pólos a integrar no Parque do Salto:

Pólo Sanatório Montalto, Pólo Parque do Paleozóico – Centro de Interpretação Ambiental, Pólo Parque de Santa Justa, Pólo Aldeia de Couce, Pólo Sra. do Salto, Pólo Castelo de Aguiar de Sousa, Pólo Cavalete de S. Vicente, Pólo Minas das Banjas.

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação da paisagem apostando na sua multifuncionalidade (produção, protecção e recreio);
- Recuperação das áreas ardidas;
- Recuperação e promoção do ecossistema agrícola;
- Qualificação das interfaces urbanas e industriais;
- Salvaguarda e recuperação do património histórico e mineiro;
- Qualificação da interface com os corredores dos rios Sousa e Ferreira;
- Qualificação da rede viária, em particular a EN 318 e a EM 534.
- Recuperação do património construído.

Qualificação Ambiental:

- Desenvolvimento e aplicação de um Plano de Gestão Florestal;
- Requalificação Florestal apostando na multifuncionalidade deste recurso (Produção, Protecção e Recreio);
- Salvaguarda e protecção do recurso solo;
- Salvaguarda de nascentes e linhas de água;
- Criação de bolsas de biodiversidade (micro-reservas);
- Promoção e recuperação de infraestruturas ecológicas;
- Criação de trilhos adequados à capacidade e vulnerabilidades dos ecossistemas.

Circulação:

- Qualificação da rede viária;
- Criação de uma rede de percursos que abranja todo o parque;
- Recuperação e manutenção dos trilhos existentes.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Promoção dos trilhos através de postos de turismo a desenvolver em infra-estruturas existentes ou a desenvolver;
- Criação e promoção de infra-estruturas de turismo rural e de natureza;
- Promoção de actividades desportivas ao ar livre;
- Definição das 'portas' do Parque do Salto.

Emprego:

- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo, gestão e manutenção do espaço florestal;
- Criação de oportunidades de investigação nas diferentes áreas artísticas, científicas e humanas.



PÓLO SANATÓRIO DE MONTALTO

O sanatório de Montalto situa-se na cumeada da Serra de Santa Justa, a cerca de 300 metros de altitude, numa área de fronteira entre os concelhos de Valongo e Gondomar. Trata-se de um terreno de encosta exposto a sul, com vistas sobre Gondomar, Gaia, Porto, o vale do Douro e o mar. O edifício que funcionou com hospital para tuberculosos, actualmente, encontra-se degradado e abandonado, assim como outras infra-estruturas de apoio, incluindo uma capela. O sítio, com o seu aspecto de abandono, acaba por ser procurado para as mais diversas actividades, nomeadamente desportos radicais, embora não exista qualquer tipo de infra-estrutura.

Os terrenos adjacentes caracterizam-se essencialmente pela presença de vegetação rasteira atravessada por um emaranhado de caminhos em terra, formando uma clareira no topo da Serra, onde as encostas são dominadas pelo Eucalipto. Na envolvente, encontra-se próximo a Capela de Nossa Senhora dos Chãos e um moinho.

Como **constrangimentos** destacam-se o estado de conservação e segurança do edifício, a envolvente desqualificada, o estado dos caminhos de acesso ao espaço; predomínio nas encostas adjacentes de povoamentos de eucalipto, que associam ao local um risco elevado. Como **potencialidades** evidencia-se:

- **Elementos categóricos:** o sanatório, a capela de Nossa Senhora dos Chãos, a bacia visual.
- **Elementos distintivos:** a amplitude do espaço e a bacia visual.



PÓLO PARQUE PALEOZÓICO - CENTRO DE INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL

Perto da cidade de Valongo, na subida para a serra de Santa Justa, localiza-se o Centro de Interpretação Ambiental, que possui, na sua envolvente o Fojo das Pombas. Foi inaugurado em Maio de 2004, visando a promoção do património natural e cultural das Serras de Santa Justa e Pias. Integrado no Parque Paleozóico de Valongo, o centro funciona como recepção, possuindo uma envolvente imediata ampla a partir da qual se inicia o trilho vermelho que conduz, entre outros locais de interesse, ao Fojo das Pombas. O Centro de Interpretação Ambiental encontra-se instalado num terreno que pertence à Câmara Municipal de Valongo, prioritariamente ocupado por eucalipto.

Como **constrangimentos** identificam-se os povoamentos florestais das áreas circundantes, que induzem um elevado risco de incêndio ao espaço; o uso indevido do espaço por certas actividades. Como **potencialidades** indicam-se:

- **Elementos categóricos:** Centro de Interpretação; Fojo das Pombas.
- **Elementos distintivos;** parte integrante do Sítio da Rede Natura 2000, Fojo das Pombas.



PÓLO PARQUE DE SANTA JUSTA

Santa Justa consiste numa área de recreio e romaria do concelho de Valongo, próxima do concelho de Gondomar, distribuindo-se a cotas superiores a 300 metros de altitude. Este sítio é formado pelas áreas envolventes às capelas de São Sabino (a 320 metros) e de Santa Justa e Santa Rufina (a 347 metros) existindo diversos percursos que conduzem a zonas de estadia. A sua posição estratégica no território permite que funcione como miradouro. Junto à capela de São Sabino, a bacia visual estende-se de Noroeste a Sudoeste, observando-se Gondomar (destacando-se o Monte Crasto), Maia, Porto, Vila Nova de Gaia e mesmo o mar. A Capela de Santa Justa e Santa Rufina têm uma vista mais abrangente e periférica, o chamado "miradouro dos Sete Distritos", podendo observar-se, em dias de boa visibilidade as Serras do Arestal, Montemuro, Marão, Gerês, Cabreira, Buçaco e Arga.

As encostas definem declives acentuados, existindo zonas planas onde se encontram os equipamentos. Na envolvente do Parque, a cotas inferiores aos 300 metros, nascem afluentes do Rio Ferreira, destacando-se a Poente a Ribeira de Silveirinhos. A serra está predo-

minantemente arborizada com eucalipto, de um modo geral bastante desqualificado e que já foi atingido pelo fogo.

Como **constrangimentos**, refere-se as encostas adjacentes, revestidas por eucalipto, as marcas de incêndios ocorridos na área, a invasão das encostas por acácias e silvas, e outras espécies infestantes.

Como **potencialidades**, identifica-se:

- **Elementos categóricos:** capelas de Santa Justa e Santa Rufina, São Sabino; Fojo, miradouros.
- **Elementos distintivos:** parte integrante do Sítio da Rede Natura 2000, vistas; capelas.



PÓLO ALDEIA DE COUCE

A aldeia de Couce é um pequeno aglomerado habitacional localizado no vale encaixado do rio Ferreira, entre as serras de Santa Justa e Pias. Situa-se na margem direita, virada para a serra de Pias, aproveitando uma área mais larga de vale, onde solos aluvionares estão agricultados, embora uma parte esteja também abandonada. Na margem esquerda do rio Ferreira, existem prados semi-abandonados que começam a ser invadidos por matos e juncos. A memória agrícola da aldeia está ainda patente nos espigueiros e eiras do local.

O aglomerado habitacional consiste num pequeno conjunto de casas com os seus quintais. As casas são em alvenaria de pedra, algumas delas rebocadas/pintadas. Deste conjunto salienta-se uma casa com características senhoriais, que possui capela.

Reporta-se como **constrangimentos** o mau estado de conservação do património construído; ausência de saneamento básico; o abandono agrícola; Povoamentos de eucalipto e pinheiro, aumentando a vulnerabilidade ao fogo. Como **potencialidades** encontram-se:

- **Elementos categóricos:** Aldeia isolada no meio da serra, inserção no Parque Paleozóico,
- **Elementos distintivos:** Parte integrante do Sítio da Rede Natura 2000; isolamento; património vernacular.



PÓLO SENHORA DO SALTO

O lugar da Senhora do Salto fica em Aguiar de Sousa, no concelho de Paredes, num dos locais mais notáveis sob o ponto de vista geológico da Área Metropolitana. Aqui formou-se uma garganta junto ao rio Sousa que se precipita numa cascata de 80 metros e forma um vale encaixado, conhecido como Salto do Sousa ou Boca do Inferno.

A Capela da Senhora de Salto, segundo a lenda, foi construída como agradecimento ao milagre feito por Nossa Senhora quando passava um cavaleiro perseguindo o Diabo. No sítio existem ainda algumas pequenas habitações e moinhos assim como miradouros e parque de merendas. Por aqui passam dois percursos pedestres, o Trilho da Alvre e o Trilho da Peregrinação.

Um pouco a montante, encontra-se um açude. As encostas são constituídas por escarpas, muito procuradas para praticar escalada. A envolvente é marcada por uma certa nudez de vegetação mas conta também com uma forte presença de eucaliptos. Faz parte do Sítio Natura 2000 (PTCON 0024 Valongo 2553 há - Fonte: ICNB).

Como **constrangimentos** encontram-se os povoamentos das encostas adjacentes, revestidas por manchas de Eucalipto e Pinheiro, au-

mentando a vulnerabilidade da área ao risco de incêndio, mau estado de conservação. Como **potencialidades** indicam-se:

- **Elementos categóricos:** Capela de N.ª Sr.ª do Salto, conjunto de casas tradicionais, Rios Sousa e Ferreira, romarias, cascata de 80 metros, percursos pedestres, parque de merendas.
- **Elementos distintivos:** geomorfologia, qualidade paisagística, Rios Sousa e Ferreira, capela de N.ª Sr.ª do Salto, parte integrante da Rede Natura 2000.



PÓLO CASTELO DE AGUIAR DE SOUSA

A Torre ou Castelo de Aguiar de Sousa situa-se numa elevação, na margem direita do rio Sousa, quase totalmente cercada por um meandro do rio, e junto a uma ravina rochosa, sendo provável que a sua construção date do século X, da época da Reconquista. Em 995, devido à sua posição estratégica foi conquistado por Al-Mansour, um chefe muçulmano, quando este se dirigia numa incursão de guerra a Santiago de Compostela. Já em 1220 este castelo foi denominado por Termo de Aguiar, sendo cabeça de julgado da Região do Baixo Sousa e dominado pela família dos Sousas. Num projecto da responsabilidade da DREMN para requalificar e reabilitar a Torre ou Castelo de Aguiar de Sousa, a qual pertence à Rota do Românico do Vale de Sousa, foram recentemente realizados trabalhos de limpeza, levantamento arqueológico e consolidação de estruturas.

Está actualmente em construção um centro interpretativo, de modo a concentrar a informação turística sobre rotas, percursos, espaços a visitar, bem como dar apoio técnico à investigação e intervenção arqueológica. Pretende-se também que este local sirva de espaço museológico e de ponto de recepção da Rota do Românico. Como **potencialidades** evidenciam-se:

- **Elementos categóricos:** Torre ou Castelo de Aguiar de Sousa; Rio Sousa; percursos pedestres.
- **Elementos distintivos:** Torre ou Castelo de Aguiar de Sousa; geomorfologia; rio Sousa; Parte integrante do Sítio da Rede Natura 2000; Rota do Românico.



PÓLO CAVALETE DE S. VICENTE

As antigas Minas de São Pedro da Cova situam-se em Valongo, numa zona de meia encosta, sendo que o Cavalete de extracção se encontra aproximadamente a 150 m de altitude. O sítio localiza-se a Poente das Serras de Santa Justa e Pias, na proximidade do lugar de Outeiro dos Foguetes

O Cavalete destaca-se pela sua altura e enquanto obra de engenharia de apoio à actividade mineira. A Norte da estrutura do Cavalete, existe um lago artificial numa zona em depressão, salientando-se ainda a presença expressiva de escombrelas. É uma zona relativamente isolada com uma envolvente essencialmente constituída por áreas florestais e matos, com predomínio de povoamentos de eucaliptos e pinheiros-bravos e algumas habitações unifamiliares e áreas expectantes.

Como **constrangimentos** indicam-se o estado de conservação do património construído, a acessibilidade, a envolvente urbana desclassificada, as escombrelas, a presença de plantas infestantes, a envolvente florestal, cuja composição confere ao espaço um elevado risco de incêndio.

Como **potencialidades** salientam-se:

- **Elementos categóricos e distintivos:** Património industrial mineiro, nomeadamente o cavalete.



PÓLO MINAS DAS BANJAS

A mineração foi uma actividade importante das Serra das Banjas, como documentam as estruturas que resultaram da exploração mineira. Os vestígios de mineração neste sítio têm o seu expoente máximo na Mineração das Banjas, de onde era extraído o antimónio, sendo que as três minas: Mina da Abelheira, Mina de Medas e Mina da Bouça Velha, foram descobertas em 1875 e ainda estavam em laboração, em 1922. A importância mineira encontra-se também registada em lendas.

O concelho de Paredes possui percursos de BTT definidos neste vasto território, sendo que o percurso "Couto mineiro das Banjas" localizado na freguesia de Sobreira, possui um grau de dificuldade médio, percorrendo uma distância de 30 km em círculo e uma duração média de 3h30m. Permite, além da observação panorâmica e paisagística, contactar com calçadas romanas e outros vestígios deste período, assim como conhecer o couto mineiro das Banjas e alguns núcleos rurais.

Como **constrangimentos** afigura-se a inserção deste complexo mineiro numa área florestal, constituída por povoamentos monoespecíficos de eucalipto. Como **potencialidades** referem-se:

- **Elementos categóricos:** "Couto mineiro das Banjas"; Mina da Abelheira, Mina de Medas e Mina da Bouça Velha; património mineiro material e imaterial.
- **Elementos distintivos:** Património mineiro material.

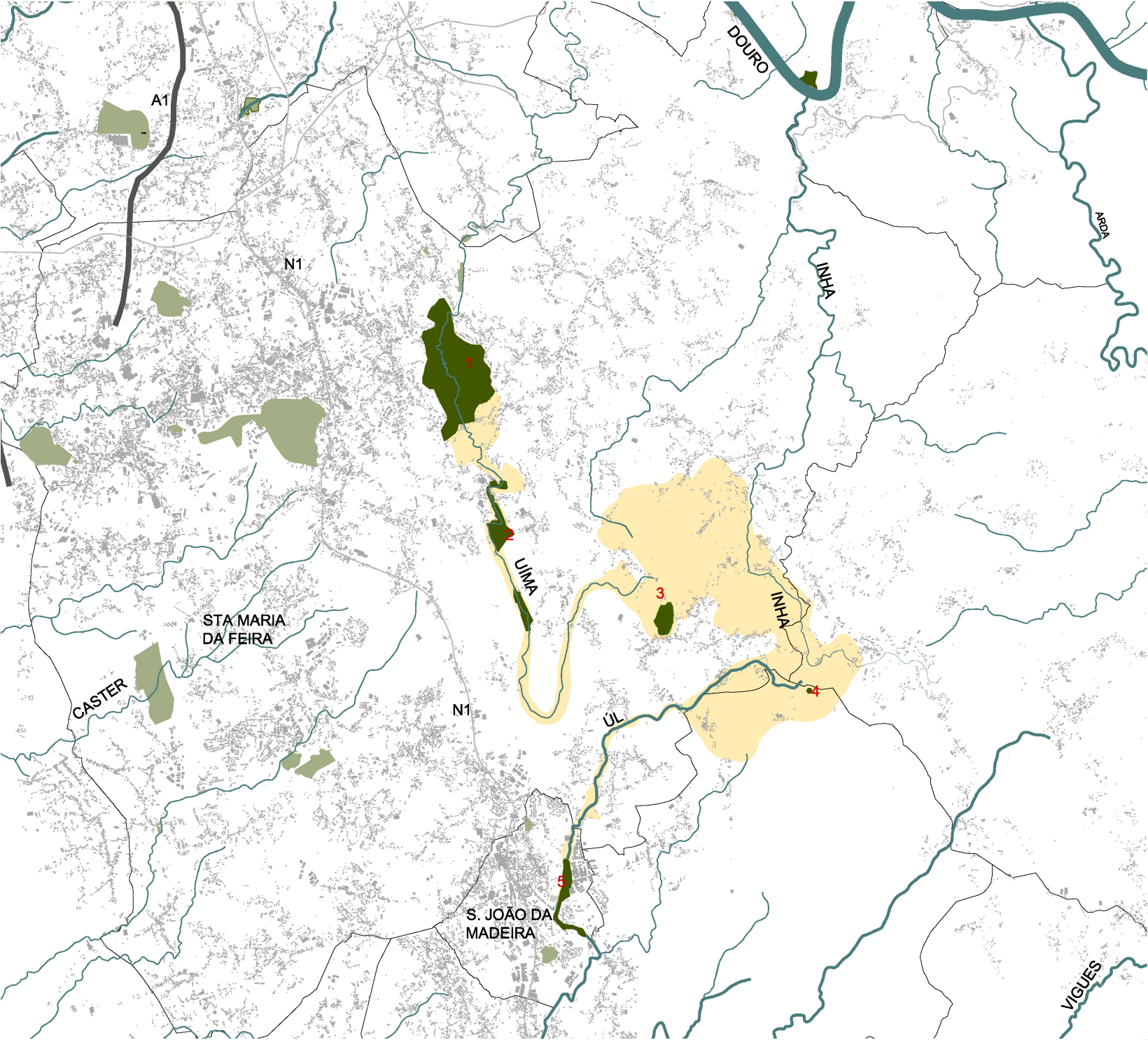
TIPOLOGIA: MONTE

ÁREA (ha): 1830

CONCELHOS ABRANGIDOS:
Santa Maria da Feira, Oliveira de Azeméis, Arouca, S. João da Madeira

PÓLOS:
1 Ribeiras do Uíma
2 Caldas de São Jorge
3 Castro de Romariz
4 Monte de São Marcos
5 Parque Urbano do Rio Úl

Rios
Limite dos concelhos
Ocupação urbana



PARQUE DE MONTALTO

Missão

O Parque de Montalto reúne as nascentes dos rios Inha, Antuã e Uíma. O troço superior do rio Uíma, mais declivoso e encaixado e o troço imediato já com características de planície aluvionar constituem o eixo estruturante deste parque. O troço aluvionar desenvolve-se entre o Pólo das Caldas de São Jorge e os lugares de Lobão e Fiães.

O Parque reúne três unidades de Paisagem distintas, a parte alta densamente arborizada com eucaliptal e pinhal, intercalados com cabeceiras de água ainda agricultadas e onde se encontra o Castro de Romariz e a Capela de São Marcos ambos locais de valia cultural, natural e paisagística notável. A unidade intermédia corresponde ao expressivo meandro do rio Uíma que corre num vale encaixado. A parte baixa, conforme já referido, distribui-se entre as Caldas de São Jorge e os lugares de Lobão e Fiães.

O modelo de povoamento na bacia do Uíma é o resultado de um território marcado por uma matriz rural e florestal muito densa, entremeada com elevada densidade urbana e industrial. No vale de Fiães e Lobão, o rio corre ainda em trechos de paisagem agrícola, entremeados por zonas paludosas que constituem habitats de particular interesse.

Existe uma grande controvérsia e disputa sobre a toponímia dos rios Antuã e UI que passa em São João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Estarreja. Ao longo de todo o seu curso, existem pequenos açudes destinados à retenção de água para rega e aproveitamento de energia hidráulica para o funcionamento de azenhas. O troço de montante do Antuã/UI foi integrado no Parque de Montalto constituindo uma nova unidade de paisagem com forte ocupação urbana, incluindo o Parque Urbano do Rio Úl.

Visão

Potencialidades:

Nascentes de água, termas, vistas, espaços arqueológicos, romaria, parque urbano, acessibilidade, zona húmida, biodiversidade.

Constrangimentos:

- Rede de estradas com tráfego automóvel intenso, incluindo pesados;
- Povoamentos florestais vulneráveis à ocorrência de fogo com presença de espécies exóticas e de infestantes.

Objectivo - Linhas Programáticas

Identificaram-se os seguintes Pólos a integrar o Parque de Montalto:

Pólo Parque Urbano do Rio Úl (São João da Madeira), Pólo Monte de São Marcos (Oliveira de Azeméis), Parque das Ribeiras do Uíma (Santa Maria da Feira), Pólo Caldas de São Jorge (Santa Maria da Feira) e Pólo Castro de Romariz (Santa Maria da Feira).

Qualificação da Paisagem:

- Salvaguarda das nascentes e linhas de água;
- Requalificação florestal apostando na multifuncionalidade do recurso (produção, protecção e recreio);
- Criação de Bolsas de Biodiversidade (micro-reservas).

Circulação:

- Qualificação da rede viária;
- Criação de uma rede de percursos e trilhos;

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;

Emprego:

- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo natureza, gestão e manutenção do espaço florestal.



PÓLO RIBEIRAS DO UÍMA

As Ribeiras do Uíma correspondem a uma grande mancha aluvionar no vale do rio Uíma, localizada a Nordeste da cidade de Santa Maria da Feira, a cerca de 120 m de altitude, entre as povoações de Fiães (a Poente) e Lobão (a Nascente).

Há poucas décadas atrás no vale predominava a agricultura porém o abandono deu lugar a uma zona palustre. Hoje é um extenso bosque paludoso (*habitat* 91E0pt3) de amieiros (*Alnus glutinosa*) e borrazeira-negra (*Salix atrocinerea*), próprio de solos permanentemente encharcados, com acumulação de matéria orgânica, mal drenados e ácidos. No estrato arbustivo estão presentes arbustos espinhosos como o pilriteiro e presentes também lianas - *Hedera helix*, *Tamus communis*, *Lonicera peryclimenum* subsp. *peryclimenum* e *Rubus* sp. - e no estrato herbáceo são frequentes helófitos de grandes dimensões (*Phragmites-Magnocaricetea*) e pteridófitos como *Athyrium filix-femina*, *Osmunda regalis* e *Thelypteris palustris* assim como *Selinum broteri* espécie de elevado interesse conservacionista. De referir, um bosque de Salgueiro negro (*Salix atrocinerea*) com espécimens de grande dimensão em zona sujeita a regime de cheia de rio.

Nas povoações à volta do vale, existem casas de arquitectura erudita e assentos de lavoura com grandes espigueiros atestando a pujança agrícola de outros tempos. Junto às casas ainda se conservam alguns campos de milho, vinha e produção de hortícolas.

A Câmara Municipal da Vila da Feira tem a pretensão de vir a criar aqui um parque dando primazia à construção de um percurso pedonal e ciclovia ao longo do rio.



PÓLO CALDAS DE SÃO JORGE

As Caldas de S. Jorge localizam-se na zona centro do concelho de Santa Maria da Feira, na margem esquerda do Rio Uíma, a cerca de 150 metros de altitude. Tem como elementos principais o parque e as termas. Em frente ao edifício termal, para Nascente, situa-se um pequeno parque com alinhamentos de Plátanos. Num patamar inferior, a Sul, junto ao rio, encontra-se um espaço equipado com um bar com esplanada e ajardinado. No rio formou-se uma ínsua e é um lugar fresco com uma presença assinalável de vegetação.

A construção de um balneário termal data de inícios do século XIX, tendo sido construído, pela Câmara Municipal da Feira, um novo edifício termal em 1892. Recentemente, em 2003, foi alvo de uma obra de requalificação.

“A primeira cura termal efectuada em Caldas de S. Jorge data de 1787. Contudo, o topónimo primitivo da freguesia, Caldelas, surge mencionado em documentação referente ao ano de 1097...”.

Como **potencialidades** identificam-se: a centralidade das termas no concelho da Feira e a qualidade paisagística da envolvente:

- **Elementos categóricos:** Edifício termal, parque, rio Uíma.
- **Elementos distintivos:** Edifício termal, parque.



PÓLO CASTRO DE ROMARIZ

O Castro de Romariz localiza-se numa elevação com ampla dominância visual conhecida por Monte Crasto na freguesia de Romariz, na Feira, a uma altitude de 375 m. A área edificada ocupa uma plataforma superior e é rodeada por uma muralha, com cerca de 5 metros de largura em alguns locais, protegendo o lado Poente, sendo reforçada por uma segunda linha muralhas, complementada a Oeste/Sudoeste por um fosso com cerca de 500 m de comprimento.

Trata-se de um povoado castrejo de planta irregular com estruturas habitacionais de planta circular e rectangular cuja construção remonta ao Séc. V a. C. - final da Idade do Bronze - sendo que existem manifestações da romanização, correspondendo ao apogeu e declínio no quadro da romanização peninsular durante o séc. I d. C. A envolvente é rural e florestal predominado pinheiros, sobreiros, carvalhos e eucaliptos.

Encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1945, sendo propriedade pública municipal. As escavações arqueológicas iniciaram-se em 1940 e o espólio recolhido encontra-se em exposição e reserva no Museu Convento dos Lóios, em Santa Maria da Feira.

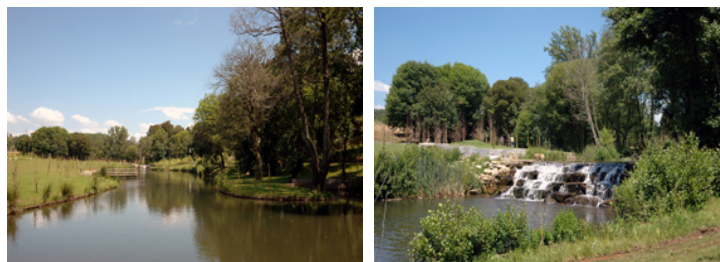
O castro encontra-se sobre um monte arborizado onde abundam espécies exóticas como mimosas e austrálias eucaliptos e ainda o pinheiro-bravo, por vezes regista-se a presença de alguma vegetação natural como o castanheiro, sobreiro e carvalho-alvarinho, este último em regeneração.



PÓLO MONTE DE SÃO MARCOS

O Monte de São Marcos localiza-se no extremo Norte no concelho de Oliveira de Azeméis, no limite com Santa Maria da Feira e Arouca, na freguesia de Fajões. O Monte atinge 480 metros de altitude, situando-se no topo a Capela. Deste ponto é possível avistar cinco concelhos distintos: ao fundo a Nordeste, Castelo de Paiva; a Noroeste Santa Maria da Feira; o Montalto com as nascentes do Uima e mais próximo as nascentes do Rio Antuã; a Oeste no concelho de Arouca, a localidade de Escariz onde nasce o Rio Inha; para Sul, observa-se Oliveira de Azeméis e o vale do Rio Antuã; e para Sudeste Vale de Cambra. O acesso a este local efectua-se através de uma estrada estreita em cubo de granito.

O sítio contempla dois espaços distintos: um, localizado a cota mais elevada onde se localiza a Capela de São Marcos envolvida por afloramentos rochosos graníticos onde se encontram diversas espécies vegetais, algumas das quais autóctones (*Quercus robur*, *Quercus suber*) e outro, localizado a cerca de 450 metros onde se encontram equipamentos diversos, afectos às festividades do santo padroeiro, incluindo café/esplanada, palco e parque infantil. O restante espaço do monte encontra-se florestado essencialmente com pinheiro bravo e eucalipto.



Fonte: www.sidoniopardal.com

PÓLO PARQUE URBANO DO RIO ÚL

O Parque Urbano do Rio Úl possui uma área de 24 ha e está situado numa zona central da Cidade de São João da Madeira e foi inaugurado em 2008. Trata-se de um parque de características lineares estruturado pelo atravessamento do rio com a sua galeria ripícola, açudes e ainda dois moinhos. Aqui encontra-se a antiga estação de Águas Municipais a recuperar para futuro bar / restaurante e, na sua proximidade, existe o coberto vegetal mais antigo do parque com espécies de grande interesse e de grande porte, explicado pelo facto de, em tempos, os viveiros camarários se terem aqui situado.

Estamos perante uma paisagem com características aluvionares, ainda até há pouco tempo com densa ocupação agrícola, que, nos últimos anos, testemunhava um estado de abandono. O vale estava sujeito a fortes pressões urbanísticas, com uma zona industrial a nascente e proximidade de vias (IC2, E.N. 327, Av. 1º Maio, Rua do Vale) sendo que está incluído na Reserva Ecológica Nacional.

TIPOLOGIA: MONTE

ÁREA (ha): 11200

CONCELHOS ABRANGIDOS: Arouca, Vale de Cambra

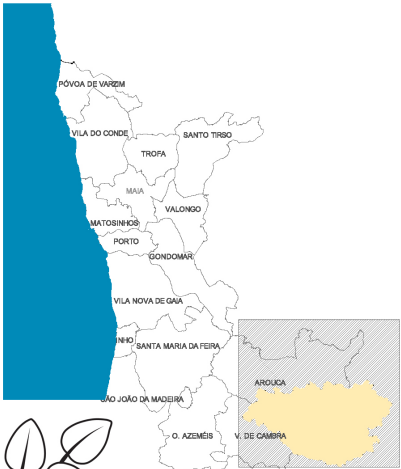
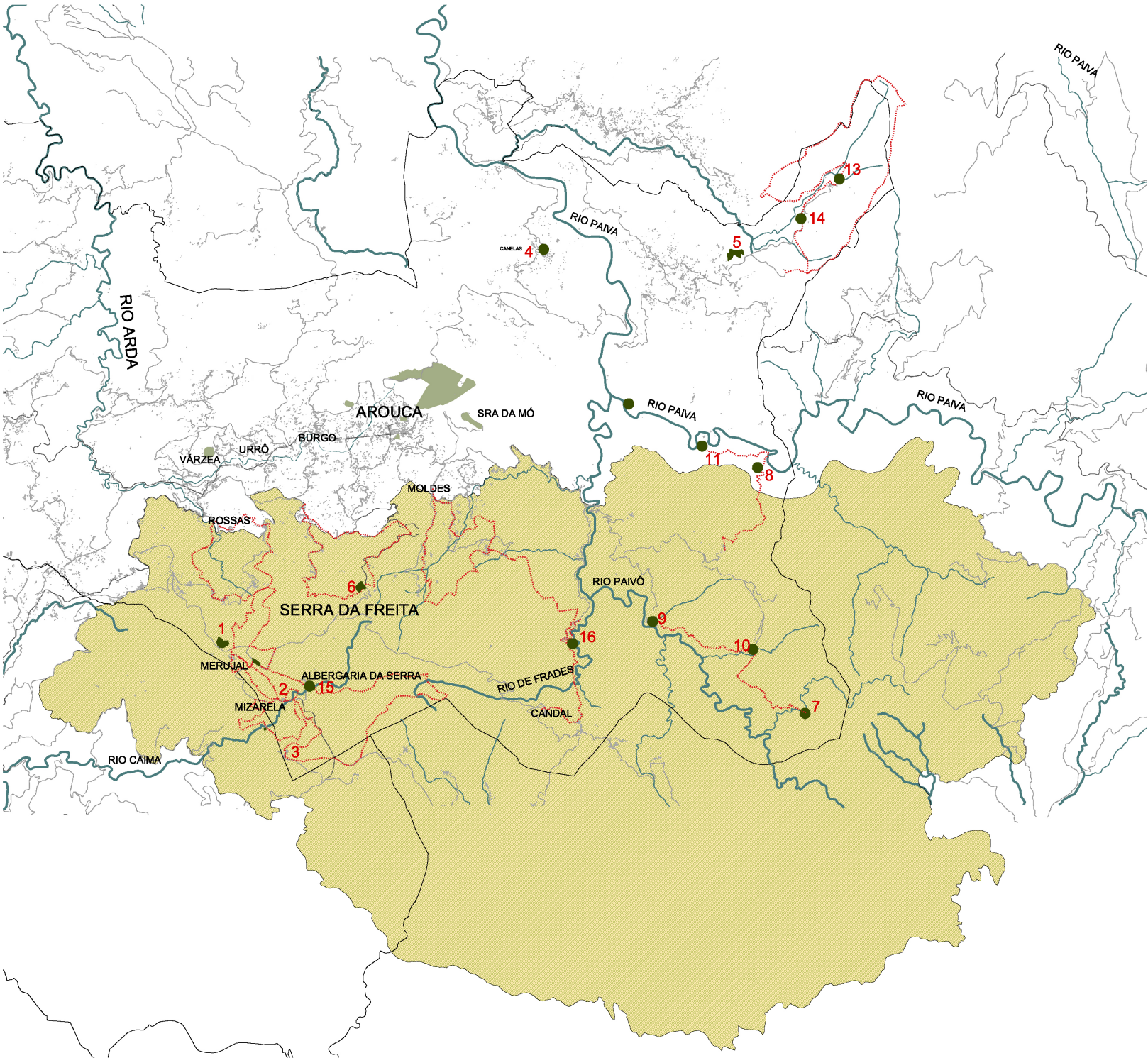
PÓLOS:

- 1 Senhora da Laje
- 2 Frecha da Mizarela, Geossítio
- 3 Pedras Parideiras, Geossítio
- 4 Canelas
- 5 Carreira de Moinhos de Alvarenga
- 6 Viveiros da Granja

Rede de Aldeias Tradicionais:

- 7 Drave
- 8 Meitriz
- 9 Covelo de Paivô
- 10 Regoufe
- 11 Janarde
- 12 Paradinha
- 13 Noninha
- 14 Bustelo
- 15 Albergaria da Serra
- 16 Rio de Frades

- Rios
- Limite dos concelhos
- Ocupação urbana
- Rede Natura 2000
- Percursos pedestres



PARQUE DA FREITA

Missão

A Serra da Freita emerge na paisagem de forma distinta possuindo uma altitude máxima de 1102 metros. Nas terras altas estende-se uma área planáltica - o Planalto de Albergaria - a partir de onde derivam diversos vales encaixados, rasgados por vários rios e ribeiras sendo de destacar o rio Paiva, rio Paivó e rio Caima. A sua história geológica única providenciou uma série de fenómenos raros que tem estado na base na constituição do Geoparque Arouca. Aqui, foram identificados 37 fenómenos geológicos, denominados como geossítios e um museossítio. Este é constituído pelo Centro de Interpretação Geológica de Canelas, onde se encontram expostos vários fósseis de trilobites, uma espécie marinha que habitou esta área há 480 milhões de anos, tendo as de Canelas um tamanho notável de 70 centímetros. Entre os geossítios, destacam-se as pedras boroa do Junqueiro, as mega-bolas quartzodioríticas da Granja, a Frecha da Mizarela (uma queda de água do rio Caima com mais de 60 metros), fojos de exploração mineira e as pedras parideiras (um fenómeno conhecido apenas noutra local do mundo), em que da rocha se destacam nódulos biotíticos, parecendo que nascem da pedra originária. A importância e a singularidade das pedras parideiras levou à proposta de localização aqui de um centro de recepção denominado Casa das Pedras Parideiras.

A Serra da Freita revela uma longa história de ocupação humana, iniciada desde o neolítico, encontrando-se aqui alguns exemplares de estruturas megalíticas, com destaque para as mamoadas de Portela da Anta, Monte Calvo 1, Monte Calvo 2, Cando e Ladeiras do Covo 2, o conjunto megalítico dos Três Irmãos e as gravuras rupestres encontradas perto da Senhora da Laje. Existem também estruturas que remontam à época de ocupação romana, como o Castro de S. João Balinhas (onde mais tarde, na época medieval, foi construído o Castelo de Arouca), e alguns vestígios (físicos ou documentados) de vias romanas que por aqui passavam. A instalação do Mosteiro de Arouca no vale fértil teve grande importância na ocupação humana da região. A arquitectura re-

ligiosa encontra-se presente na serra, particularmente associada às pequenas povoações dispersas. Destacam-se a capela da Senhora de Laje (surgindo isolada numa área planáltica e palco de importantes romarias na região), a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção, a capela da Senhora do Monte (em Alvarenga, no vale do Paiva, a uma altitude de 830 metros) e a capela da Senhora da Mó (a 700 metros de altitude com vista sobre a paisagem do vale de Arouca e da serra da Freita).

A Serra encontra-se principalmente ocupada por áreas florestais e matos, destacando-se diversos locais onde ainda restam áreas de carvalhal que, juntamente com outras de habitats notáveis e as espécies de fauna e flora raras ou em perigo que aqui se encontram, proporcionam a esta área um estatuto especial de Sítio de Rede Natura. No **Sítio Serra da Freita e Arada**, existem 23 habitats (4 dos quais com carácter prioritário: Charnecas húmidas atlânticas temperadas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix*, Matagais arborescentes de *Laurus nobilis*, Formações herbáceas de *Nardus*, ricas em espécies, em substratos silicosos das zonas montanas (e das zonas submontanas da Europa continental), Florestas aluviais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior* (*Alno Padion*, *Alnion incanae*, *Salicion albae*)), 4 espécies de flora e 12 de fauna, das quais apenas o lobo é considerada prioritária. A **flora** clímax do maciço montanhoso da Gralheira é a Fagosilva, dominada pelas fagáceas, principalmente pelos géneros *Quercus* e *Castanea*, em que os carvalhos de folha caduca (*Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*) e o castanheiro (*Castanea sativa*) são as representantes principais da vegetação climática. No entanto, nos vales mais abrigados, coexistem espécies como o loureiro (*Laurus nobilis*) que são relíquias que restam da antiga Laurisilva (a floresta pré-glaciações pleistocénicas).

Está pontuada por pequenas aldeias e povoados, alguns com características singulares, com uma arquitectura própria e materiais da região com expressão significativa em distintos equipamentos rurais como moinhos, palheiros, canastros, eiras, cortiços e quinteiros. Alguns destes povoados encontram-se abandonados, outros há em que pou-

cos habitantes restam. Em meados do século XX, duas povoações – Regoufe e Rio de Frades – tiveram uma grande importância enquanto complexos mineiros de volfrâmio. Apesar do abandono destas explorações, ainda se podem observar as ruínas dos edifícios do pólo mineiro e as casas. Aldeias como Cabreiros e Tebilhão possuem, junto ao povoado, campos agrícolas trabalhados em socalcos, que se destacam na paisagem e estão ocupadas com hortas, searas, pomares e soutos, onde são cultivados principalmente milho, centeio, batata, feijão e hortícolas. A criação de gado é também uma actividade económica de grande importância, sendo criados cabras, porcos, ovelhas, galinhas e coelhos, com principal relevo para as vacas, sendo que existe a raça autóctone: a vaca arouquesa. Estas ainda ajudam nos trabalhos agrícolas, fornecem leite e carne, sendo esta denominada, desde 1994, como Denominação de Origem Protegida. Na gastronomia, destacam-se a vitela arouquesa, os bifos de Alvarenga assim como os doces conventuais. Nesta região e no artesanato há a referir trabalhos, de olaria, trabalhos em pedra e madeira, tecelagem e bordados. Na Serra e no vale de Arouca ocorrem várias festas e romarias, assim como festas populares e feiras permanecendo tradições várias.

A existência de uma rede de percursos pedestres tem já tradição. Ao longo destes encontram-se alguns elementos patrimoniais e panorâmicas únicas da serra. A serra encontra-se também dotada com uma rede de infra-estruturas viárias ao longo das quais se distribuem miradouros e parques de merendas, destacando-se o miradouro da Frecha da Mizarela ou o Portal do Inferno. No Merujal, existe um parque de campismo, com estruturas de parque aventura e restaurante, para apoio ao turismo e visitação. Nas margens do Paiva, encontram-se diversas praias fluviais (Praia Fluvial do Areinho, Praia Fluvial de Espiunca, Praia Fluvial da Paradinha, Praia Fluvial do Vau, Praia Fluvial de Meitriz, Praia Fluvial de Janarde e a Praia Fluvial de Albergaria da Serra), nas margens do rio Caima, algumas infra-estruturadas com balneários, bar e estacionamento automóvel.

Visão

Potencialidades:

- A geomorfologia, particularmente pela sua altitude, área planáltica, vales encaixados, marcada pela presença de formações graníticas;
- A vasta rede hidrográfica, associada a benefícios ecológicos, mas também recreativos como a existência de praias fluviais nas suas margens e a possibilidade de prática de desportos de água brava e desportos aventura;
- A existência do Geoparque Arouca, integrando 37 geossítios e um museossítio (Centro de Interpretação Geológica de Canelas) e o núcleo de Castanheira “Casa das pedras parideiras”, Povoações mineiras de Regoufe e Rio de Frades;
- A qualidade paisagística resultante de uma articulação sábia entre as formas de uso do solo e a diversidade geomorfológica, sendo que se destacam povoados rurais dispersos pela serra, integrando as habitações de arquitectura tradicional e edificações associadas, assim como as parcelas agrícolas;
- Valores naturais presentes (espécies de fauna e flora e habitats) e a sua designação como Sítio Rede Natura;
- O património arqueológico e arquitectónico religioso e civil;
- O sistema de vistas e a qualidade do ar;
- A existência de infra-estruturas de pequeno comércio e turismo nomeadamente ligados ao artesanato, restaurantes ao serviço da gastronomia, parques de campismo, parques de merendas;
- Espaço de festas e romarias;
- A rede de percursos pedestres.

Constrangimentos:

- Ocupação florestal, com a introdução de espécies exóticas e infestantes, como eucaliptos e acácias, aumentando os riscos de incêndio;
- Existência de pedreiras, construções clandestinas e estruturas como linhas de alta tensão, parques eólicos, mini-hídricas e novas

- vias e a realização de raids todo-o-terreno e o desenvolvimento de projectos turísticos;
- Descaracterização das aldeias tradicionais com a construção de novas habitações.
- Abandono das povoações serranas; e da actividade agrícola tradicional;
- Furtos a nível de património natural biológico e geológico.

Objectivo - Linhas Programáticas

Considera-se que, no âmbito da AMP, a Serra da Freita reúne os factores necessários para a sua integração na Rede Nacional de Áreas Protegidas enquanto Parque Natural. Identificaram-se os seguintes Pólos a integrar no Parque da Serra da Freita:

Pólo Senhora da Laje, Pólo Frecha da Mizarela, Pólo Pedras Parideiras, Pólo Canelas, Pólo Carreira de Moinhos de Alvarenga, Pólo Viveiros da Granja e Rede de Aldeias Tradicionais.

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação florestal;
- Recuperação e promoção de aldeias;
- Requalificação do património cultural arqueológico e religioso;
- Qualificação da interface com o corredor do Rio Paiva;
- Incentivo as práticas agrícolas tradicionais e pecuária num quadro de prestação de serviços ambientais;
- Incentivo à criação da raça arouquesa e procura de novos mercados (como queijo e outros derivados de leite);
- Promoção e requalificação de infra-estruturas ecológicas.

Qualificação Ambiental:

- Requalificação florestal;
- Estruturação e salvaguarda das nascentes e as linhas de água;
- Criação de Bolsas de Biodiversidade (micro-reservas).

Circulação:

- Qualificação da rede viária (interna e de acesso);
- Valorização e expansão da rede de percursos e trilhos;

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Promoção de trilhos;
- Formação de guias, em várias vertentes (paisagem, diversidade biológica, geologia, história,...);
- Criação e promoção de infra-estruturas de turismo rural e de natureza;
- Criação de centros de acolhimento e informação de desporto aventura;
- Criação de um serviço de visitas valorizador suportado nos pólos.

Emprego:

- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo (natureza, religioso, desporto, educação, aldeias históricas), gestão e manutenção do espaço florestal;
- Criação de centros de investigação (nas temáticas das ciências naturais, educação ambiental, energia, história, ...).
- Criação de mecanismos de valorização da actividade agrícola, promovendo os produtos obtidos e incentivando a gestão da paisagem com base na promoção de serviços ambientais;
- Incentivo à continuação das actividades artesanais e à promoção da gastronomia da região.



PÓLO SENHORA DA LAGE

A Nossa Senhora da Lage localiza-se em Urrô, numa zona planáltica da serra da Freita, a uma altitude de cerca de 900 metros. A capela data do Século XVII e foi construída em função do afloramento rochoso adjacente, o qual serve de alicerce. O edifício possui uma planta longitudinal, composta por uma nave única, capela-mor e sacristia. Do lado direito da nave, possui uma torre sineira quadrada e adjacentes à capela existem uma série de edifícios de apoio aos romeiros. Encontra-se aqui um conjunto de cruzeiros de pedra que formam um círculo simbolizando as freguesias em redor.



PÓLO FRECHA DA MIZARELA, GEOSÍTIO

A Frecha da Mizarela localiza-se na zona de contacto entre a faixa granítica e a faixa de xistos das Beiras, com a direcção WSW - ESSE. Esta é a mesma direcção da fase inicial dos movimentos hercínios, tendo sido modificada pela sobreposição das fases posteriores. A origem da Frecha deve-se não apenas a fenómenos de erosão diferencial (resultando da diferente capacidade do granito e xisto de resistirem à erosão), mas provavelmente também ao sistema de falhas que condicionam toda a serra.

Este é um sítio que possui um microclima onde frequentemente se formam nevoeiros de condensação, como na área a norte e nascente de Albergaria da Serra, que fica obscurecida com a ocorrência deste fenómeno. A encosta é de difícil acesso e mantém presentes espécies da vegetação natural, com domínio do carvalhal, podendo observar-se toda a sucessão edafo-higrófila, constituída pelo: carvalho-alvarinho (ao longo das linhas de água, em solos húmidos e profundos), carvalho-negral (na vertente mais fria) e também as espécies mediterrânicas que exercem o seu domínio: os sobreiros.

Junto à Frecha da Mizarela, encontram-se dois miradouros: um na aldeia da Mizarela e outro em Castanheira, em lados opostos do rio Caima, com vista sobre a queda de água. Próximo, encontra-se a Praia Fluvial de Albergaria da Serra localiza-se nas margens do rio Caima. Passam aqui 3 percursos pedonais da serra.



PÓLO PEDRAS PARIDEIRAS, GEOSÍTIO

Os afloramentos do Granito da Castanheira, na Serra da Freita, com os nódulos biotíticos, conhecidos como “Pedras Parideiras” são dos elementos geológicos mais emblemáticos de Arouca. Encontram-se aqui os seguintes Geossítios: Campo de dobras da Castanheira; Panorâmica da costa da Castanheira e Pedras parideiras. O afloramento rochoso é conhecido como “pedra parideira” e em Castanheira está prevista a instalação da Casa das Pedras Parideiras, uma nova unidade museológica. Próximo, encontra-se a Praia Fluvial de Albergaria da Serra e passa por aqui o percurso pedonal PR 15 - Viagem à Pré-história, com cerca de 17 km.



PÓLO CANELAS

O Pólo Canelas localiza-se nas margens do rio Paiva e engloba as Praias Fluviais de Espiunca e do Vau e o Centro de Interpretação Geológica de Canelas. A exploração mineira na serra da Freita parece remontar à época de romanização, sendo a Mina de Gralheira d'Água, em Canelas, provavelmente uma exploração aurífera romana. Existem registos da existência de ouro aluvial no rio Paiva, nas freguesias de Canelas e Espiunca. Entre finais do Século XIX e primeira metade do Século XX, laboravam, em Canelas, pequenas explorações de lousa, exploradas com métodos tradicionais, de onde extraíam materiais para a cobertura de telhados e produtos de cantaria, para venda na região.

O Centro de Interpretação Geológica de Canelas foi inaugurado em Julho de 2006 e possui uma colecção de fósseis. Nas rochas negras de Canelas, podem-se observar, além de cerca de 15 espécies distintas de trilobites que chegam a atingir um comprimento de 70 centímetros.

Outros locais de interesse são o Ferrolito do Ordovícico Médio, troços da via romana da *ligação de Arouca a Alvareng, Lamego e ao Rio Douro*, a Mesa dos ladrões, a crsta quartzítica dos Galinheiros, as Minas de ouro romanas, os lcnofósseis dos quartzitos, Conglomerados do Carbónico, Graptólitos do Silúrico e manifestações da Glaciação tardi-ordovícica.



PÓLO CARREIRA DE MOINHOS DE ALVARENGA

Na freguesia de Alvarenga, existem cerca de quarenta e um moinhos, estando cerca de 19 em funcionamento, dos quais 6 pertencem à Carreira de Moinhos de Alvarenga. Esta carreira é constituída por 17 moinhos de rodízio, em carreira, sendo este caso considerado como único em Portugal. Localiza-se em Carreiros, lugar de Cimalhas. Aqui, a água é conduzida através do lendário “Rego do Boi”. Próximo, encontram-se várias praias fluviais, como a do Areinho, a da Espiunca, a da Paradinha e a do Vau, e passa por aqui o percurso pedonal PR 6 - Caminho do Carteiro.



PÓLO VIVEIROS DA GRANJA

No lugar da Granja, localizavam-se uns viveiros, outrora mantidos pelos Serviços Florestais, e que têm zonas de lazer. A Câmara Municipal de Arouca é hoje responsável pela gestão deste sítio e tem a intenção de colocar aqui um conjunto de equipamentos. Por aqui passa o percurso pedonal PR 4 - Cercanias da Freita.



REDE DE ALDEIAS TRADICIONAIS

A Serra da Freita possui um conjunto de aldeias com reconhecido carácter sendo que naturalmente nas aldeias convivem lado a lado memórias de um tipo de vida passada com manifestações de hoje que, por vezes, causam forte impacto. Pelas aldeias passam muitos dos percursos pedestres da serra. Com maior ou menor grau de abandono, as aldeias ainda vão revelando os seus casarios originais, os campos envolventes, os materiais da serra e algumas delas com a particularidade de terem a sua história ligada à exploração mineira.

À maior altitude localiza-se Albergaria da Serra, a 1077 metros, e daqui pode avistar-se a serra da Estrela, o Caramulo, a Beira Litoral, o Vouga e o Douro. O nome deve-se ao facto de ter existido, neste local, uma albergaria fundada pela Rainha D. Mafalda sendo que aqui passava a via romana que fazia a ligação entre o Porto e Viseu. O rio Caima nasce nesta aldeia sendo o resultado da união de vários riachos e linhas de água que descem do planalto e, um pouco abaixo da nascente, precipita-se pela Frecha da Mizarela; seguindo por cascatas até ao lugar da Ribeira, entre campos agrícolas, até Vale de Cambra, e a Oliveira de Azeméis desaguardo no rio Vouga. Isolada no meio de campos no topo da serra, está a Igreja de Nossa Senhora da Assunção. Castanheira, com as suas casas no meio das leiras, num amplo vale de altitude é a terra



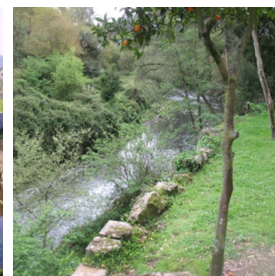
das “pedras parideiras”. Cando é uma pequena aldeia no planalto com terrenos cultivados, num nível inferior ao das casas sendo que a proximidade de uma louseira alimentou a aldeia com muitas lajes de cobertura de casas. Existe a Mamoa do Cando com um diâmetro de 6 metros e uma altura de 40 centímetros, Cabreiros é uma aldeia localizada nas faldas da serra com as casas sobretudo ao longo da estrada com um conjunto rico de socalcos agrícolas. Em Rio de Frades foram as minas de volframite e cassiterite. As explorações e instalações mineiras, hoje em estado de ruína, encontravam-se bastante dispersas, existindo três núcleos: a aldeia tradicional, situada a meia encosta, com as casas de xisto localizadas num meandro do rio, com leiras em terraço; o bairro ou as “casas de cima”, a cerca de 100 metros mais à frente composto por um conjunto de edifícios lineares que era habitação para o pessoal técnico e administrativo das minas e que actualmente ainda se encontra habitado; e o núcleo principal das “Casas da Companhia”, com os escritórios e um conjunto de construções nomeadamente para habitação e mais adiante as instalações técnicas. Covelo de Paivô é considerada uma povoação muito mais antiga que a fundação da nacionalidade. De acordo com o Dicionário Geográfico de 1758, esta freguesia tinha “dois lugares... e huma Póvoa que chamam Drave”. A freguesia tem cinco lugares: a sede de freguesia, Regoufe, Drave, Emproa e Pego. Regoufe



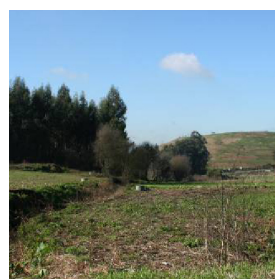
localiza-se numa zona do vale que alarga, junto a um afloramento granítico cujo cume atinge a cota de 953 metros; do outro lado do vale, existem cabeços xistosos, que se elevam a uma cota de 900 metros e é onde se encontram os campos agrícolas. Encontra-se aqui o Geossítio Complexo Mineiro da Poça da Cadela. Drave localiza-se na meia encosta, entre a serra da Freita e serra de S. Macário, junto a três pequenos cursos de água: rio Palhais, ribeiro da Bouça e ribeiro do Ribeirinho. Possui cerca de vinte casas, muitas das quais já em ruínas, ao longo da vertente. Recentemente, foram restauradas algumas casas. É considerado um local mítico. Meitriz era já referida em documentos medievais que se distinguia pelo seu casario coberto de laje, os campos e o rio. Janarde localiza-se numa lomba alta do monte, isolada, marcada pela presença do xisto, constituída por casario, leiras e caminhos murados. Em Paradinha desagua na margem esquerda do Paiva o seu afluente, rio Paivó e aqui o Paiva passa a correr para Norte. No lugar de Bustelo, localiza-se a capela da Senhora da Guia, que data de 1750.

VALES

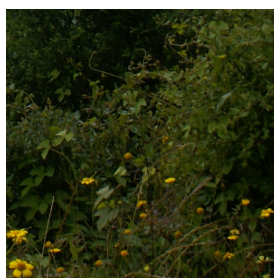
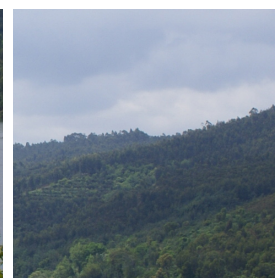
Parque do Leça



Parque do Tinto Torto



Parque do Douro



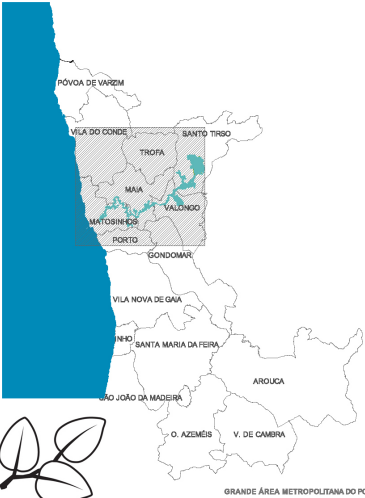
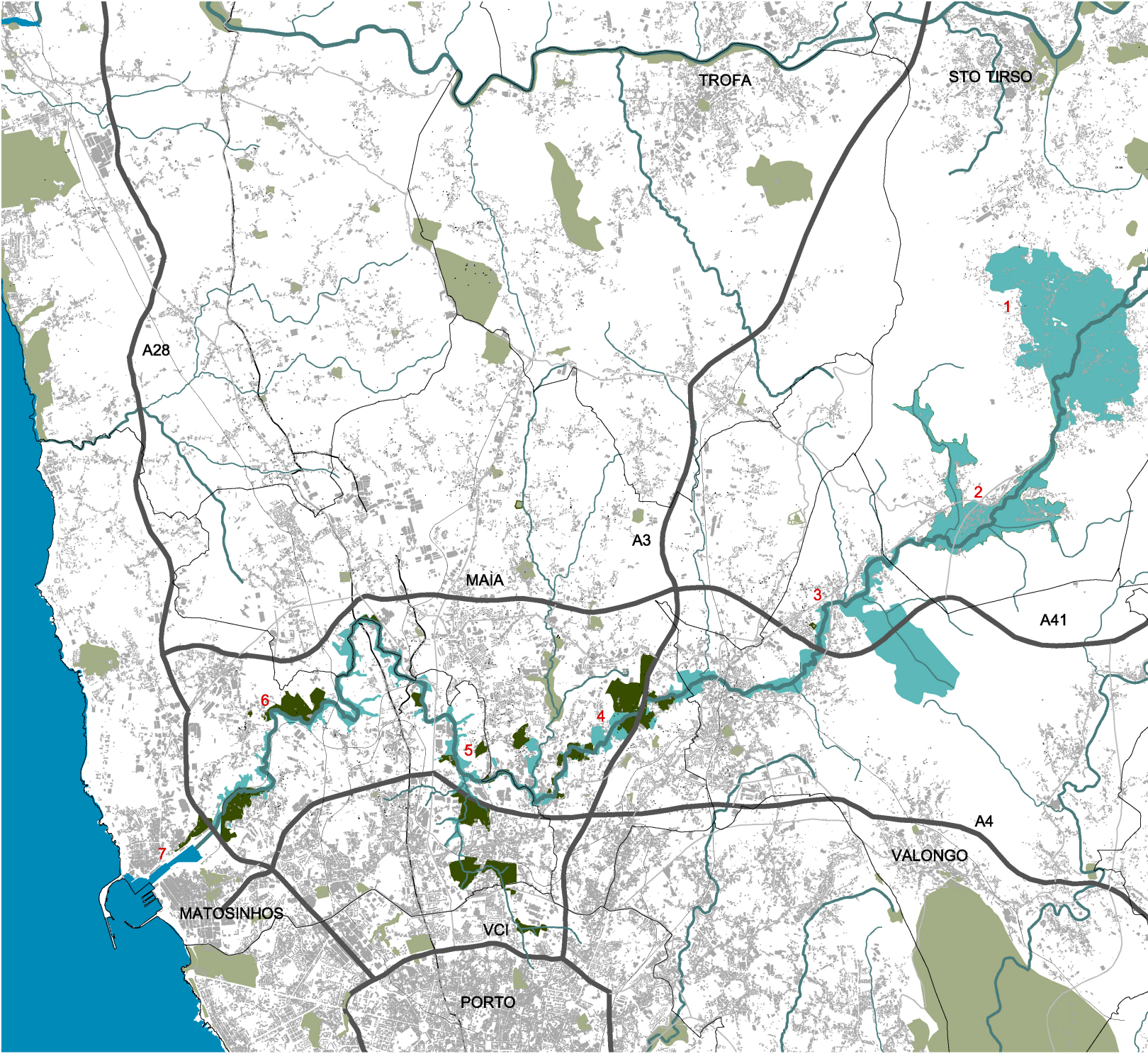
TIPOLOGIA: VALES

ÁREA (ha): 2542

CONCELHOS ABRANGIDOS:
Matosinhos, Maia, Valongo, Santo Tirso, Porto

- PÓLOS:
- 1 Refojos de Riba d'Ave
 - 2 Pídre
 - 3 Vale Agrícola de Alfena
 - 4 Vale Industrial da Maia
 - 5 Leça do Balio
 - 6 Sta. Cruz do Bispo
 - 7 Porto de Leixões

Rios
Limite dos concelhos
Ocupação urbana



PARQUE DO LEÇA

Missão

O Parque do Leça desenvolve-se ao longo das margens do Rio Leça, numa extensão de 40 Km, desde o Parque de Monte Córdova até à foz, no Porto de Leixões. Associado ao Parque, desempenhando uma função de corredor, encontra-se a Ribeira do Arquinho, que juntamente com as Ribeiras do Leandro, Junqueira e Tabãos constituem os seus principais afluentes, e ainda a ribeira da Asprela, em Paranhos, no Porto.

A paisagem do Parque é muito heterogénea, evidenciando a complexidade deste território metropolitano. A montante, em Refojos de Ave e Pídre, o vale do Leça corresponde a uma vasta área agrícola em solos aluvionares, com forte presença cultural. Contudo, à medida que se desloca para jusante, as áreas agrícolas reduzem drasticamente, e o vale perde o seu carácter agrícola e rural, assumindo um carácter urbano e industrial. De acordo com os dados do INAG do ano 2000, 51% da zona envolvente ao Rio Leça era constituída por espaços artificializados, sendo que os espaços urbanos e urbanizáveis representavam 47,8%, enquanto os espaços industriais eram cerca de 3,7%. No vale predomina a agricultura de regadio, correspondendo à cultura de milho/azevém praticada em grandes folhas agrícolas, hortas e pomares. A importância do Rio Leça como elemento gerador de riqueza e de paisagem está também reportada ao nível do património construído, que engloba mosteiros, lugares de culto (igrejas, capelas e calvários), quintas, pontes, moinhos azenhas, etc. O Parque do Leça é atravessado por grandes eixos tais como a EN13, EN14, EN100, EN 105, VRI, A3, A28 e a A41.

Embora a agricultura seja o factor de afirmação histórica e cultural deste vale, é o uso florestal é o que domina a bacia do rio Leça, sendo as maiores áreas florestais constituídas principalmente por povoamentos mistos irregulares de eucalipto e pinheiro-bravo. Sob o ponto de vista da fauna, apesar das grandes transformações territoriais, o

vale do Leça, ainda apresenta locais de interesse. Na Bacia do Rio Leça, uma área de bastante importância sob o ponto de vista da conservação da natureza é o vale do Ribeiro de Tabãos, localizado na freguesia de Alfena, em Valongo. Ao longo do curso do rio, em particular na parte superior, na parte do vale entre Pereiras e a ponte das Cabras, em Refojos, a diversidade florística é de assinalar.

A proposta de Parque resulta prioritariamente de uma sucessão de espaços agrícolas associados ao rio com valor cultural e que são estratégicos para o funcionamento sistémico do rio. Por outro lado, atende ainda a um momento da vida do vale do Leça iniciada com a industrialização no século XIX e procura não negar essa valência e potenciar o legado patrimonial. Este momento do rio e a fase da expansão urbana no vale foram responsáveis pela degradação da qualidade da água do rio, uma questão já amplamente evidenciada e com diagnósticos feitos. O avanço da urbanização neste vale, imediatamente a norte do Porto, é naturalmente muito significativo embora nem sempre de acordo com as regras mais desejáveis do que resulta uma paisagem bastante desordenada inclusivamente do ponto de vista da legibilidade de circulação de pessoas e bens. A qualidade da paisagem por vezes é baixa apesar de uma significativa capacidade de absorção visual. Alguns destes espaços, embora propriedade privada, têm merecido a atenção das respectivas Câmaras Municipais que têm vindo a desenvolver propostas de valorização e integração destes espaços numa lógica de 'corredor verde urbano'. Assim, a área de Parque procura igualmente integrar estas propostas como indicadores de utilização potencial ao nível de uma intenção. Em resumo, conclui-se que a criação de um parque num território com estas características tem por missão tornar-se numa oportunidade de qualificação e valorização de um território que afinal é um espaço de proximidade par um elevado número de residentes. A

sua implementação é um processo de médio longo prazo que reclama coordenação supra-municipal, de nível metropolitano.

Dadas as características do Parque do Leça, o conceito de Pólo tende aqui a ganhar uma dimensão mais abrangente e não propriamente restrita aos sítios mas antes a territórios mais abrangentes que constituem verdadeiras unidades de paisagem resultantes sobretudo do referido gradiente da urbanização.

Visão

Potencialidades:

Corredor de dimensão e localização estratégica na Área Metropolitana; paisagem heterogénea que funciona como um gradiente de cenários e culturalmente rica.

Constrangimentos:

Forte pressão urbanística, poluição do rio, fragmentação territorial pelo atravessamento de grandes eixos viários, baixa qualidade paisagística, desordenamento territorial.

Objectivo - Linhas Programáticas

Identificaram-se os seguintes Pólos a integrar no Parque do Leça:

Pólo Refojos de Riba d' Ave. Pólo de Pidre, Pólo Vale Agrícola de Alfena, Pólo Vale Industrial da Maia, Pólo Leça do Balio, Pólo Sta. Cruz do Bispo, Pólo Porto de Leixões

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação Florestal apostando na multifuncionalidade deste recurso (produção, protecção e recreio);
- Promoção, qualificação e recuperação das áreas agrícolas;
- Requalificação do património construído mais relevante;
- Qualificação das interfaces urbanas e industriais;
- Qualificação da rede viária, em particular dos eixos viários principais;
- Criação de uma rede de percursos pedonais e cicláveis ao longo do rio, com áreas de lazer, recreio, produção e conservação associadas;
- Criação de um corredor verde metropolitano reforçando o papel de corredor ecológico do Rio.

Qualificação Ambiental:

- Melhorar e monitorizar a qualidade da água do Rio Leça e dos seus principais afluentes;
- Reestruturar, recuperar e salvaguardar os ecossistemas ribeirinhos;
- Promoção e recuperação de infra-estruturas ecológicas;
- Promoção de nichos ecológicos para a fauna locais;
- Criação de microreservas;
- Melhorar as práticas agrícolas através da aplicação de medidas de gestão e monitorização de efluentes e resíduos agrícolas;
- Criar sistemas de drenagem sustentáveis, nas áreas mais urbanas.

Circulação:

- Qualificação da rede viária, em particular os principais eixos viários identificados;
- Criação de uma rede de percursos e trilhos;
- Criação de uma rede de percursos pedonais e cicláveis ao longo do rio.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Promoção dos diferentes trilhos através de postos de turismo a desenvolver em infra-estruturas existentes ou a desenvolver.

Emprego:

- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo rural, gestão e manutenção do espaço florestal;
- Criação de oportunidades de investigação nas diferentes áreas artísticas, científicas e humanas.



PÓLO REFOJOS DE RIBA D'AVE

Este troço abrange uma vasta área agrícola em solos aluvionares, que se estende pelo concelho de Santo Tirso, nas freguesias de Refojos de Riba de Ave, Reguenga e Lamelas. Neste troço, o rio Leça vai atravessando grandes parcelas agrícolas e áreas com quintas, muitas delas históricas, sendo evidente o forte carácter cultural desta paisagem. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Capela do Senhor dos Aflitos, Igreja de Refojos, Capela da Casa do Casal, Capela da Ermida de Santo António, Capela de Nossa Senhora das Dores, Casa de Menguela e ermida a N. S.^a da Vitória, Quinta da Granja, Quinta da Casa do Casal, Quinta de Vila Verde, Casa de Santa Eulália, Casa de Cavelos, Palacete Visconde de Cantim, Ponte das Cabras, Pontes da Reguenga, Percurso Ambiental 6 - Vale do Leça.
- **Elementos distintivos:** agricultura, vistas.
- Dinamização do percurso existente com a criação de miradouros e locais de estadia nos pontos mais importantes.



PÓLO DE PIDRE

Neste troço, o rio Leça encontra-se numa zona de transição entre a envolvente agrícola que caracteriza a unidade anterior e a forte urbanização que irá distinguir o troço seguinte. Aqui, o rio Leça encontra-se envolvido por parcelas agrícolas em solos de aluvião, que alternam com áreas de ocupação florestal. Esta área marca o limite do concelho de Santo Tirso, sendo ocupada pelas freguesias de Água Longa e Agrela. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Capela e cruzeiro das Alminhas de Pidre, Capela da Sr.^a da Guia e três cruzeiros, Capela N.^a S.^a de Lurdes, Casas do lugar de Pidre, Quinta da Agrela, Ponte medieval do Arquinho, Percurso Ambiental 6 - Vale do Leça.
- Dinamização do percurso existente com a criação de miradouros e locais de estadia nos pontos mais importantes.



PÓLO VALE AGRÍCOLA DE ALFENA

O Pólo Vale Agrícola de Alfena desenvolve-se nas duas freguesias de Valongo, por onde passa o Rio Leça, Alfena e Ermesinde. Nesta área, o vale do rio encontra-se sob forte pressão urbanística, evidenciando uma paisagem desqualificada. No entanto, ao longo das margens do Leça, é corrente encontrar-se de forma contínua grandes parcelas agrícolas (em produção ou em fase de abandono) a ocupar a zona aluvionar. Como principais **constrangimentos** indica-se a envolvente desqualificada, atravessamento do vale por grandes eixos viários (A41, A4, Linha de caminho de ferro), forte pressão urbanística, abandono agrícola e qualidade da água. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Ponte do Arquinho, Moinho hidráulico de Travagem, Pontes da Travagem, Quinta do Ribeiro, Quinta das Telheiras, Calvário de Aldeia Nova, Calvário da Costa, Capela da Sr.ª do Amparo e Calvário de Transleça, Zona de Lazer de S. Lázaro.
- **Elementos distintivos:** Áreas agrícolas contínuas, Moinhos, Pontes, Capelas, ligação à Ribeira de Tabãos.
- Área agrícola significativa com potencial para absorver outro tipo de funções.



PÓLO VALE INDUSTRIAL DA MAIA

Aqui a bacia hidrográfica do Rio Leça encontra-se bastante artificializada devido, essencialmente, ao desenvolvimento industrial e urbano do Concelho da Maia. O atravessamento de grandes eixos viários (Via Norte, A3, A4, IC24), fragmentou e deteriorou a paisagem. Embora seja uma paisagem muito descaracterizada, encontram-se ainda ao longo do rio moinhos, pontes e azenhas, por vezes organizados em núcleos. A Câmara Municipal da Maia assume para o rio Leça, juntamente com a ribeira do Arquinho, uma estratégia de valorização fluvial, ambiental e paisagística, com objectivos também recreativos, possuindo assim já um conjunto de projectos a desenvolver. Como principais **constrangimentos** indica-se a forte presença industrial, forte pressão urbanística e o mau estado de conservação do património edificado tradicional (moinhos). Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Moinhos de Ardegães, Moinhos de Alvura, Ponte de Alvura.
- **Elementos distintivos:** Presença de Moinhos e Pontes ao longo do rio, por vezes organizados em núcleos.
- Existência de projectos da CM Maia para o desenvolvimento de parques e percursos pedonais e cicláveis ao longo do rio Leça.



PÓLO LEÇA DO BALIO

O Pólo Leça do Balio abrange o rio Leça entre o Mosteiro de Leça do Balio e a Feira de Santana, em Matosinhos. A presença urbana neste troço da bacia do Leça é extremamente marcante, não só pela presença próxima do centro da Maia, como pelo contínuo urbano ao longo da antiga estrada nacional para Barcelos (Caminho de Santiago). A contribuir para a artificialização do território estão também grandes unidades industriais (UNICER, Zona industrial da Maia), e o atravessamento de eixos viários (N13, via norte (N14), A4, CREP). Como principais **constrangimentos** indica-se a forte pressão urbanística, a fragmentação causada pela presença de grandes eixos viários e a envolvente desqualificada. Como **potencialidades** identificam-se:

- Elementos categóricos: Capela e Feira de Santana, Mosteiro de Leça, Parque das Varas, UNICER, Ponte de Ronfes, Ponte das Varas.
- Elementos distintivos: Capela e Feira de Santana, Mosteiro de Leça, Mosteiro de Padrão de Moreira.
- Proximidade ao centro da Maia.



PÓLO STA. CRUZ DO BISPO

O vale do Rio Leça apresenta-se como um espaço, com características rurais, mas com forte presença urbana devido aos atravessamentos de grandes eixos viários. No entanto, a vale fecha-se em si próprio, revelando a sua história em determinados locais de elevada qualidade cénica, tais como a Quinta de Santa Cruz do Bispo e complexo prisional, Monte de São Brás e o Parque da Ponte do Carro. A presença de extensas folhas agrícolas, assim como, de interessantes afloramentos rochosos, vem reforçar a qualidade do lugar. Como principais **constrangimentos** indica-se o abandono agrícola e dos moinhos ao longo das margens do rio, próximo da ponte do carro e a presença de espécies vegetais exóticas (eucaliptos, acácias, etc). Como **potencialidades** identificam-se:

- Elementos categóricos: Prisão de Santa Cruz do Bispo, Portão de Nazoni, Moinho da Várzea, Parque da Ponte do Carro, Ponte de D. Goimil, Moinho de Monte de S. Brás, Moinho da Ponte do Carro, Ponte do Carro, Moinho da Pinguela, Monte de São Brás ("Homem da Maça", Zona de merendas, Capela de Nossa Senhora do Livramento e de S. Brás, Capela de S. Sebastião), Largo da Viscondessa, Moinho da Silva.

- **Elementos distintivos:** Quinta de Santa Cruz do Bispo, Prisão, Monte de São Brás ("Homem da Maça", Zona de merendas, Capela de Nossa Senhora do Livramento e de S. Brás, Capela de S. Sebastião), Parque da Ponte do Carro, formações geológicas.
- Qualidade do conjunto dos locais referenciados.



PÓLO PORTO DE LEIXÕES

Este pólo coincide com a foz do rio Leça, junto ao Atlântico. Caracteriza-se por ser uma área extremamente infraestruturada, devido à presença do Porto de Leixões, e dos centros urbanos de Matosinhos e Leça da Palmeira. O Plano Estratégico do Porto de Leixões encontra-se em implementação. Devido à sua proximidade a centros urbanos, esta área, reclama funções recreativas. Como principais **constrangimentos** indica-se a presença das infraestruturas do porto de Leixões; acessos desqualificados e envolvente desqualificada a montante do porto de Leixões; Castro em mau estado de conservação e com pouca visibilidade. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Forte de N.ª Sr.ª das Neves, Porto de Leixões, Marina de Leça, Farol, Quinta de N. S. da Conceição, Quinta Museu de Santiago, Jardim Basílio Teles, Igreja do Bom Jesus, Parque 25 de Abril, Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, Biblioteca Municipal, Câmara Municipal de Matosinhos, Praça Guilhermina Suggia, Castro, Espaço de Romaria.
- **Elementos distintivos:** Igreja do Bom Jesus, Quintas de N. S. da Conceição e Santiago.
- Proximidade ao centro urbano de Matosinhos, boas acessibilidades.

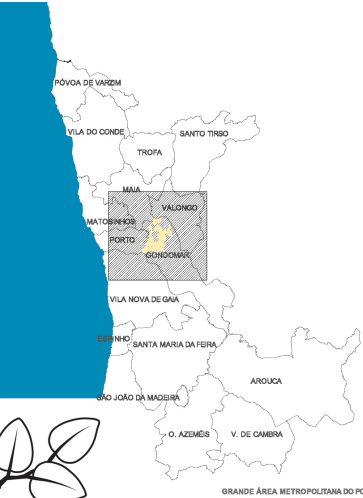
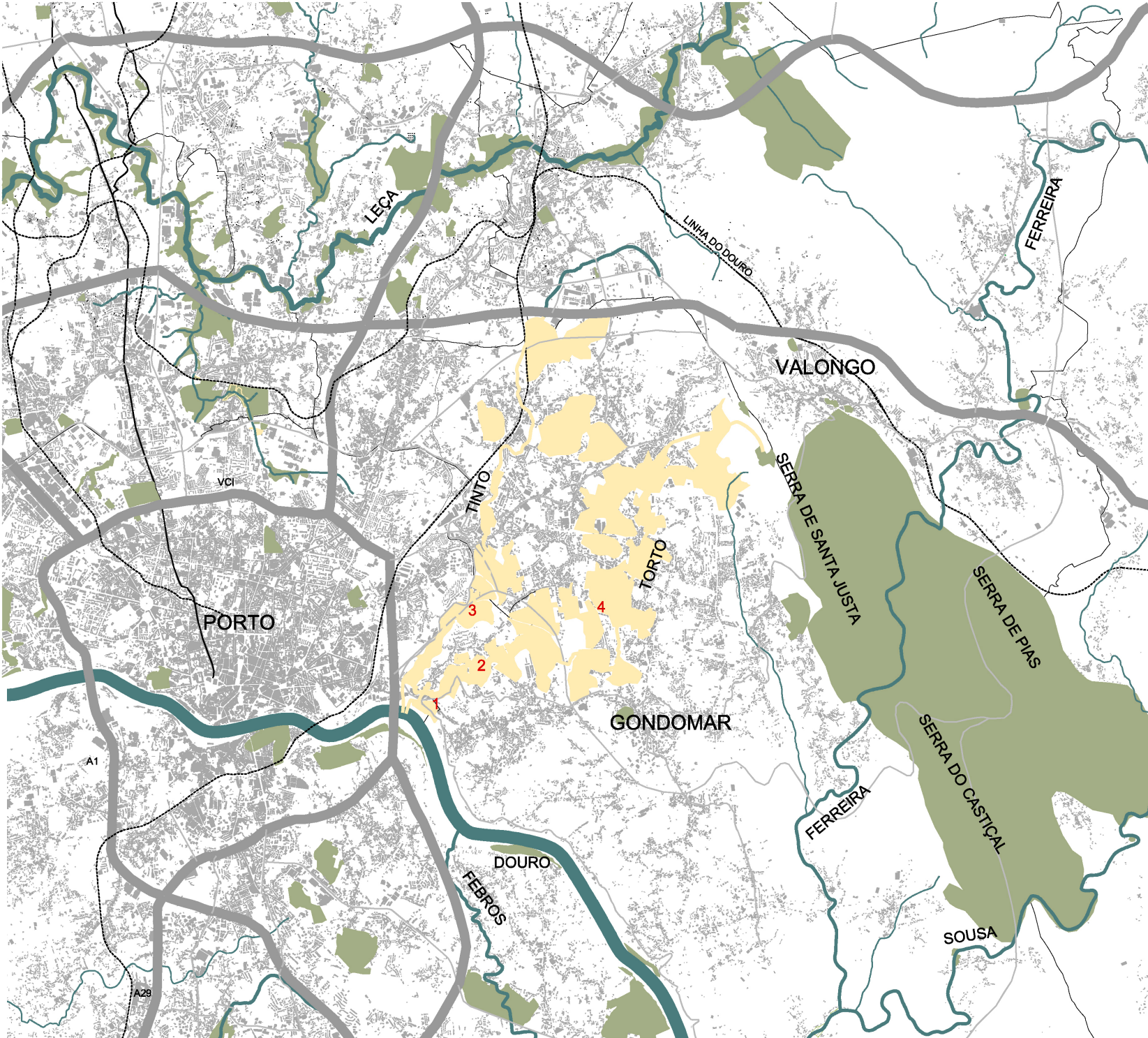
TIPOLOGIA: VALE

ÁREA (ha): 883

CONCELHOS ABRANGIDOS:
Porto, Gondomar

PÓLOS:
1 Zona Cultural do Freixo
2 Agroparque
3 Parque Oriental
4 Azenha de Cima

Rios
Limite dos concelhos
Ocupação urbana



PARQUE DO TINTO TORTO

Missão

A proposta do Parque do Tinto Torto tem uma fundamentação bastante idêntica à já apresentada para o Parque do Leça, considerando-se que se trata da oportunidade de conferir qualidade ao ambiente urbano da zona oriental do Porto e da zona ocidental de Gondomar que correspondem aos vales dos rios Tinto e Torto. Trata-se de um território com uma densidade urbana idêntica, tendo por base uma estrutura rural orgânica que deu lugar a um tecido urbano sinuoso, sem legibilidade e, de um modo geral, bastante desqualificado. A oportunidade de um parque ribeirinho resultante da articulação das parcelas agrícolas ‘sobrantes’ é vista como uma possibilidade de conferir ainda alguma coesão ao tecido urbano.

O rio Tinto nasce em Ermesinde, concelho de Valongo, atravessa as freguesias de Rio Tinto e Campanhã, em Gondomar e no Porto, respectivamente, antes de desaguar no Esteiro de Campanhã, onde também desagua o rio Torto, que nasce em Baguim do Monte, passa por Fânzeres, São Cosme, Valbom e Campanhã. O rio Torto apenas corre em Gondomar e Porto. O rio Tinto percorre aproximadamente 11,7 km na direcção dominante Norte-Sul, e o rio Torto com um comprimento total de cerca de 12 km vem da nascente até ao Taralhão na direcção dominante Norte-Sul, inflectindo depois para Este-Oeste.

Os dois rios, principalmente o rio Tinto, apresentam graves níveis de poluição da água, com carga orgânica muito elevada, devido ao despejo de efluentes domésticos e industriais sem tratamento, de áreas urbanas densamente povoadas como Ermesinde e Rio Tinto. O rio Torto, por atravessar zonas menos urbanizadas, apresenta melho-

res resultados da qualidade da água. Mas os dois rios também sofrem com outras agressões ambientais, o entubamento, a deposição de aterros e lixos, a construção próxima do curso de água e a destruição da vegetação ribeirinha.

Apesar do avanço das construções e urbanizações nos vales do rio Tinto e Torto, existem espaços agrícolas, mais representativos em Rio Tinto, Fânzeres e São Cosme, enquanto no troço final dos rios, em que o vale é mais encaixado, a agricultura de subsistência (hortas) marca presença nos socacos que marginam as margens. As áreas silvestres são raras e muito fragmentadas, ocupadas principalmente por espécies arbóreas de rápido crescimento e matos.

No rio Torto e no rio Tinto, ainda resistem alguns dos muitos moinhos que funcionavam com a força motriz das águas, mas na maioria apenas restam os edifícios. No restante património cultural, no vale rio Tinto destaca-se o património religioso (capelas, igrejas, etc.). Já no vale do rio Torto, além do património religioso, há interessantes núcleos de casas agrícolas (seiscentistas, setecentistas) e quintas históricas, principalmente em Fânzeres e Gondomar. Comum aos dois rios, em Campanhã existe um conjunto patrimonial de quintas e edifícios históricos como o Palácio do Freixo, a Quinta de Villar d'Allen, etc.

Quanto a património natural, no rio Tinto praticamente é inexistente a galeria ripícola, já o rio Torto no troço final, apresenta alguns trechos de vegetação ribeirinha e bosquetes de vegetação autóctone.

Para o troço final dos dois rios, no Plano Director Municipal do Porto está proposto o Parque Oriental do Porto, para criar um espaço de lazer, com o aproveitamento e recuperação dos corredores de vege-

tação ripícola dos rios, bem como com a criação de outras valências lúdicas e educativas.

Dadas as características do Parque do Leça, o conceito de Pólo tende aqui a ganhar uma dimensão mais abrangente e não propriamente restrita a sítios mas antes a territórios – campos, espaços abertos, não edificadas, abandonados ou não – que ainda se entende terem dimensão e homogeneidade de carácter para serem consideradas unidades de paisagem.

Visão

Potencialidades:

Património cultural, alguns povoamentos florestais em regeneração natural, alguns nichos ecológicos de interesse (exemplo: a galeria ripícola e Paul do Rio Torto).

Constrangimentos:

Forte pressão urbanística e industrial, risco elevado de incêndio dos povoamentos florestais, abandono agrícola, fragmentação territorial pelo atravessamento de grandes eixos viários, proximidade a bairros sociais problemáticos, má qualidade da água, contaminação do solo, mau estado de conservação do património construído, canalização dos rios.

Objectivo – Linhas Programáticas

Identificaram-se os seguintes pólos a integrar no Parque do Tinto Torto:

Pólo Azenha de Cima (Gondomar) e Pólo Parque Oriental, Pólo Agro-parque e Pólo Zona Cultural do Freixo no Porto, na freguesia de Campanhã.

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação da paisagem apostando na sua multifuncionalidade (produção, protecção e recreio);
- Recuperação e promoção do ecossistema agrícola;
- Qualificação das interfaces urbanas e industriais;
- Recuperação do património construído.

Qualificação Ambiental:

- Salvaguarda e protecção do recurso solo;
- Criação de bolsas de biodiversidade (micro-reservas);
- Qualificação da água;
- Criação de trilhos adequados à capacidade e vulnerabilidades dos ecossistemas.

Circulação:

- Criação de uma rede de percursos.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Promoção dos trilhos através de postos de turismo a desenvolver em infra-estruturas existentes ou a desenvolver;
- Promoção de actividades desportivas ao ar livre.

Emprego:

- Criação de postos de trabalho em áreas da gestão ambiental;
- Criação de oportunidades de investigação nas diferentes áreas artísticas, científicas e humanas.



PÓLO ZONA CULTURAL DO FREIXO

A Zona Cultural do Freixo, localizada na foz dos Rios Tinto e Torto, entre o Rio Douro e a EN 108, constitui um “cluster” de equipamentos recreativos, alguns classificados e outros com interesse patrimonial. Aqui encontra-se o Palácio do Freixo, Monumento Nacional desde 1910, a Antiga Fábrica da CUF – Quimigal, o edifício da antiga Companhia de Moagem Harmonia, o Museu da Imprensa e a Marina do Freixo.

PÓLO AGROPARQUE

O Agroparque, previsto no PDM do Município do Porto como Áreas Verdes Mistas, desenvolve-se ao longo do Rio Torto no seu troço de jusante, compreendendo os lugares de S. Pedro, Azevedo, Granja, onde se encontra o centro de moagem, Meiral, a capelinha do Monte e Furamontes. Os cerca de 73 ha destinados ao parque são hoje em dia, um território agrícola desqualificado e degradado, com profundos problemas de abandono e exclusão social. O Agroparque dentro do Porto vai até às margens do Rio Torto sendo que Gondomar ainda não reviu o seu PDM e, por isso, a sua continuidade neste concelho ainda está por definir.

Apesar dos sinais evidentes de abandono e deterioração, demonstrado pela presença dos matos densos, silvados e infestantes, esta área é detentora de património natural e cultural de elevado interesse, tal como quintas, moinhos, matas de Carvalhos e Sobreiro com sub-cobertos em regeneração natural (existência de azevinhos, medronheiro), fragmentos densos de galeria ripícola, um paul, etc.



Fonte: maps.live.com

PÓLO PARQUE ORIENTAL

Localizado na zona oriental da cidade do Porto, o futuro Parque Oriental, definido no PDM do Município do Porto, abrange o vale do Rio Tinto no seu troço mais perto da foz, numa extensão de 71 ha. Insere-se num contexto urbano de periferia, encaixado entre grandes eixos viários (Circunvalação, VCI, IC 29/A43), num lugar desqualificado e com fortes problemas de exclusão social. A ocupação do solo é na sua maioria representada por campos agrícolas abandonados, onde proliferam infestantes Erva-das-Pampas (*Cortaderia* sp.), associados a matas de Acácias e Eucaliptos.

A primeira fase do projecto, da autoria do arquitecto paisagista Sídónio Pardal, integra 10 ha. O Projecto prevê a preservação da Quinta da Revolta, a integração da ETAR do Freixo, a valorização do rio Tinto, e a construção de zonas desportivas e de um hipódromo e ainda a integração de núcleos rurais existentes.

PÓLO AZENHA DE CIMA

A Azenha de Cima compreende o vale do Rio Torto, entre as freguesias de Valbom e Gondomar (S. Cosme). Representa uma área agrícola produtiva com presença de quintas, sobrados e casais. Contudo, este território encontra-se delapidado pela proliferação do tecido urbano e industrial, e pelo atravessamento de grandes eixos viários (IC 24 / A43). Os povoamentos florestais são na sua maioria compostos por pinheiro bravo, eucaliptos e acácias.

TIPOLOGIA: VALE

ÁREA (ha): 4300

CONCELHOS ABRANGIDOS:

Porto, Vila Nova de Gaia,
Sta Maria da Feira, Gondomar

PÓLOS:

- 1 Areinho de Quebrantões
- 2 Areinho de Avintes
- 3 Praia de Marecos
- 4 Praia Fluvial de Ameias
- 5 Areal de Zebreiros
- 6 Praia Fluvial de Crestuma
- 7 Praia da Lomba
- 8 Praia Fluvial de Melres
- 9 Porto Fluvial do Carvoeiro
- 10 Parque Urbano de Quebrantões
- 11 Marina da lixa (Marina de Boialvo)
- 12 Centro Ambiental de Lever
- 13 Tapada do Outeiro

- Rios
- Limite dos concelhos
- Ocupação urbana
- Caminho de S. Tiago



PARQUE DO DOURO

Missão

O Parque do Douro corresponde ao troço de jusante do rio, num percurso de 46 km, desde a foz no Porto até ao lugar de Rio Mau em Gondomar. O vale tem características predominantemente encaixadas sendo que as suas margens são densamente urbanizadas, sobretudo a jusante. Esta proposta de Parque do Douro em termos territoriais é bastante restritiva, uma vez que se privilegia o 'espelho de água' que na parte nascente resulta do armazenamento das águas na albufeira da barragem de Crestuma Lever e aos principais pontos de interface terra/rio como sejam cais e praias fluviais, a montante do centro histórico do Porto e Gaia.

O Douro é visto como um ícone de afirmação identitária de toda uma região e cartão de visita nacional. Nas margens, o uso de solo varia entre o florestal e o urbano, sendo que existe um gradiente de nascente onde predomina o uso florestal para poente, mais urbanizado.. Nos vales dos afluentes que drenam para o Rio: Ribeira de Melres, Rios Inha, Uíma, Sousa e Febros permanece alguma agricultura já não se podendo dizer o mesmo dos vales dos rios Tinto e Torto onde se regista um acentuado abandono.

Outrora usado como rota comercial e via de comunicação entre o litoral e interior, hoje o rio abastece água à AMP, produção de energia, oferece diversidade de actividades recreativas (pesca, desportos aquáticos, actividade balnear, etc.), turismo e história. A quantidade de património material e imaterial é vasto, desde lendas e tradições, a quintas de recreio, passando pelos centros históricos do Porto e de Vila Nova de Gaia. A qualidade e valor deste património foram reconhecidos mundialmente, com a consagração, em 1996, do Centro Histórico

do Porto como Património Mundial da UNESCO.

O projecto da navegabilidade do Douro ficou concluído em meados da década de 80. Embora concebido com o objectivo de transporte de mercadorias, a navegabilidade do rio tem servido fundamentalmente ao turismo com o destino ao Douro vinhateiro. A maioria dos visitantes entra no Porto e os barcos rumam para montante tendo que vencer um primeiro troço até chegar às eclusas de Crestuma. A barragem define assim dois momentos muito distintos no Parque e que passaremos a designar pró troço de jusante e troço de montante.

A paisagem deste troço, uma vez passado o 'Porto Património da Humanidade', encontra-se bastante desqualificada sobretudo devido ao impacto da edificação. O efeito da maré faz-se sentir até à barragem e, a partir desta, a passagem dos peixes depara-se com um obstáculo que em muito empobreceu a ictiofauna do rio, nomeadamente no que diz respeito à lampreia e ao sável. Há a registar neste troço seis praias - também designadas areais ou areinhos - formações aluvionares ao sabor dos meandros do rio: Quebrantões, Avintes, Marecos/Atães, Arnelas, Zebreiros e Crestuma. Estas praias são consideradas Pólos do Parque do Douro. A paisagem no troço de montante acaba por ganhar alguma monumentalidade com a aproximação às serras de geomorfologia marcante nomeadamente determinada pela dureza das cristas quartzíticas e formações xistentas que constituem a proposta do Parque do Salto. As encostas estão revestidas por pinheiro e eucalipto, com alguma presença de espécies autóctones. Os Pólos deste troço são: Praia de Lever, Marina da Lixa, Porto Carvoeiro, Praia de Lomba e Praia de Melres.

Visão

Potencialidades:

Rio Douro, património cultural, sistema de vistas; qualidade paisagística, praias fluviais.

Constrangimentos:

Qualidade da água, presença de espécies exóticas (povoamentos mono específicos de eucalipto), densa arborização e abandono agrícola aumentam a vulnerabilidade à ocorrência de fogos, risco de derrocada das escarpas mais íngremes; pressão urbanística, habitações clandestinas.

Objectivo - Linhas Programáticas

O rio é o grande eixo deste Parque e é a partir dele que o Parque se deve estruturar apoiado na navegabilidade e nos seus Pólos.

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação florestal apostando na multifuncionalidade deste recurso (produção, protecção e recreio);
- Requalificação do património construído;
- Demolição das habitações clandestinas;
- Qualificação das interfaces urbanas e industriais;
- Qualificação da rede viária, em particular a EN 108.

Qualificação Ambiental:

- Melhoria e monitorização da qualidade da água do Rio Douro e dos seus principais afluentes;
- Reestruturação, recuperação e salvaguarda dos ecossistemas ribeirinhos;
- Promoção e recuperação de infraestruturas ecológicas;
- Promoção de nichos ecológicos para a fauna local;
- Criação de microreservas.

Circulação:

- Qualificação da rede viária, em particular os principais eixos viários identificados (EN 108);
- Criação de uma rede de percursos e a acompanhar a margem do rio;
- Promoção dos transferes fluviais entre margens.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Promoção do património através de trilhos temáticos;
- Promoção dos trilhos através de postos de turismo a desenvolver em infraestruturas existentes ou a desenvolver.

Emprego:

- Criação de posto de trabalho em diferentes áreas do turismo;
- Criação de oportunidades de investigação nas diferentes áreas artísticas, científicas e humanas.



AREINHO DE QUEBRANTÕES

O Areinho, contíguo ao Largo do Areíño, é um imenso areal, na margem esquerda do Rio Douro, na freguesia de Oliveira do Douro. No local destacam-se dois espaços com características distintas: um espaço destinado a parque de merendas e o espaço correspondente à praia fluvial. O areal é limitado a Sul por uma alameda de Choupos encontrando-se. Trata-se de uma praia fluvial muito procurada, principalmente no verão, exposta ao Porto beneficiando da presença de um largo espelho de água onde passam diversos barcos de turismo.



AREINHO DE AVINTES

O Areinho de Avintes localiza-se na freguesia de Avintes, em Gaia e desenvolve-se linearmente ao longo da margem esquerda do Rio Douro, tendo Gondomar na sua frente. Aqui existe um parque de merenda e campos de jogos. A acompanhar o limite sul, destaca-se um alinhamento de Choupos-brancos (*Populus alba*) e a poente do Areíño, encontra-se o Cais do Esteiro - Foz do Rio Febros - com a presença de zonas agrícolas.



PRAIA DE MARECOS

Localizada no lugar de Atães, em Gondomar, a praia fluvial, também conhecida por Praia de Marecos, é bastante diminuto, o que não impede que seja bastante procurado para descanso, lazer e pesca. A praia é encimada pelo solar da Quinta da Palmeira, brasonado, com uma capela. A praia está abrangida pelo Polis de Gondomar – empreitada de Requalificação Urbana e Ambiental da Zona Ribeirinha de Gondomar entre a Ribeira de Abade e o Areio de Atães.



PRAIA FLUVIAL DE ARNELAS

A praia fluvial de Arnelas localiza-se junto ao povoamento ribeirinho de mesmo nome, numa encosta sobre a margem esquerda do Rio Douro, com vistas para Gondomar, incluindo a foz do Rio Sousa. Este povoamento forma um verdadeiro anfiteatro sobre o rio. São ainda expressivas as construções em alvenaria, de raiz antiga, de pedra mista de granito ou xisto, paredes exteriores, rebocadas ou em pedra aparente. Junto ao rio, no areal, foi introduzido um campo de jogos informal, bem como uma construção baixa de apoio às actividades náuticas e existe um cais.



AREAL DE ZEBREIROS

O areal de Zebreira localiza-se na margem direita do Rio Douro, em Gondomar. Trata-se de um espaço linear, limitado a Norte por um alinhamento arbóreo. A margem oposta é densamente arborizada e o areal beneficia do amplo espelho de água sendo um sítio que atrai muita população no Verão.



PRAIA FLUVIAL DE CRESTUMA

A praia fluvial de Crestuma encontra-se sobre a margem esquerda do Rio Douro, a poente da Foz do Rio Uima, com vista sobre o rio, as encostas florestadas de Gondomar, a Tapada de S. Domingos e a Barragem de Crestuma-Lever. O lugar de Crestuma distribui-se pela encosta armada em socalcos e encimada pela igreja. O espaço público, desde a foz do Rio Uima até à praia de Crestuma, sofreu uma intervenção recente, tendo sido equipada com passadiço. Numa plataforma superior à praia fluvial localiza-se o edifício do Centro Náutico de Crestuma, inaugurado em Junho de 2005 e um café. Nas imediações, junto ao curso de água existe uma azenha em ruínas.



PRAIA DA LOMBA

A Praia da Lomba localiza-se na margem esquerda rio Douro, no extremo do meandro, na freguesia da Lomba, em Gondomar. A praia, com areal de considerável extensão, encontra-se servida por embarcações, que atracam no cais de Santiago, permitindo fazer a travessia para Meda. Junto ao cais, encontra-se a capela de São Bartolomeu, com o seu pequeno adro sobrelevado.



PRAIA FLUVIAL DE MELRES

A Praia Fluvial de Melres, localiza-se na margem direita do rio Douro e desenvolve-se sobre terraços fluviais que nas cotas mais altas correspondem a férteis terrenos agrícolas pertenceram à Quinta da Bandeirinha, adquirida pela Câmara Municipal de Gondomar, em 1992. O solar da Bandeirinha é hoje a sede da Junta de Freguesia de Melres e Museu. Tem uma posição privilegiada em relação ao meandro do rio e daqui avista-se a Lomba e as encostas florestadas da margem esquerda do Douro.



PORTO FLUVIAL DO CARVOEIRO

Porto Carvoeiro localiza-se no limite Norte do concelho de Santa Maria da Feira, sobre a margem esquerda do Rio Douro, a jusante da Foz do Rio Inha, com abertura de vistas sobre Medas. Memória de tempos idos do rio Douro quando ele era a principal via de acesso do litoral ao interior e com grande movimento de transporte de pessoas e mercadorias. Porto Carvoeiro era um interface para a troca de bens com as Terras de Santa Maria. Trata-se de um povoado pequeno, com o casario distribuído em socalcos pela encosta acidentada. O Largo é rematado por um cais onde se encontram vários valboeiros. A envolvente encontra-se maioritariamente florestada com eucalipto e pinheiro sendo que ainda surgem bastantes sobreiros, alguns de porte notável.



MARINA DA LIXA (MARINA DE BOIALVO)

A Marina da Lixa, na lagoa do Leverinho, é o primeiro cais de acostagem de recreio, a montante da Barragem de Crestuma-Lever. A marina situa-se na foz do Ribeiro do Couço onde anteriormente à construção da barragem na década de 80 existia um vale agrícola. O acesso automóvel faz-se contornando a enseada pela Rua dos Favais. Junto à ponte por onde passa a EN-108, há um passadiço que passa por debaixo desta e une duas plataformas onde existe equipamentos de apoio à marina e serviços de restauração. Na margem oposta do Rio Douro fica a Estação de Tratamento de Água de Lever e o seu Centro de Educação Ambiental.

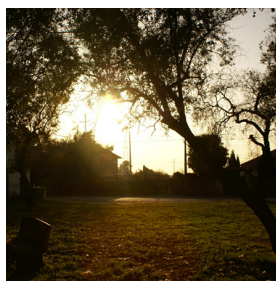


CENTRO AMBIENTAL DE LEVER

Junto à Estação de Tratamento de Águas de Lever, na margem esquerda do rio Douro, em Lever, existe um Centro de Educação Ambiental. O sítio irá ser dotado de uma rede de caminhos e proceder-se-á à qualificação da mata envolvente. Caracteriza-se por uma paisagem florestal, em encostas muito inclinadas, dominada pela presença de eucaliptos e pinheiros bravos.

PAISAGENS CULTURAIS

Paisagem Cultural
de Vila do Conde



Paisagem Cultural
do Vale do Arda



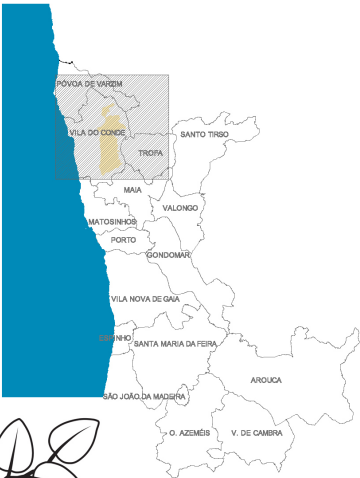
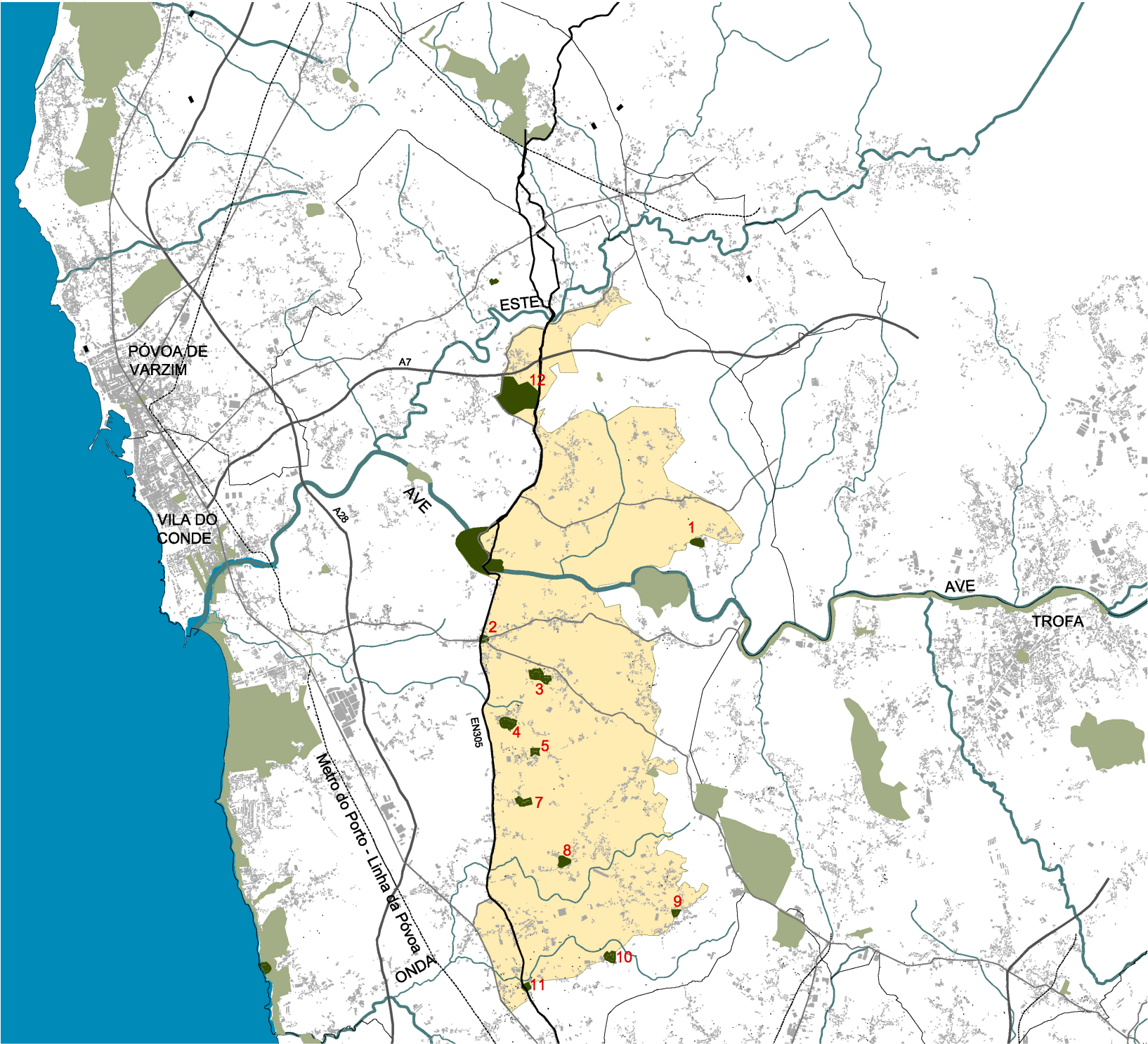
TIPOLOGIA: PAISAGEM CULTURAL

ÁREA (ha): 3664

CONCELHOS ABRANGIDOS:
Vila do Conde

- PÓLOS:
- Rede de Largos:
- 1 Largo da Trindade
 - 2 Largo de Vilarinho
 - 3 Largo do Mosteiro de Vairão e Largo da Feira
 - 4 Monte Crasto e Largo Santo Ovídeo
 - 5 Largo do Souto
 - 7 Largo do Adro
 - 8 Largo de Santa Apolónia
 - 9 Largo de Parada
 - 10 Largo de Arões
 - 11 Largo da Lameira
- Rede de Mosteiros:
- 12 Mosteiro de São Simão da Junqueira
 - 3 Mosteiro de São Salvador de Vairão

- Rios
- Limite dos concelhos
- Ocupação urbana
- Caminho de S. Tiago



PAISAGEM CULTURAL DE VILA DO CONDE

Missão

A proposta da Paisagem Cultural de Vila do Conde destina-se ao interior deste concelho, de elevada qualidade paisagística. Delimitada a Norte pelo Rio Este, a Oeste pela EN 104 (percurso central português dos caminhos de Santiago), a Sul pela EM 537-2, e a Este pela cordilheira que define o Parque das Brisas, a paisagem ainda conserva a matriz primordial de ocupação de solo, definida pelo Homem aquando do seu processo de adaptação e evolução religiosa, social e económica.

Este Parque caracteriza-se pela presença de um vasto agroecossistema típico da região, o sistema “campo-bouça”, destinado essencialmente para a produção de leite, e onde se dispõem pequenos núcleos urbanos, de arquitectura vernácula, organizados em torno de um largo /Igreja. Este sistema de largos e núcleos habitacionais encontra-se interligado por uma rede estradas (na sua maioria em calçada de granito), que rompe estrategicamente por entre os campos agrícola contidos entre muros e delimitados por vinha.

A riqueza simbólica e produtiva desta terra manifesta-se também pela presença de grandes e importantes mosteiros e lugares de culto, nomeadamente os mosteiros de São Simão da Junqueira e de São Salvador de Vairão. Supõe-se, com base em factos históricos e por leitura directa do património, que a actual estrutura da paisagem é relativamente recente. Dadas as características da arquitectura dos núcleos rurais, as datas de construção de algumas Igrejas e assentos de lavoura, pensa-se que esta paisagem é uma paisagem do século

XIX, resultante da extinção das ordens religiosas em 1834 e da aquisição por privados dos terrenos.

Enquanto Parque, está concebido como uma estrutura que vive da articulação de duas redes: largos e mosteiros. Os largos têm uma matriz essencialmente rural, excepto o largo de Vilarinho, frequentemente mantêm a designação de sotos e apresentam exemplares arbóreos notáveis de carvalhos, sobreiros e oliveiras, embora de um modo geral em número reduzido. Avistam-se à distância, numa paisagem predominantemente plana, tornando-se visíveis pela expressão do conjunto das copas dos plátanos que hoje prevalecem neste espaços, frequentemente lugares de feira e romaria. Verificou-se que a maioria dos largos é possuidora de cruzeiros, sendo frequente serem datados de 1940 como elementos comemorativos dos Centenários de Portugal então festejados. Pressupõe-se que os plátanos datem dessa mesma ocasião.

Propor a paisagem de Vila do Conde enquanto Paisagem Cultural é o reconhecimento dela enquanto bem cultural e obra combinada do homem com a natureza que ilustra a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência de um conjunto de condicionantes decorrentes do seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, externas ou internas. Aqui a consolidação aparenta ser um processo mais recente relativamente ao vale do Arda e intimamente ligado á instalação de um sistema agrícola de base pecuária que se mantém rentável.

Visão

Potencialidades:

Sistema organizacional do espaço - sistema campo-bouça, sistema urbano polinucleado, sistema largos e igrejas), mosteiros.

Constrangimentos:

- Práticas agrícolas intensivas que conduzem a: contaminação dos recursos solo e água, pela má ou inexistente gestão dos resíduos e efluentes agrícolas; perda de biodiversidade; descaracterização da paisagem; subaproveitamento dos povoamentos florestais;
- Novas regras da política agrícola europeia que podem funcionar como desincentivo à actividade agrícola;
- Gestão diminuta dos povoamentos florestais e das bouças, promovendo um risco de incêndio elevado.

Objectivo - Linhas Programáticas

Identificaram-se os seguintes Pólos a integrar o Parque Paisagem Cultural de Vila do Conde: Rede de Largos e Rede de Mosteiros

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação dos povoamentos florestais;
- Qualificação das interfaces com o Parque das Brisas e o Corredor do Ave;
- Qualificação da rede viária;
- Requalificação dos largos;

- Dinamização das actividades associadas aos Mosteiros;
- Promoção e recuperação de infraestruturas ecológicas (muros, sebes, vinha).

Qualificação Ambiental:

- Aplicar mecanismos e acções delineados no Plano de Ordenamento da Bacia Leiteira do Entre-Douro e Minho;
- Melhorar as práticas agrícolas através da aplicação de medidas de gestão e monitorização de efluentes e resíduos agrícolas.

Circulação:

- Estabelecimento de trilhos de ligação entre o Parque das Brisas e o Corredor Ave;
- Definição de uma rede de caminhos e trilhos que conduzam o viandante pela paisagem de Vila do Conde, interligando os diferentes largos;
- Qualificação da rede viária, em particular a EN537-2.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Criação de uma rede de serviços, por forma de promover o sistema de largos, as infra-estruturas de turismo rural e de natureza e atrair pessoas aos núcleos rurais;
- Promover a reabilitação e a utilização dos mosteiros e das suas cercas.

Emprego:

- Criação de posto de trabalho em áreas do turismo (rural, religioso, sazonal, habitação);
- Desenvolvimento de pacotes de oferta de actividades pedagógicas e desportivas;
- Criação de centros e de postos de trabalho na área da compostagem e gestão e monitorização das áreas florestais;
- Criação de oportunidades de investigação nas diferentes áreas artísticas, científicas e humanas.



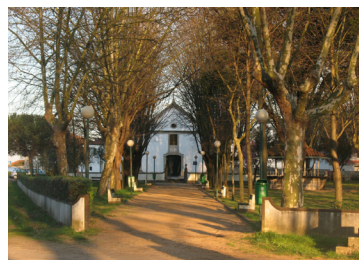
Largo de Santa Apolónia



Largo da Lameira



Largo de Vilarinho



Largo da Trindade



Largo de Santo Ovídeo



Largo do Mosteiro de Vairão

PÓLO REDE DE LARGOS

Existe nesta paisagem cultural um conjunto considerável de Largos, resultante das formas de vida que aqui se desenvolveram, que reflecte um carácter cultural muito significativo. Estes largos, para além do simbolismo que representam, integram um conjunto de património muito interessante. Os principais largos são:

- Largo da Trindade (Igreja da Trindade e Capela de Santa Marinha);
- Largo de Santa Apolónia;
- Largo do Adro;
- Largo do Souto;
- Largo de Parada;
- Largo de Vilarinho;
- Largo de Arões;
- Largo da Lameira;
- Largo do Mosteiro de Vairão e Largo da Feira (Mosteiro de São Salvador de Vairão, Capela de São João Baptista, Cruzeiros, Aqueduto de Vairão ou da Quinta dos Fidalgos);
- Monte Crasto e Largo Santo Ovídeo.

Como principais **constrangimentos** indica-se a presença de espécies exóticas e infestantes, o confronto do peão com os veículos automóveis, a ausência de sinalética e Infraestruturas de apoio escassas. Como **potencialidades** identificam-se a qualidade cénica da Paisagem (Paisagem Cultural), casario vernáculo, centros rurais dispersos e, a existência do próprio sistema de largos, com potencial para desempenhar várias funções.



PÓLO REDE DE MOSTEIROS

Vila do Conde é um concelho de solos férteis e planos e clima ameno. A fixação das populações tem raízes ancestrais e a organização do território ainda deixa ler uma matriz de origem religiosa comandada pelos mosteiros, com destaque para Santa Clara, Junqueira e Vairão.

O Mosteiro de São Simão da Junqueira está classificado como Imóvel de Interesse público desde 1975, e localiza-se perto da Igreja paroquial da Junqueira (anteriormente igreja do mosteiro). Foi um convento da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho e actualmente é propriedade privada sendo usado como casa solarenga. A sua fundação, pelo Arcediago da Sé de Braga, data do século XI, sendo dedicado a S. Simão e S. Judas Tadeu. A Cerca do Mosteiro de São Simão da Junqueira (jardins, fontes, claustro e chafariz) também está classificada como paisagem pelo mesmo despacho de Imóvel de Interesse Público de 1975 que abrange o mosteiro. A água da cerca provém de minas no exterior, e é transportada por um aqueduto de dimensão razoável. O buxo, os ciprestes, as tílias e as glicínias são as espécies vegetais que dominam nos jardins. O Mosteiro de São Salvador de Vairão foi fundado no ano de 974 e aparece como comunidade dúplice, de monges e monjas em 1021. Durante os séculos seguintes sofreu muitas ampliações e recebeu uma diversidade de acontecimentos, sendo que, em 1895 passou para as religiosas do Sagrado Coração de Maria, que aí fundaram um Colégio administrado pelas Monjas em 1898 / 1910.

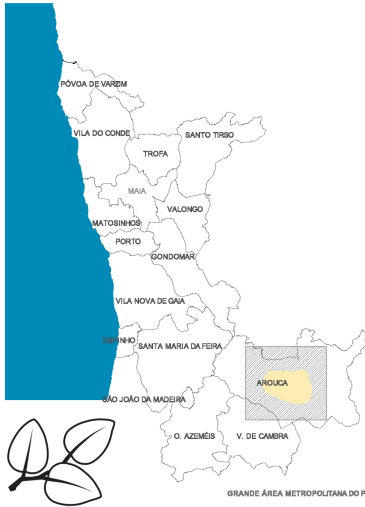
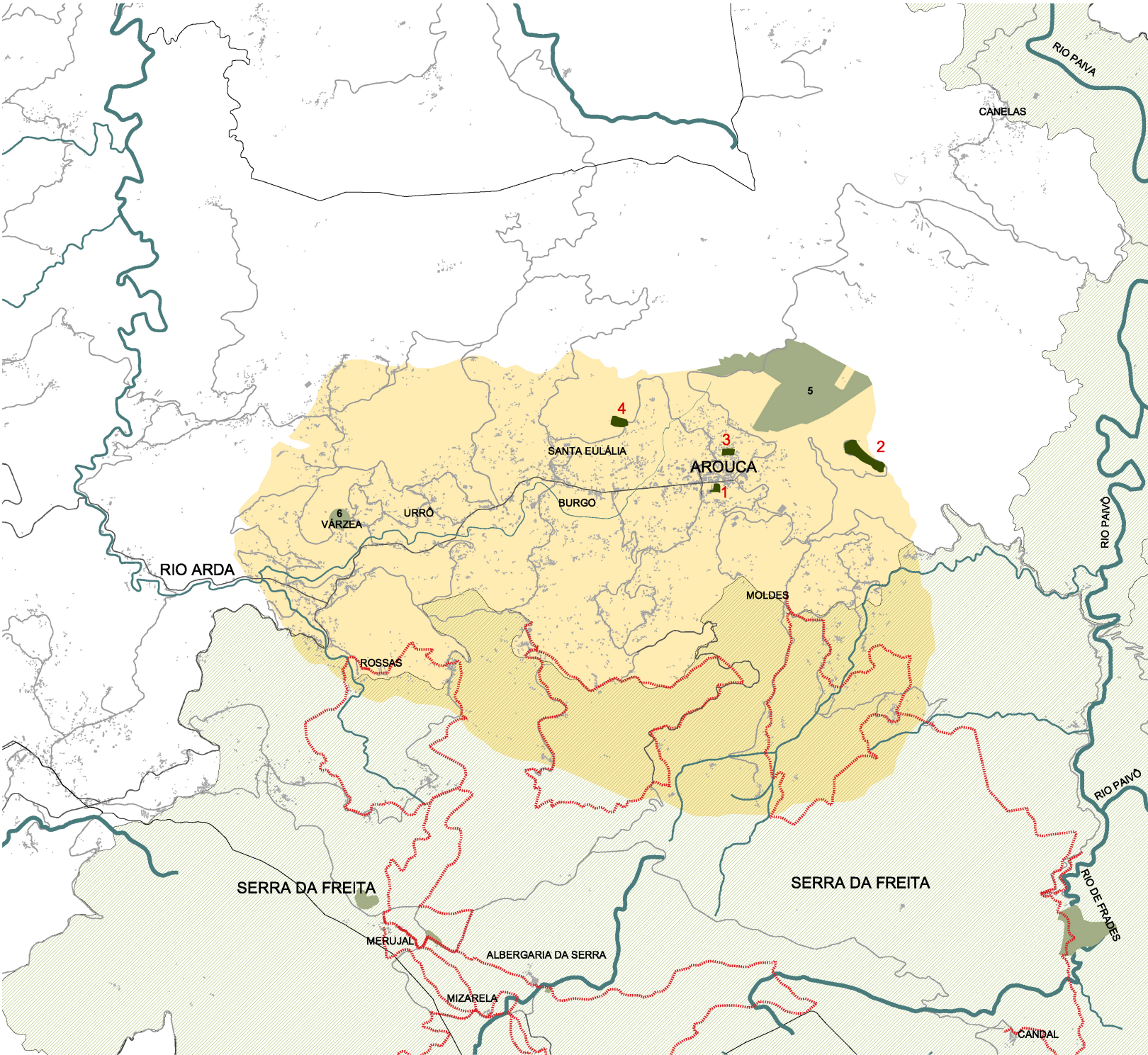
TIPOLOGIA: PAISAGEM CULTURAL

ÁREA (ha): 4400

CONCELHOS ABRANGIDOS: Arouca

- PÓLOS:
- 1 Mosteiro de Arouca
 - 2 Monte da Senhora da Mó
 - 3 Calvário
 - 4 Castro do Monte Valinhas, Castelo de Arouca
 - 5 Monte de Santa Luzia
 - 6 Casal Romano da Malafaia

- Rios
- Limite dos concelhos
- Ocupação urbana
- Percurso pedestre
- Rede Natura 2000



PAISAGEM CULTURAL DO VALE DO ARDA

Missão

“Da vertente da Serra da Freita (ou de S. Pedro), descem dois regatos chamados Marialva e Silvares, que se concentram na veiga de Arouca, logo abaixo do mosteiro. A partir daí, o curso de água toma o nome de rio Arda. A princípio, até à ponte do Carvalhal (perto do lugar de Balaído), o afluente parece querer dirigir-se para poente; mas nesse ponto inflecte para Norte, sempre, sinuoso e apertado por alcantilados penedros, ora silvestres, ora adustos. (...) (FCG, 1985) e “(O rio Arda) move o lagar de azeite do Convento e faz mover vários moinhos. Rega e fertiliza este delicioso e feracíssimo valle, e n’elle mesmo recebe vários ribeiros anonymos. (...) Desde a villa de Arouca até Varzea, suas margens são em toda a parte cultivadas: d’ahi para baixo são só cultivadas em parte. Tem muitas arvores de vinho. Cria bastante e bom peixe, sobretudo deliciosas trutas. Serve de motor a quatro boas fabricas de papel, e uma de papellao e a muitos moinhos de milho.” (Pinho Leal, 1873)

Desde tempos remotos que o concelho de Arouca se vem a desenvolver à sombra do seu Mosteiro, especialmente a partir da chegada a estas terras da Rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, neta de D. Afonso Henriques. Vale isolado mas de terra e vales férteis e profundos, cortados por vários rios e envolvidos pelas serras, revelou-se atraente para a fixação de populações.

As manifestações da presença humana são diversas e reveladoras de uma relação com um amplo vale fértil, e abundante em água e fazem deste vale uma verdadeira paisagem cultural embora sujeita à pressão da expansão da edificação. O Vale do Arda é ocupado pelas freguesias de de Arouca, Burgo, Santa Eulália, Urrô, Várzea e Rossas. Contém um património religioso riquíssimo, sobretudo igrejas, mosteiros e capelas com as suas festas e romarias. O milho, que constituía a

base da alimentação na 2ª metade do século XX no vale de Arouca, continua a ser ainda hoje uma das principais culturas e, ao longo das margens dos rios Urtigosa, Marialva e Arda, ainda existem diversas azenhas, umas recuperadas, outras em adiantado estado de degradação, onde se moía o grão colhido nas várzeas. Os moinhos são predominantes nas freguesias de Tropeçô, Urrô, Rossas, Várzea e Burgo.

A tradição agrícola manteve-se enraizada na arquitectura, usos e costumes das casas rurais, algumas delas brasonadas. Hoje, algumas foram recuperadas e são utilizadas para turismo rural. São os casos da Casa da Lavandeira, a Casa dos Malafaias, a Quinta de Novais, a Casa de Eiriz, a Casa do Burgo, a Casa de Santo António, a Quinta de Romariz, a Quinta do Pomarinho, a Casa de Cela são exemplos de casas rurais, de tradição agrícola, algumas brasonadas.

No Vale do Arda, existem também percursos pedestres, de onde se salienta o percurso pedestre existente no concelho de Arouca pelas margens do rio Urtigosa, afluente do rio Arda chamado PR 2 - “Caminhos do Vale do Urtigosa” que atravessa às freguesias de Urrô e Rossas. Inicia-se junto à Igreja Matriz de Rossas (próximo da Estrada Nacional nº 224, onde dispõe de parque de estacionamento), atravessa o rio Urtigosa, e termina no local de partida. Atravessa caminhos rurais, tradicionais e de montanha, num circuito de 13 km, com a duração de cerca de 5 horas.

Propor a paisagem do vale do Arda enquanto Paisagem Cultural é o reconhecimento dela enquanto bem cultural e obra combinada do homem com a natureza que ilustra a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência de um conjunto de condicionantes decorrentes do seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, externas ou internas. Aqui

a consolidação é um processo pelo menos milenar tendo ainda hoje fortes marcas de referência de um tempo medieval sobre as quais se foram sobrepondo novas marcas do tempo que ainda hoje continuam a permitir ler a história de Arouca no seu vale. Considera-se que o trabalho de fundamentação do Vale do Arda como paisagem cultural carece ainda de aprofundamento sendo que ao mesmo tempo se reconhece que as intrusões na paisagem são significativas e carecem de uma minimização do seu impacto.

A Paisagem Cultural do Vale do Arda, apesar dos constrangimentos com que se confronta, guarda em si um potencial imenso enquanto recurso paisagístico da AMP e mesmo como espaço de reserva da memória colectiva de fazer paisagem. A sua complexidade é intrinsecamente elevada quer pelo padrão quer pela estrutura da paisagem reclamando um modelo de conservação, gestão e promoção de carácter específico. Consideramos que esta dimensão transcende a oportunidade deste Projecto pelo que se deixa essa tarefa para, numa oportunidade posterior aprofundar o conhecimento e interpretação desta paisagem de distinção.

Visão

Potencialidades:

Mosteiro de Arouca; Monte Senhora da Mó, Santa Luzia, Calvário, S. João de Balinhas, quintas e assentos agrícolas; património religioso, qualidade paisagística; gastronomia; Rio Arda.

Constrangimentos:

Forte pressão urbanística; atravessamento viário do vale, abandono agrícola, intrusões visuais, envolvente florestal com elevado risco de incêndio.

Objectivo - Linhas Programáticas

Qualificação da Paisagem:

- Promoção e recuperação de infraestruturas da paisagem (sebes, caminhos, muros, ...);
- Reabilitação do sistema de vistas;
- Recuperação e promoção do património arquitectónico;
- Requalificação dos povoamentos florestais;
- Qualificação das interfaces com o corredor do Arda;
- Estabilização de margens ribeirinhas e recuperação dos ecossistemas ribeirinhos;
- Promoção, qualificação e recuperação das áreas agrícolas;
- Qualificação da rede viária.

Qualificação Ambiental:

- Requalificação dos povoamentos florestais;
- Melhoria e monitorização da qualidade da água dos rios e dos seus principais afluentes;
- Promoção e requalificação de infra-estruturas ecológicas.

Circulação:

- Estabelecimento de trilhos de ligação entre o Parque da Freita e o Corredor Arda;
- Qualificação da rede de caminhos; e da rede viária, em particular a EN 326.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Criação de uma rede de serviços descentralizados, por forma de promover a paisagem cultural e atrair pessoas aos diferentes pólos;
- Criação e promoção de infraestruturas de turismo rural e de natureza;
- Promoção dos diferentes pólos e trilhos através de postos de turismo a desenvolver em infra-estruturas existentes ou a desenvolver;
- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo (cultural, rural, religioso, natureza, sazonal e de habitação).

Emprego:

- Formação de guias, em várias vertentes (biologia, geologia, história,...);
- Incentivo às actividades artesanais;
- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo (natureza, religioso, desporto, educação, aldeias históricas);
- Criação de oportunidades de investigação no âmbito das paisagens culturais/UNESCO;
- Criação de mecanismos de valorização da actividade agrícola, promovendo os produtos obtidos e incentivando a gestão da paisagem.



LITORAL



TIPOLOGIA: LITORAL

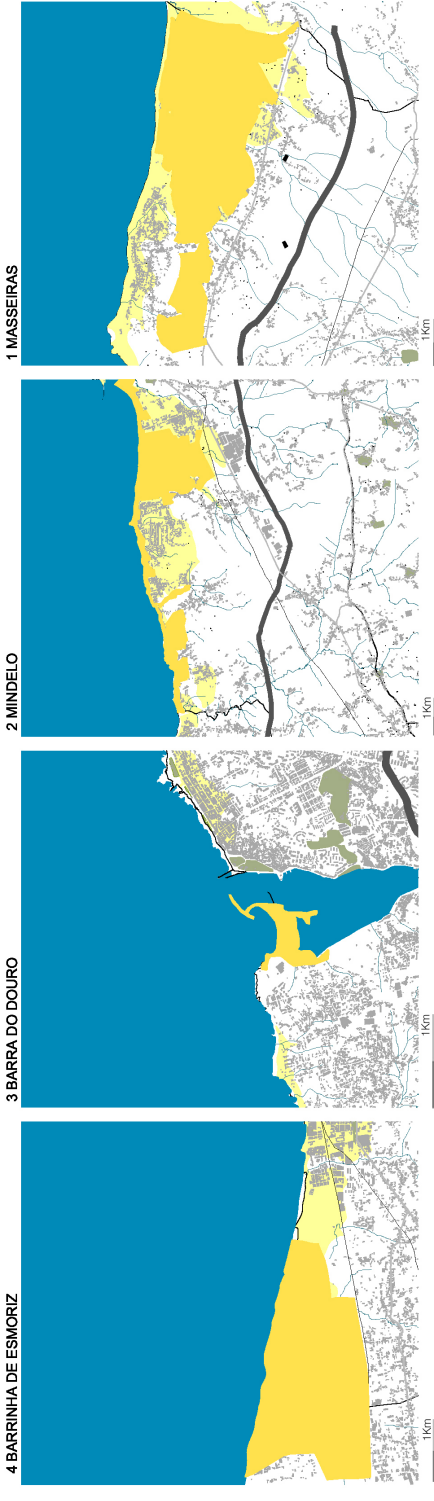
ÁREA (ha): 2320

CONCELHOS ABRANGIDOS:

Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Matosinhos,
Porto, Vila Nova de Gaia, Espinho

PÓLOS:

- 1 Campos de Maseira
- 2 Mindelo - Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde
- 3 Barra do Douro
- 4 Barrinha de Esmoriz, Lagoa de Paramos



PARQUE DO MAR

Missão

O Parque do Mar desenvolve-se ao longo de cerca de 60Km de orla costeira do território metropolitano, acompanhando as principais formações geológicas do litoral, nomeadamente os aluviões, as areias e cascalheiras e os depósitos de praias antigas e os terraços fluviais. Esta configuração geológica junto ao mar, permitiu desde muito cedo o estabelecimento de pequenas comunidades humanas que, face às fortes dinâmicas naturais deste contínuo atlântico, moldaram a paisagem e lhe atribuíram características únicas. É detido como exemplo desta humanização o agro-ecossistema cultural das masseiras, que se encontra mais centralizado e conservado no litoral dos concelhos de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, designadamente a área agrícola das freguesias de Estela e Aguçadoura e a futura Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde – a antiga Reserva Ornitológica do Mindelo, criada em 1957.

A variação do clima e a inconstância das condições naturais afectam e determinam a forma como os habitats se desenvolvem moldando os padrões de distribuição que, sob o ponto de vista da biodiversidade, se revelam de extrema importância para a conservação. Assim, enunciam-se como alvos de conservação e protecção da natureza, a Barrinha de Esmoriz/Lagoa de Paramos, a Barra do Douro e Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde, este último em processo de classificação e integração na Rede Nacional de Áreas Protegidas, para além dos estuários dos rios, principalmente a barra do Douro e a Foz do Ave.

O Projecto da criação de uma rede de Parques Metropolitanos, atendendo à existência de Plano de Ordenamento da Orla Costeira (Caminha/Espinho) em fase de revisão, entendeu desde o início que o litoral da AMP era um território bastante consolidado sob o ponto de vista do litoral beneficiando de um conhecimento significativo das suas características e dinâmicas. O Projecto pouco teria a acrescentar e, por outro lado, um dos objectivos subjacentes a uma rede de

Parques Metropolitanos na AMP é precisamente criar alternativas de recreio e lazer que actualmente estão particularmente centradas no litoral. Estas orientações traduzem o reconhecimento da necessidade de respeitar a capacidade de carga do litoral e manter a procura do litoral em níveis adequados. No entanto, a equipa entendeu apresentar a proposta do Parque do Mar como um desafio, nomeadamente aos municípios do litoral, para a discussão do eventual interesse de uma gestão concertada da defesa e promoção do litoral da AMP atendendo às suas sazonalidades. Os recursos do mar estão na ordem do dia e assim, a decisão sobre a criação deste Parque pode apoiar a promoção de uma temática que não se compadece com os limites administrativos terrestres! Simultaneamente há que atender que imediatamente a Norte do litoral da AMP existe o Parque Natural do Litoral Norte.

A proposta de Parque assenta em 4 'âncoras': Masseiras da Póvoa, Mindelo e Foz do Ave, Barra do Douro, Barrinha de Esmoriz/Lagoa de Paramos

Visão

Potencialidades:

Paisagem Cultural do Litoral Norte; riqueza faunística e florística; sistema dunar com interesse de conservação; área agrícola; procura na época balnear.

Constrangimentos:

Forte pressão urbanística e industrial, procura na época balnear, vandalismo, susceptibilidade do ecossistema dunar, paisagem agrícola adulterada pelos processos de industrialização, contaminação do solo e dos lençóis freáticos pelos resíduos da agricultura e pecuária (Zona Vulnerável N°1), Área significativa de estufas (resíduos plásticos), presença de espécies invasoras (chorão, acácias, etc).

Objectivo - Linhas Programáticas

Pólos:

Pólo Campos de Maseira; Pólo Mindelo – Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde; Pólo Barra do Douro; Pólo Barrinha de Esmoriz/Lagoa de Paramos.

Qualificação da Paisagem:

- Requalificação dos povoamentos florestais apostando na multifuncionalidade deste recurso (Produção, Protecção e Recreio);
- Melhorar as práticas agrícolas através da aplicação de medidas de gestão e monitorização de efluentes e resíduos agrícolas;
- Qualificação das interfaces urbanas e industriais;
- Qualificação da interface com o corredor do Rio Ave e os Parques do Leça e do Douro;
- Qualificação da rede viária;
- Promoção e recuperação de infraestruturas ecológicas (muros, sebes, vinha);
- Criação de microreservas.

Qualificação Ambiental:

- Melhoria das práticas agrícolas através da aplicação de medidas de gestão e monitorização de efluentes e resíduos agrícolas;
- Melhoria da qualidade da água das principais zonas húmidas;
- Salvaguarda dos cursos de água;
- Criação de microreservas;
- Recuperação e fixação de dunas;
- Criação de trilhos que se adequem à capacidade e vulnerabilidades dos ecossistemas que atravessam.

Circulação:

- Estabelecer trilhos de ligação entre o corredor Vale do Ave e os Parques Leça e Douro;
- Qualificação da rede viária principal.

Acolhimento e Sinalética:

- Implementação de um sistema de sinalética, a desenvolver para toda a rede de parques;
- Criação de uma rede de serviços descentralizados, por forma de promover e atrair as pessoas a áreas específicas, desviando-as das áreas mais susceptíveis de presença humana;
- Criação e promoção de infra-estruturas de turismo rural e de natureza.

Emprego:

- Criação de postos de trabalho em áreas do turismo (rural, sazonal e natureza), gestão e manutenção do espaço florestal;
- Criação de oportunidades de investigação nas diferentes áreas artísticas, científicas e humanas.



PÓLO CAMPOS DE MASSEIRA

Parte integrante da Estrutura Ecológica Municipal do Concelho da Póvoa de Varzim, a paisagem cultural das masseiras concentra-se maioritariamente nas freguesias de Aguçadoura e Estela. Este sistema cultural agromarítimo, encontra-se seriamente ameaçado pela intensificação da actividade agrícola, com contaminação dos lençóis freáticos pelos efluentes e resíduos agrícolas, queda do “culto” ao sargaço como fonte de fertilização, aumento do número de estufas etc.

Embora a situação deterioração seja alarmante, a qualidade cénica e a identidade territorial ainda são elevadas. Como principais **constrangimentos** indica-se a pressão turística; a degradação dos ecossistemas pelos processos de intensificação territorial; predomínio de uma agricultura intensiva, geradora de uma grande quantidade de excedentes agrícolas, com impacto na qualidade dos solos e da água (existência de Zona Vulnerável), e consequentemente na biodiversidade; excedentes plástico provenientes das estufas; povoamentos florestais pouco diversificados e presença de infestantes. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Mar, masseiras, Campo de Golfe, Praia de Nudistas, Parque de Campismo;
- **Elementos distintivos:** Mar, ecossistemas agromarítimos, paisagem cultural;
- Grande extensão de linha de costa, paisagem cultural produtiva, campo de golfe, parque de campismo; inserção na Zona Vulnerável.



PÓLO MINDELO – PAISAGEM PROTEGIDA DO LITORAL DE VILA DO CONDE

A proposta de Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde abarca um território compreendido entre a foz do rio Ave, a norte, e o rio Onda a sul, entre o mar, a oeste, e um conjunto de 4 eixos viários, a este (IC1, EN 13 e EM 1061) e ferroviário (Linha do Metro Porto Póvoa de Varzim). Distribui-se por partes de cinco freguesias do concelho de Vila do Conde: Azurara, Árvore, Mindelo, Vila Chã e Labruge.

Com uma actividade balnear associada ao litoral, as características rurais têm vindo atenuar-se, apesar de uma presença agro-florestal ainda forte. As manchas florestais de pinheiro-bravo e eucalipto encontram-se bastante degradadas mas a actividade agrícola, sobretudo associada ao leite, é intensa.

A Paisagem Protegida e a sua envolvente têm sido objecto de interesse por parte dos ornitólogos desde, pelo menos, finais do século XIX, com especial destaque para a zona terminal do rio Ave (o “alagadiço” do Ave), de onde provinha parte significativa dos exemplares de aves existentes em 1900 no Gabinete de História Natural da Academia Politécnica do Porto. A criação da Reserva Ornitológica do Mindelo em 1957, por iniciativa do Professor Santos Júnior da Universidade do Por-

to, é um marco na história da conservação da natureza em Portugal.

Na Mindelo identificam-se vários ecossistemas (praias, dunas, linhas de água e zonas húmidas, floresta e agroecossistemas) e albergando ainda um património florístico e faunístico diversificado, com valor considerável para conservação. A área não está, no entanto, isenta de problemas ambientais, bem patentes na qualidade da água dos rios e ribeiras (evidente pela presença da Zona Vulnerável), no desordenamento urbanístico, na erosão costeira, e na perturbação da generalidade dos habitats naturais e, frequentemente, da qualidade visual da paisagem. Identificam-se também três sistemas de agricultura distintos e com estreita relação com o uso florestal do solo: i) a agro-pecuária bovina leiteira intensiva associada às culturas forrageiras; ii) a horticultura tradicional, e iii) os sistemas tradicionais agro-marítimos.

Como principais **constrangimentos** indica-se a pressão urbanística, industrial e turística, a degradação dos ecossistemas pelos processos de intensificação territorial, o predomínio de uma agricultura intensiva (agro-pecuária), geradora de uma grande quantidade de excedentes agrícolas, com impacto na qualidade dos solos e da água (existência de uma Zona vulnerável), e consequentemente na biodiversidade, povoamentos florestais pouco diversificados e presença de infestantes; Estrada Municipal 1061 desqualificada. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Reserva Ornitológica do Mindelo (1957);
- **Elementos distintivos:** Mar;

- Área Natural (de futuro pertencente à RNAP) situada à beira mar, sendo uma faixa Litoral ainda bastante permeável;
- Variedade de ecossistemas (praias, dunas, linhas de água e zonas húmidas, floresta e agroecossistemas) com diversidade de habitats, que carecem de alguma recuperação, nomeadamente criando zonas de fitorremediação;
- Potencial científico e demonstrativo (ligação histórica à Universidade do Porto), Área próxima e que integra escolas, Boas acessibilidades (Metro, IC1/A28 e EN 13), e proximidades a importantes equipamentos dinamizadores de fluxos económicos e populacionais (10 km do Aeroporto e 15 Km do Porto de Leixões).



PÓLO BARRA DO DOURO

A Barra do Douro localiza-se na foz do rio Douro, nos concelhos do Porto e Vila Nova de Gaia. Este sítio sofreu recentemente alterações com a construção dos molhes. Recentemente foi inaugurado um novo troço da marginal ribeirinha de Vila Nova de Gaia que vai desde o Largo do Linho até ao Cabedelo, junto da foz do Douro, que passou a dispor de uma ciclovia e de um corredor pedonal.

A Barra do Douro possui interesse sob do ponto de vista da biodiversidade, nomeadamente na bacia de S. Paio e no sapal do Cabedelo. Além da presença registada de cerca de uma centena de aves, esta área do estuário do rio Douro que é inundada nos períodos de maré cheia, também é muito importante para a nidificação piscícola.

O Parque Biológico de Gaia vai ser a instituição que vai gerir a área protegida Reserva Natural Local do Estuário do Douro onde várias espécies de avifauna repousam e nidificam. Está previsto a criação de um observatório de aves, a instauração de percursos guiados, um centro de monitorização e interpretação ambiental. e a elaboração de guias.

Relativamente ao património construído, esta área detém elementos de alguma singularidade, como é o caso do conjunto arquitectónico formado pela Torre, Farol, Capela ou Ermida de São Miguel-O-Anjo

(na freguesia de São João da Foz do Douro), classificada como IIP desde 1951 e a ZEP desde 1960. É de realçar que o farol renascentista da barra do Douro, é o mais antigo de Portugal, e talvez da Europa. Outro elemento do património cultural é o Forte de São João da Foz e a própria igreja de São João da Foz. Aponta-se como **constrangimentos** a forte pressão humana que, em particular na praia do Cabedelo em altura balnear, ameaça a perda dos valores referidos. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Quinta do Canidelo, Capela de São Paio, Capela de Nossa Senhora do Amparo, Torre, Farol, Capela ou Ermida de São Miguel-O-Anjo, Chafariz do Passeio Alegre, Jardim do Passeio Alegre, Forte de São João da Foz, Chalé Suíço, Mini-Golf, Passos da freguesia de São João da Foz do Douro, Conjunto da Foz Velha, Praia do Cabedelo.
- **Elementos distintivos:** relação Rio Douro / Atlântico (foz), Aviifauna, património construído.



PÓLO BARRINHA DE ESMORIZ/LAGOA DE PARAMOS

A Barrinha de Esmoriz/Lagoa de Paramos pertence à Rede Natura 2000 (PTCON0018) e à Reserva Ecológica Nacional e está classificada como IBA (Important Bird Area) pela Bird Life International. É uma lagoa costeira de média dimensão, que apresenta uma cintura de vegetação ripícola bem desenvolvida e bancos de lodo, comunicando com o Atlântico através de um canal. Os principais tributários da lagoa são a Vala de Macena, onde confluem as Ribeiras de Cortegaça e de Mangas, e a Ribeira de Paramos, também conhecida como Ribeira de Rio Maior, que nasce perto da zona industrial de Rio Meão.

A Barrinha de Esmoriz/Lagoa de Paramos é a zona húmida mais significativa no litoral Norte de Portugal, entre a ria de Aveiro e o estuário do Rio Minho. Na sua envolvente existem áreas de pinhal (a Sul) com níveis de infestação de acácia significativos, bosques ripícolas/húmidos (a Este e Sul), praia e dunas (a Oeste), campos agrícolas (a Norte, Leste e Sul), planície com vegetação rasteira/arbustiva (a Norte) e construções (a Norte, Este e Sul). Apresenta uma grande diversidade de habitats (Habitats 1150, 1210, 1320, 1330, 2110, 2120, 2130, 2150, 2170, 6430, 91E0, conforme o ANEXO I – Directiva 92/43/CEE) e espécies, cerca de 80 espécies de flora e 270 espécies de avifauna. Contudo, o

grande valor reside na existência do habitat prioritário 1150 (Lagunas costeiras), único na região Norte.

Como **constrangimento** indica-se a forte pressão urbana , o vandalismo (deposição de lixo), a presença de infestantes e a destruição do cordão dunar pelo uso indevido de pessoas e veículos automóveis. Como **potencialidades** identificam-se:

- **Elementos categóricos:** Sítio Rede Natura 2000 (PTCON0018), zona húmida mais significativa no litoral Norte de Portugal, entre a ria de Aveiro e o estuário do Rio Minho, património natural, qualidade paisagística.
- **Elementos distintivos:** mar, praia;
- Potencial científico e demonstrativo.

CAPÍTULO 4

CORREDORES E SÍTIOS

Neste capítulo faz-se a síntese dos trabalhos de suporte à proposta da Rede de Parques Metropolitanos da Área Metropolitana do Porto. Começamos por nos reportar ao capítulo 1 do presente Relatório, onde se apresentam os pressupostos, os conceitos e a metodologia de trabalho. Em particular, pretende-se apresentar os trabalhos de levantamento e a sistematização da informação recolhida. Estes trabalhos, conforme já referido, estavam enquadrados pelo Plano Regional de Ordenamento do Território. Norte, nomeadamente pelos trabalhos conducentes à definição da Estrutura Regional de Protecção e Valorização Ambiental. A Proposta está fundamentalmente suportada por pesquisa bibliográfica, com recurso significativo à internet, e intenso trabalho de campo.

Os trabalhos de levantamento têm como resultado uma base de dados que é apresentada no Anexo A e no Anexo B que respectivamente reúnem os resultados de pesquisa relativos aos sistemas estruturantes associados às principais bacias hidrográficas da AMP para levantamento dos corredores ribeirinhos e relativos aos Sítios (potenciais e existentes). A Lista de Sítios é apresentada no Quadro 4.1. A localização dos sítios está devidamente geo-referenciada (Mapa de Sítios Existentes e Potenciais).

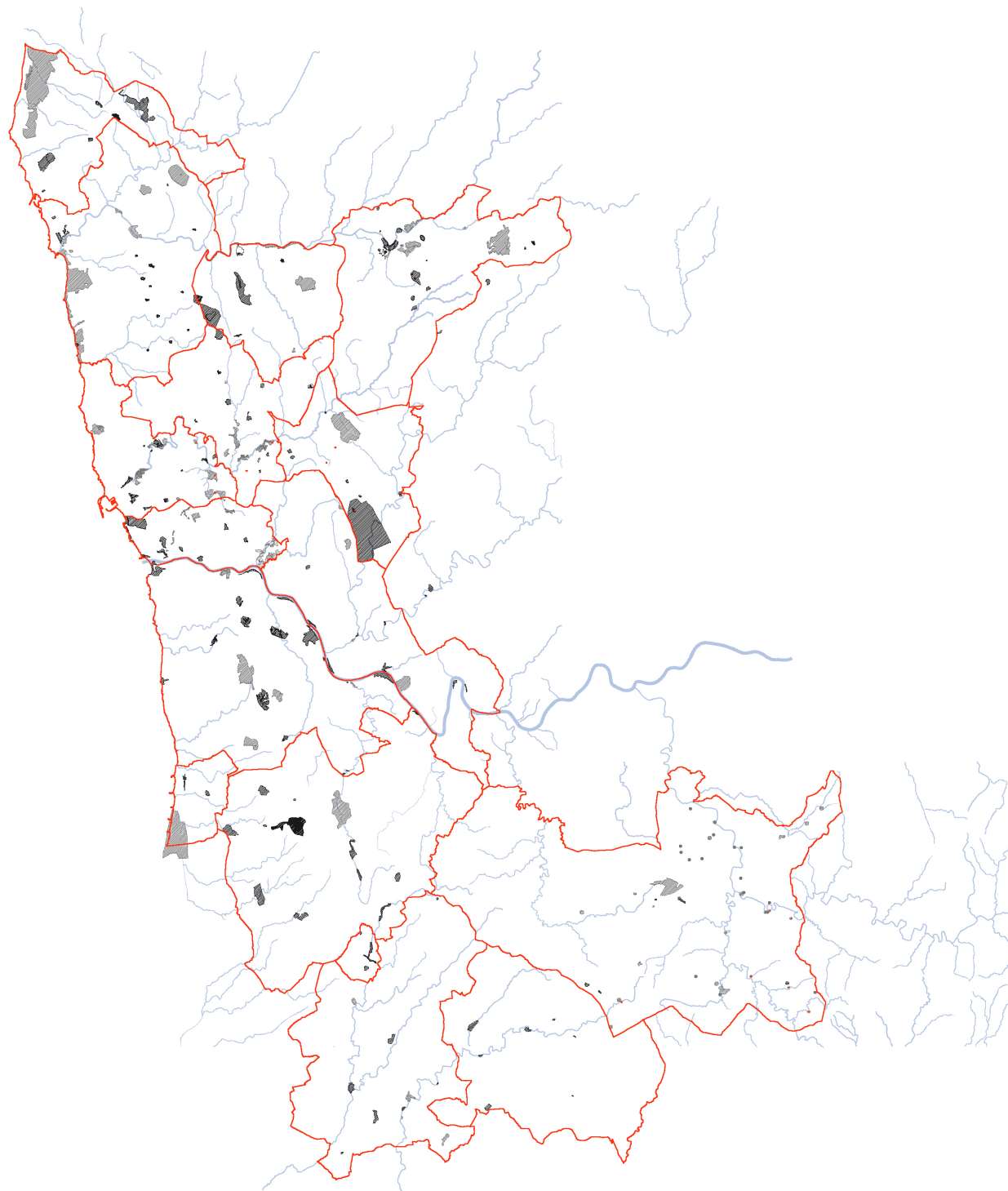
Sendo que a Proposta da rede de Parques se desenvolve em contexto metropolitano, a identificação dos Sítios implicou que estes fossem espaços que já estivessem associados ao recreio, nomeadamente de proximidade, tivessem uma valia patrimonial cultural e natural e que fossem propriedade do Estado ou das autarquias, de colectividades privadas como as confrarias ou então espaços privados com acesso públi-

co. Entre os Sítios distinguiu-se entre 'existentes' e 'potenciais'. Os potenciais são locais que, mesmo sem qualquer infra-estrutura de recreio, reúnem valores patrimoniais ou paisagísticos considerados relevantes.

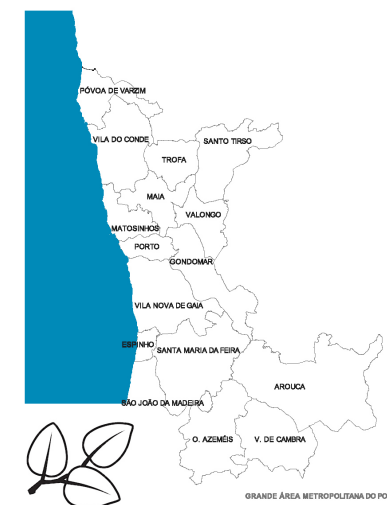
Cada Sítio está suportado por uma ficha organizada por concelho. As fichas dos Sítios resultaram do trabalho da equipa do projecto, em articulação com os interlocutores do Projecto nas Câmaras Municipais (Quadro 4.2). Recorda-se que parte destes Sítios - existentes e potenciais - foram integrados nos diferentes Parques na qualidade de Pólos. As fichas são passíveis de actualização e estão apresentadas já como a base dos conteúdos a inserir no portal da AMP.

Para os levantamentos e para a produção do Mapa de Sítios e da cartografia de base do Projecto apresentada juntamente com as fichas dos Sistemas Estruturantes (Anexo A) foram utilizadas diferentes bases cartográficas, na sua maioria disponibilizadas pelas Câmaras Municipais. O Quadro 4.3 apresenta uma síntese das bases de dados cartográficas de apoio ao Projecto.

No 2º Relatório de Progresso no âmbito dos sistemas estruturantes foram introduzidos, para além dos corredores ribeirinhos, dois corredores viários e um cultural: as linhas de caminho de ferro da Póvoa e do Vouguinha e ainda os Caminhos de Santiago. Com a consolidação do Projecto entendeu-se nesta fase -ecológica - os corredores ribeirinhos. De seguida apresenta-se uma breve síntese das fichas apresentadas no Anexo A, relativas aos Sistemas Estruturantes e que tratam os corredores ribeirinhos que complementam a proposta dos onze Parques Metropolitanos.



-  Rios
-  Limite dos concelhos
-  Sítios Existentes
-  Sítios Potenciais



3Km

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO 1:1 000 000



AVE

O rio Ave nasce na serra da Cabreira no concelho de Vieira do Minho, e entra na AMP pelo concelho de Santo Tirso, banhando as freguesias de Aves, Sequeiró, Lama, Areias, Palmeira, Rebordões, Burgães e Santo Tirso, banha as freguesias de São Martinho Bougado, Santiago Bougado, e Guidões no concelho da Trofa e por fim atravessa o concelho de Vila do Conde, banhando as freguesias de Fornelo, Macieira da Maia, Tougues, Retorta, Ferreiró, Bagunte, Touguinhó, Junqueira, Touguinha, Vila do Conde e Azurara, desaguando no Oceano Atlântico entre estas duas últimas freguesias. Os principais afluentes do rio Ave são, na margem esquerda o rio Vizela e na margem direita o rio Este. Os rios Vizela e Ave apresentam problemas de poluição da água.

Principalmente junto do rio Vizela, a paisagem tem uma forte presença da actividade industrial. No entanto, apresenta ainda zonas agrícolas notáveis como por exemplo os vales de Roriz e de Burgães (Santo Tirso) ou mais a jusante a fértil área aluvionar do Bougado na Trofa. No concelho de Vila do Conde e no vale do Este, predominam esmagadoramente explorações pecuárias de vacas leiteiras. As culturas forrageiras são a principal cultura agrícola do vale do Ave. As manchas florestais mais expressivas concentram-se nas freguesias de Burgães, Monte Córdova (Santo Tirso), nas zonas serranas da Trofa e em Ferreiró, Fornelo e Bagunte (Vila do Conde), sendo constituídas principalmente por espécies florestais de rápido crescimento.

O rio Ave tem no seu curso um grande número de açudes e azenhas, destacando-se as azenhas no concelho da Trofa e de Vila do Conde (Ferreiró, Fornelo, junto da Ponte D. Zameiro e a azenha quinhentista de Azurara). Já as pontes históricas da Lagoncinha e de D. Zameiro, foram importantes pontos de travessia do rio Ave, como a ponte romana de S. Martinho do Campo também foi para a travessia do rio Vizela, e a ponte de São Miguel dos Arcos para a travessia do rio Este. Os castros (Monte Padrão e Alvarelhos) e as cidades (Bagunte e Terroso) são importantes monumentos arqueológicos do vale do Ave na AMP, e os montes (S. João do Carvalhinho, Nossa Senhora da Assunção, São Gens e Santa Eufémia, etc.) são importantes locais de romaria, bem como miradouros privilegiados para o vale do Ave. Importantes no povoamento da região foram os mosteiros (Roriz, Santo Tirso, São Simão da Junqueira e Santa Clara, entre outros) mas por todo o vale abundam ermidas, capelas, santuários e igrejas para além de outro património religioso. As Quintas e Solares brasonados históricos são uma constante ao longo de todo o vale do Ave. Em Vila do Conde e

Azurara, junto da foz do rio Ave, existe um conjunto notável de património classificado. Também abunda o património civil, como aquedutos, pelourinhos, fortes, etc.

Apesar do vale do Ave na AMP ser um espaço altamente humanizado, ao longo do rio Ave a galeria ripícola é praticamente contínua e diversificada, existindo ainda bosques de flora autóctone, e a fauna é abundante e rica.

Existe um conjunto de equipamentos e espaços de lazer diversificado, ao longo do rio Ave, como o Parque Urbano da Rabada, o de Parque de Nossa Senhora da Assunção, e estão em construção ou em projecto outros parques como o das Azenhas na Trofa ou os do Programa Polis de Vila do Conde.



FEBROS

O rio Febros é um rio cuja bacia hidrográfica está compreendida num único concelho: Vila Nova de Gaia. O rio nasce em Seixezelo, atravessa Olival, Pedroso, Vilar de Andorinho, Oliveira do Douro e Avintes, desaguardo no rio Douro no cais do Esteiro. Possui um comprimento total de cerca de 15 km, numa direcção dominante Norte-Sul e uma bacia hidrográfica com uma área de 36,7 km².

O rio Febros, cuja qualidade da água se deteriorou bastante a partir dos finais da década de 80 do século passado, começou a recuperar os índices de qualidade a partir da entrada em funcionamento da ETAR do Febros (2003), que foi construída para tratar os efluentes das freguesias que drenam para o rio (embora ainda não esteja a tratar todos os efluentes que deveria).

O vale do rio Febros possui características distintas ao longo do seu troço, quer devido ao relevo, quer devido à densidade de ocupação urbana. Assim, a montante entre a nascente e Tabosa, onde o vale é mais aberto, verifica-se uma maior actividade agrícola. Já a jusante, nas zonas de vale mais encaixado, predominam os espaços florestais e silvestres, e é maior a pressão urbana na zona mais próxima da foz.

O rio Febros foi muito importante na actividade moageira das populações ribeirinhas. No século XIX, chegou a haver 164 moinhos de rodízio em funcionamento ao longo do seu curso. Actualmente restam

poucos em laboração, mas ainda se mantêm de pé um grande número de casas e complexos de moinhos. Ao longo do vale do rio Febros, destaca-se o conjunto de moinhos.

Apesar da poluição das suas águas, o vale do Febros apresenta património natural assinalável, quer de fauna, quer de flora, de que o Parque Biológico de Gaia, localizado nas suas margens, é um importante depositário e mostuário. O rio Febros mantém ao longo do seu curso trechos de galeria ripícola com uma grande variedade de espécies arbóreas características dos corredores ripários, e também prevalecem nas encostas que bordejam o leito do rio espécies autóctones representativas da flora do Noroeste de Portugal. Só no Parque Biológico de Gaia estão identificados 122 espécies de vertebrados, entre os quais 7 de anfíbios, 14 de mamíferos e 72 de aves.



SOUSA E FERREIRA

O rio Sousa é um afluente da margem direita do rio Douro, tem nascente em Friande (Felgueiras) e desagua em Foz do Sousa (Gondomar). No seu trajecto, atravessa os concelhos de Felgueiras, Lousada, Penafiel, Paredes (freguesias de Castelões de Cepêda, Cête, Parada de Todeia, Recarei e Aguiar de Sousa) e Gondomar (freguesias de Covelo e Foz do Sousa). Desde a nascente até à foz, estende-se ao longo de 64,7 km. Tem como afluentes principais o rio Cavalum, os rios Mesio e Ferreira, este último de maior significância e que nele desagua em Foz do Sousa (Gondomar). Dos afluentes secundários do rio Sousa, destacam-se a Ribeira de Santa Comba, a Ribeira de Centiais, a Ribeira de Bustelo e a Ribeira de Fontão.

O rio Ferreira é o afluente principal do rio Sousa, nasce em Raimonda (Paços de Ferreira) e desagua no lugar da Ribeira de Cima, na freguesia de Foz do Sousa (Gondomar). No seu trajecto, atravessa os concelhos de Paços de Ferreira, Paredes (freguesias de Lordelo e Rebordosa), Valongo (freguesias de Sobrado, Campo e Valongo) e Gondomar (freguesias de Jovim, S. Pedro da Cova e Foz do Sousa). Tem uma área de bacia hidrográfica de 184 km² e um perímetro de 83 km. Tem como principais afluentes o rio Eiriz, o rio Simão e a Rio da Carvalhosa. Incluem-se como afluentes secundários, o Ribeiro de Vilarinho, a Ribeira de Fervença, a Ribeira da Feteira, a Ribeira de Fontelhas, a Ribeira de Silveirinhos e a Ribeira de Parada. Os rios Sousa e Ferreira têm percursos quase paralelos na direcção predominante NE-SO.

Os rios Sousa e Ferreira rasgaram vales relativamente encaixados, com uma densa rede hidrográfica, onde predominam rochas duras (granitos, xistos, etc.), criando gargantas e fragas, ricos em recursos minerais explorados nas minas de ardósia em Campo, de ouro nas Banjas e Castromil, de antimónio em Montalto, de ferro na Ribeira, de carvão em Midões e São Pedro da Cova, alguns desde a época da ocupação romana da Península Ibérica, como acontece na Serra de Santa Justa e na Serra das Banjas. A prática agrícola intensiva do Vale do Sousa, com a fragmentação impulsionada pela expansão urbana e o crescimento demográfico, acompanhados por um forte desenvolvimento industrial e a carência de infra-estruturas de saneamento básico têm contribuído para a elevada poluição orgânica dos rios Sousa e Ferreira.

Os rios Sousa e Ferreira abrangem territórios da região do Vale do Sousa, cuja história está ligada à nobreza portuguesa e das ordens religiosas. O património histórico-cultural reflecte diferentes períodos e ocupações. Fortemente povoado muito antes da colonização romana, ponto de passagem de suevos, celtas, visigodos e mouros, o Vale do Sousa conheceu um grande desenvolvimento humano, económico e social, desde a Idade Média e, sobretudo, depois da Reconquista, como testemunham os mosteiros e igrejas dos séculos XII e XIII, pontes, quintas, solares, casas agrícolas e brasonadas dos séculos XVIII e XIX e núcleos rurais, fruto de um passado próspero e originário das ricas tradições culturais e etnográficas, de que a Rota dos Vinhos Verdes e a Rota do Românico são bons exemplos. As levadas, os açudes, os moinhos e azenhas constituem marcas da história da interacção do homem com os rios, um património abandonado e em degradação (salvo raras excepções, com moinhos recuperados e abertos ao público, um verdadeiro testemunho das tradições da moagem dos cereais, azeite e linho).

Os rios Sousa e Ferreira, em alguns troços, apresentam importantes representações de habitats naturais: as galerias ripícolas, as florestas naturais (carvalhais, sobreirais, loureirais), as comunidades dos

afloramentos rochosos, os matos rasteiros e as zonas húmidas. Nas escarpas e afloramentos rochosos e na área do vale do rio Ferreira, em Couce, nas minas e fojos do Parque Paleozóico de Valongo, estão registadas várias relíquias e endemismos ibéricos de fauna e flora, como plantas carnívoras (o pinheiro-baboso), fetos (a *Culcita macrocarpa*, a *Trichomanes speciosum* e a *Lycopodiella cernua*), répteis e anfíbios (a rã-ibérica, o tritão-de-ventre-laranja, a salamandra-lusitânica, a lagartixa-de-Bocage, o lagarto-de-água e a rã-de-focinho-pontiagudo). A comunidade piscícola inclui os barbos, os escalos, as bogas, os góbios, os ruivacos e as enguias e dos mamíferos identificados, destaca-se a lontra, ameaçada pela destruição da vegetação ripícola e poluição da água, entre outros. Os fojos constituírem locais de abrigo fundamentais para espécies de quirópetros cavernícolas consideradas em perigo e as aves - 58 espécies identificadas, o que corresponde a 52% das aves florestais nacionais - são particularmente abundantes em zonas de bosque misto e de orla, associadas a campos agrícolas tradicionais ou matos rasteiros e escarpas rochosas.

Dos equipamentos mais importantes na bacia dos rios Sousa e Ferreira destacam-se o futuro Parque Urbano do Rio Ferreira a instalar em Lordelo e Rebordosa, o Parque de Lazer de Soutelo - Paredes, a Senhora do Salto, vários parques de merendas e lazer (Sobreira, Campo, Foz do Sousa e Covelo), o Núcleo Museológico da Panificação de Campo, instalado no moinho recuperado de Ponte Ferreira, o Centro Cultural de Campo/Museu da Lousa, o Parque Paleozóico de Valongo (que inclui a Serra de Santa Justa, parte da Serra de Pias e parte do vale do rio Ferreira) e a antiga estação de captação de água na Foz do Sousa, uma estrutura hidráulica de abastecimento de água à cidade do Porto que será futuramente poderá ser convertida em centro de reprodução de peixes migratórios na bacia hidrográfica do rio Douro.



UÍMA

O rio Uíma é um afluente da margem esquerda do rio Douro. Nasce no Monte Alto, uma elevação no lugar de Duas Igrejas, freguesia de Romariz (Santa Maria da Feira) e tem a sua foz em Crestuma (Vila Nova de Gaia), ligeiramente a jusante da Barragem de Crestuma-Lever. Da nascente até a foz percorre, numa orientação predominante Sul-Norte, freguesias do concelho de Santa Maria da Feira, a montante (Romariz, Pigeiros, Milheirós de Poiares, Escapães, Caldas de São Jorge, Lobão, Fiães, Vila Maior, Sanguedo e Canedo) e Vila Nova de Gaia, a jusante (Sandim, Lever e Crestuma).

Tem uma área de bacia hidrográfica de 68 km² e um perímetro de 35 km. A sua rede hidrográfica é muito densa e extensa, constituída por inúmeros ribeiros e regatos. Dos principais afluentes, destacam-se no seu troço final em Vila Nova de Gaia, a Ribeira de Gende e a Ribeira da Bica. A poluição orgânica do rio Uíma e seus afluentes deve-se actualmente à grande intensidade de ocupação do solo, onde as áreas agrícolas e os núcleos populacionais e industriais dominam sobre as pequenas áreas de floresta. A extensa rede de cursos de água, associada à origem geológica dos solos, proporcionou, em meados do séc. XIX e 1ª metade do séc. XX, a extraordinária proliferação de fábricas de papel, fiação e tecelagem nas margens do rio Uíma com um papel estratégico na economia da região, contribuindo para a poluição deste curso de água.

A bacia do Uíma é marcada por uma diferenciação topográfica evidente: vertentes suaves e vales pouco encaixados em Pigeiros; uma extensa depressão de fundo plano, coberta por materiais aluviais, onde o Uíma meandriza, que abrange as Caldas de São Jorge, Lobão e Sanguedo, enquadrada a ocidente por vertentes abruptas donde se individualiza Fiães. O Uíma deixa a depressão em Sanguedo e até à foz em Crestuma corre por entre vertentes modestas, mas vigorosas, num vale bastante encaixado. O modelo de povoamento na região do vale do rio Uíma é o resultado de um território marcado por uma matriz rural e florestal muito densa, entremeada com elevada densidade urbana e industrial, sobretudo a jusante da bacia.

A região da Úmica, na qual se insere historicamente o vale do rio Uíma, foi habitada desde a época pré-histórica, proto-histórica, romana e romano-portuguesa. A fertilidade dos seus campos, bem irrigados e coroados de sol, a segurança das suas inúmeras e importantes povoações castrejas, as águas minero-medicinais das Caldas de São Jorge e das Caldinhas fianenses e a beleza dos seus montes e planícies, foram condições propícias para a fixação de povoações e a fundação de mamoas, castros, conventos, igrejas, capelas, pontes e vias romanas que trouxeram à Úmica, diferentes civilizações e períodos de ocupação. As lendas e tradições são um património cultural a preservar na região, especialmente aquelas associadas aos inúmeros moinhos ao longo do curso do rio Uíma.

No passado, o rio Uíma era conhecido pela abundância de trutas e bogas. A fauna piscícola é idêntica ao rio Febros, inclui ainda outras espécies como barbos, escalos, góbios, pimpões e enguias. A lontra habitava a frondosa vegetação das margens e águas do Uíma, especialmente junto às Termas das Caldas de São Jorge. Hoje, voltou a aparecer no seu habitat, depois do rio recuperar o seu frágil (mas sempre ameaçado) equilíbrio ecológico. Predominam espécies cinegéticas de caça como a perdiz-vermelha, o coelho-bravo e javali na região.

A jusante, percorrendo por entre vales e terras chãs, o rio Uíma atinge os terrenos alcantilados que caem sobre as suas margens. Os fundos dos vales e as encostas mais suaves do rio Uíma são ocupadas por uma agricultura baseada nas culturas do milho, feijão e pastagens em associação com a batata e a vinha a marginar os campos. A mata primitiva de carvalhos, castanheiros e sobreiros, que no passado ocupava grandes extensões na bacia do Uíma, cedeu o lugar aos pinhais e eucaliptais associados a um sub-bosque de urze, tojo, giesta e fetos. A frondosa vegetação ripícola, nas margens do rio Uíma, inclui amieiros, choupos, salgueiros, freixos e algumas intrusivas austrálias e mimosas.

No vale de Fiães e Lobão, o rio Uíma corre em trechos de viçosa e úbere paisagem agrícola. Bastante rica, outrora, em solos de boa aptidão, as casas de lavoura com espigueiros, extensos campos de milho, hortícolas e plantações de vinha são elementos característicos da paisagem, hoje entremeados por zonas apaludadas, de água estagnada, densamente eutrofizadas que constituem habitats de particular interesse.

O rio Uíma é de grande importância para o desenvolvimento turístico sustentável dos concelhos por ele atravessados. A recuperação do património industrial devoluto e degradado nas suas margens, potenciando a sua utilização como espaços públicos de lazer associados ao património natural; a implementação de percursos pedonais e cicláveis pelas margens do rio com a possibilidade de interligação aos concelhos vizinhos e outros corredores fluviais, aproveitando a zona de contínuo natural com a envolvência das termas, moinhos, zonas agrícolas e zonas florestais, associando o turismo de saúde e ambiental, são algumas propostas a estudar.



ANTUÃ

Existe uma grande controvérsia e disputa sobre a toponímia e hidrologia dos rios Antuã e Ul, seu principal afluente, fundamentada em documentos históricos desde há vários séculos. Seguindo a direcção NE-SO, o rio Antuã nasce na freguesia de Romariz (concelho de Santa Maria da Feira) e atravessa as freguesias de Carregosa, Pindelo, Vila Chã de São Roque, Oliveira de Azeméis, Macinhata da Seixa, Travanca, Ul, Loureiro, Pinheiro da Bemposta (concelho de Oliveira de Azeméis), Beduído, Estarreja e Salreu (concelho de Estarreja), onde desagua no braço norte da Ria de Aveiro, na zona do Laranjo. A bacia hidrográfica do rio Antuã, umas das sub-bacias do rio Vouga, abrange uma área de 150 km². Os principais afluentes deste rio são o rio Cercal ou Ribeira Verde e a Ribeira do Pintor. Por sua vez, o rio Ul, afluente do Antuã, nasce em Fajões no lugar de São Mamede, percorre as freguesias de Romariz, Milheirós de Poiares (concelho de Santa Maria da Feira), São João da Madeira (concelho de São João da Madeira), Vila Chã de São Roque, Cucujães, Santiago de Riba-Ul e Ul (concelho de Oliveira de Azeméis), onde desagua no rio Antuã, com orientação Norte-Sul. Os rios Antuã e Ul percorrem terrenos de xisto e granito, de baixa altitude. Ao longo de todo o seu curso, existem pequenos açudes destinados à retenção de água para rega e aproveitamento de energia hidráulica para o funcionamento de azenhas.

Na bacia hidrográfica do rio Antuã destacam-se, como principais agregados populacionais, as cidades de São João da Madeira, Olivei-

ra de Azeméis e Estarreja, cujos concelhos apresentam considerável desenvolvimento industrial, sobretudo lacticínios, produção pecuária, metalurgia, metalomecânica, calçado, têxteis, papel e química, responsável pela extrema poluição orgânica e microbiológica deste rio.

As Terras de Santa Maria (*Civitas Sanctae Mariae*), designação antiga que remonta ao séc. XI, abrangem os concelhos de Arouca, Santa Maria da Feira, Oliveira de Azeméis e São João da Madeira. As pontes sobre os rios Antuã e Ul são exemplos da importância histórica desta região (Ponte da Pica, Ponte do Salgueiro, Ponte do Manica). Algumas delas são um património rico, testemunho e ponto de passagem de antigas vias romanas e estradas medievais que atravessavam esta bacia hidrográfica. O património religioso da bacia hidrográfica dos rios Antuã e Ul inclui capelas e igrejas de grande valor artístico, como a Capela de São Marcos, o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes e a Capela de Nossa Senhora de la Salette. As festas e romarias a elas associadas são parte da cultura e tradição das suas gentes. O património arquitectónico inclui ainda exemplares de casas rurais e agrícolas dos sécs. XVIII e XIX, algumas solarengas e brasonadas (como a Casa da Quinta do Morgado, a Quinta da Costeira, a Casa da Ínsua e a Casa dos Morgados de Alméu), pelourinhos (do Pinheiro da Bemposta), cruzeiros, estações de caminho-de-ferro, antigas estações de muda de cavalos (Estação da Mala-Posta do Curval) e edifícios antigos de fábricas de chapelaria, fundição e papel (a Empresa Industrial de Chapelaria, a Fábrica da OLI-VACAST, a Fábrica do Covo e a Fábrica de Papel do Antuã).

O vale dos rios Antuã e Ul é rico em vestígios arqueológicos de civilizações antigas, de grande importância estratégica e histórica, como o Castro de Romariz, a Mamoa ou Dólmén Pintado da Aliviada e o Castro de Ul. O concelho de Oliveira de Azeméis é igualmente rico em relação ao património molinológico associado aos rios Antuã e Ul, documentado desde o séc. XVIII, o qual está a ser inventariado, requalificado e integrado na Rota dos Moinhos de Água do concelho, com a criação de núcleos museológicos, a despoluição e requalificação das margens

destes rios. Aproveitando as condições naturais proporcionadas pelos rios Antuã e UI, o seu património arquitectónico, molinológico e etnográfico, estão definidos ou em fase de projecto percursos pedestres pelas Câmaras Municipais de Oliveira de Azeméis e São João da Madeira. A bacia hidrográfica dos rios Antuã e UI é atravessada pela via militar romana que ligava Braga, Porto e Lisboa e a linha ferroviária da Linha do Vouga.

O património natural da bacia hidrográfica dos rios Antuã e UI, é dominado pela prática da agricultura de subsistência, baseada no cultivo de hortícolas e milho, sobretudo em zonas mais planas, menos declivosas e com menor ocupação urbana e industrial. Nos declives mais acentuados, as encostas revestem-se por manchas contínuas de eucaliptos, pinheiros e acácias. No sopé de encostas, adjacente a vales e às margens da linha de água, desenvolvem-se pequenos bosques de vegetação autóctone com carvalhos-alvarinho, aveleiras, giestas, sobreiros e ribeirinha que compreende os amieiros, os salgueiros-negros e os choupos. No sub-coberto arbustivo, abundam o tojo, os fetos e as silvas. A elevada poluição orgânica e microbiológica tem efeitos nas comunidades de ictiofauna, no passado dominadas pela truta, o barbo-do-Norte, o escalo-do-Norte e a boga, tendo posteriormente desaparecido todas as espécies piscícolas, excepto a enguia. Outras espécies também são frequentes como a achigã, a carpa, o pimpão e a tenca.

O Parque La Salette, o Parque Ferreira de Castro, o Parque Urbano do rio UI, o Jardim Municipal de São João da Madeira, o Parque Nossa Senhora dos Milagres e o Parque Temático Molinológico, o qual inclui um núcleo museológico do moinho e do pão, são outros pontos de interesse no vale do Antuã.



CAIMA

O rio Caima nasce na Serra da Freita, a nascente da aldeia de Albergaria da Serra (concelho de Arouca), entre os 1000 e os 1100 metros de altitude, onde se dá a junção de vários riachos e linhas de água em pleno planalto. O rio Caima corre por entre o relevo áspero e imponente da Serra da Freita, despenha-se das escarpas da Frecha da Mizarela, rega os campos em socacos desde o lugar da Ribeira, passando pelas freguesias de Roge, Cepelos, Macieira de Cambra, São Pedro de Castelhães (concelho de Vale de Cambra), e, depois, nas freguesias de Ossela e Palmaz (concelho de Oliveira de Azeméis), regando terras agrícolas e movendo fábricas (como a Fábrica de Papel do Caima), até desaguar, no rio Vouga, no lugar de Sernada do Vouga (freguesia de Macinhata do Vouga, concelho de Albergaria-a-Velha). Na margem direita do rio Caima, desaguam as ribeiras dos Cabaços, Castanheira, Fuste, Paço de Mato e o seu mais importante afluente, o rio Viques. Na margem esquerda, desaguam os rios das Cabras, Moscoso, Felgueira e Filvida.

A bacia hidrográfica do Caima tem um perímetro total de cerca de 50 km e área de 193 hm² desenvolvendo-se, em linhas gerais, no sentido NE-SW, no seu troço mais a montante e no sentido N-S no seu percurso mais a jusante. O rio Caima é aproveitado como fonte geradora de energia eléctrica e de abastecimento de água para rega desde os anos 30 do séc. XX. Ao longo do seu curso, foram construídos vários aproveitamentos hidroeléctricos, como por exemplo, a Barragem Eng. Duarte Pacheco e o Açude de Moreira.

O rio Caima sofre grande poluição orgânica e microbiológica, conducente a fenómenos frequentes de eutrofização nos concelhos por ele atravessados, devido essencialmente ao uso de herbicidas e fertilizantes na agricultura e à elevada concentração industrial nos concelhos de Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis.

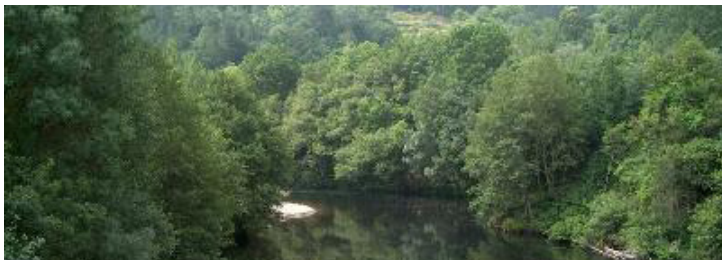
As Terras de Santa Maria (*Civitas Sanctae Mariae*), das quais se incluem as Terras de Cambra e Arouca, é uma designação antiga que tem origens no séc. XI. Do património arquitectónico, salientam-se as pontes, a maioria dos sécs. XVII e XVIII; as vias e caminhos romanos; as igrejas e capelas associadas a grandes festas e romarias (como as dedicadas a Nossa Senhora da Saúde e Nossa Senhora do Desterro), as mamoas (de Portela de Anta e Curva Cega) e os castros (de Castelo do Mau Vizinho, Outeiro dos Riscos e Ossela), as aldeias tradicionais com casas de granito, palha de colmo e ardósia na Serra da Freita (Carvalheira, Mizarela, Albergaria da Serra, Merujal, Ribeira), as casas rurais, algumas solarengas, dos sécs. XVIII e XIX (Casa da Tulha e Casa-Museu Ferreira de Castro) e os núcleos rurais (Vilarinho de S. Luís), onde os espigueiros representavam um verdadeiro estatuto social. Os moinhos de água do rio Caima são um valioso património, a grande maioria dele desconhecido ou esquecido, em que se aliavam velhas técnicas de construção tradicional e engenhosas obras de hidráulica, e cuja actividade associada teve uma grande importância na economia e na vida das populações. Os percursos pedestres das Câmaras Municipais de Arouca, Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis, alguns implementados, outros em fase de projecto, aproveitam o potencial turístico dos recursos naturais, arquitectónicos e etnográficos do Vale do Caima.

O património natural deste rio inclui o Sítio Rede Natura 2000 - Serra da Freita e Arada, situado entre os concelhos de Arouca e Vale de Cambra, com a existência de 23 habitats (4 dos quais com carácter prioritário), 4 espécies de flora e 12 de fauna a preservar. Este sítio, em conjunto com a Serra de Montemuro, constitui actualmente a área mais importante para a conservação do lobo ibérico que ocorre a sul

do Douro. É ainda um sítio relevante para a salamandra-lusitânica e o lagarto-de-água, espécies endémicas da Península Ibérica, e a toupeira de-água. A flora do Sítio é rica, com destaque para os endemismos ibéricos *Narcissus cyclamineus* e *Woodwardia radicans*.

Os matos ocupam mais de metade da área do Sítio e os povoamentos florestais são dominados pelo pinheiro bravo e o eucalipto, com a invasão das acácias. No uso agrícola, predomina a produção animal de bovinos e pequenos ruminantes, pelo que a ocupação do solo privilegia as culturas como milho forrageiro e prados temporários. É também importante o recurso às áreas comunitárias para o pastoreio. As culturas de milho grão, batata, vinha e horticultura têm, ainda, alguma importância económica. Nas margens de riachos e ribeiras, aparecem juncos e fetos e bosquetes de espécies autóctones, com salgueiros, amieiros, freixos, e espécies subarbustivas, como o sabugueiro, o pilriteiro, a urze e o azevinho. As galerias ripícolas, em algumas zonas de aluvião, incluem ainda espécies como áceres, aveleiras, bordos-negundos, fiteiras, catalpas, amieiros, tílias, plátanos e choupos. Nos vales mais abrigados, coexistem espécies como o loureiro que são relíquias que restam da antiga Laurisilva. Em zonas de maior altitude, são frequentes bosquetes de folhosas como carvalho-roble, carvalho-alvarinho, carvalho-negral, castanheiro, vidoeiro, medronheiro e bétula. Perto das linhas de água, pastagens e bosques de floresta autóctone, predominam muitas espécies de passeriformes, mas a orografia das serras favorece a presença de rapinas e mamíferos, alguns ameaçados.

A beleza natural da Frecha da Mizarela e os geossítios da Serra da Freita enriquecem o património natural do Vale do Caima. As praias fluviais de Albergaria da Serra, Paço de Mato e de Burgães, a Ínsua de Selores, a Barragem Eng.º Duarte Pacheco e o Açude de Moreira constituem outros pontos de interesse na paisagem.



PAIVA

O rio Paiva nasce em Moimenta da Beira, atravessando 10 concelhos até desaguar no rio Douro, no concelho de Castelo de Paiva. Constitui um rio com carácter de montanha, e passando várias serras no seu percurso, com destaque para a serra da Freita. É um rio que vai assumindo várias facetas ao longo do seu percurso, existindo locais em que corre sereno, enquanto noutros sítios, forma rápidos, em áreas de ruptura de declive. Possui diversos afluentes, sendo os mais importantes os rios Touto (ou Covo), Rio Mau, Paivó, Vidoeiro, Sonso, Tenente, Cabril e Ardena, que nascem quase todos na Serra de Montemuro na margem direita) e a ribeira de Reiriz e o Rio Paivó (na margem esquerda).

No seu leito, nas suas margens, assim como na bacia hidrográfica que forma, existe uma grande diversidade de espécies de fauna e de flora, assim como de habitats, sendo este designado como Biótopo Corine e Sítio Rede Natura 2000. As suas águas têm sido consideradas como das mais limpas e menos poluídas da Europa.

Ao longo das suas margens, foram-se instalando diversas povoações, em aldeias que ainda hoje conservam traças tradicionais, tanto nos materiais usados (provenientes da própria região), como na arquitectura e modo de construir. Associadas às habitações, encontram-se outras estruturas tradicionais, como canastros (ou espigueiros), eiras, palheiras (ou casa da eira). Uma das aldeias mais relevantes é Drave, que embora não se localize próxima desta linha de água, mas perto de um dos seus afluentes. Nas áreas mais humanizadas, surgem, com

vista para este rio várias propriedades, quintas e casas solarengas, muitas delas constituindo elementos patrimoniais classificados. Junto ao Paiva, existem moinhos já desde épocas medievais, sendo todos de rodízio. Destacam-se a Carreira de Moinhos de Alvarenga (que possui 17 moinhos, 6 dos quais em funcionamento, constituindo um fenómeno único em Portugal) e o Moinho do Melo (provavelmente o maior moinho junto a este rio, localizado no concelho de Arouca). O rio fazia também mover pisões (onde os tecidos eram apertados) e lagares para fabrico de azeite.

O atravessamento do rio era efectuado através de poldras, pontes ou de barcas, tendo existido barqueiros até há bem pouco tempo. Das pontes que aqui existiram, já não restam muitas, devido à força das águas, especialmente em épocas de muita pluviosidade; no entanto, existem algumas de grande importância, como a Ponte de Alvarenga (que data do Século XVIII), a Ponte da Espiunca e a Ponte de Caninhas. Na foz do Paiva, no concelho de Cinfães, encontra-se a Ilha dos Amores (ou Ilhota do Outeiro).

São várias as actividades que se podem realizar, principalmente ao longo das margens do rio Paiva, como a pesca, as actividades balneares e os desportos aquáticos. Existem diversos poços e locais apropriados para esta actividade cinegética. Ao longo das suas margens, ocorrem diversas praias fluviais (podendo estar infra-estruturadas com balneários, bares, parque de estacionamento, ou simplesmente um local para parar o carro ao longo da estrada). Existem também locais propícios para a prática de canyoning e rafting, ou outros desportos aventura e de águas bravas, sendo de destaque a realização, em Arouca, do Festival Internacional de Águas Bravas, que decorre anualmente, possuindo como palco esta linha de água. É também possível realizar passeios e caminhadas ao longo das suas margens, existindo um percurso (em Arouca) que atravessa o Paiva. A gastronomia e artesanato possuem também grande importância na região, assim como as tradições e as lendas, associadas tanto ao rio, como às terras que atravessa.



INHA

O rio Inha, afluente da margem esquerda do Rio Douro, desagua entre a foz dos rios Arda (a montante) e Uíma (a jusante). Nasce no lugar de Abelheira, na freguesia de Escariz (Arouca), atravessa as freguesias de Romariz, Vale e Canedo (Santa Maria da Feira) e desagua em Laberco, na freguesia da Lomba (Gondomar). Desde a nascente até à foz, o rio Inha percorre 18 km, predominantemente no sentido S/N, ao longo de sucessivos vales encaixados de encostas íngremes, sem acesso às suas margens, e atravessa um território seccionado por numerosos cursos de água de pequena dimensão que dão origem a encostas de fortes pendentes. Entre os seus afluentes primários, conta-se o ribeiro da Mota e o rio da Amieira.

Quanto à geomorfologia da região, o rio Inha corre predominantemente encaixado em encostas íngremes, de orientação Sul-Norte, pelo que o seu percurso se estende em áreas de cariz agrícola e florestal, muitas vezes inacessíveis. Toda a bacia do rio Inha está integrada em relevos do Complexo Xisto-Grauváquico, com intrusões de orientação SE-NO de rochas eruptivas nas freguesias de Romariz, Vale e Escariz. Os depósitos aluvionares são raros ou inexistentes nas margens do rio Inha.

O rio Inha encontra-se, em grande parte, despolido no seu troço mais a montante e relativamente protegido por atravessar áreas de baixa pressão urbana ou industrial. Nas freguesias mais a jusante, o

mesmo não se verifica e são frequentes episódios de grave poluição, fruto da elevada carga orgânica das águas proveniente da fertilização de terrenos agrícolas, com a proliferação de pragas de algas que cobrem o leito do rio e colocam em risco a qualidade das águas e a navegabilidade de recreio.

Os vales agrícolas de Romariz e Santa Maria do Vale, a poucos quilómetros da nascente, têm um grande potencial. A vocação destes espaços agrícolas nas margens do rio Inha deve ser conservada para a criação, manutenção e diversidade de espaços seminaturais na paisagem. Os vales têm uma enorme aptidão agrícola derivada da fertilidade dos solos, com a plantação de milho em larga extensão, com vinha em socolcos, marginada por pinhais e eucaliptais, por vezes pontuados por carvalhos e sobreiros. A vegetação ripícola mais representativa é constituída por salgueiros, amieiros e freixos em grande abundância. Nas várzeas, o milho era largamente plantado na região e constituía a base da alimentação ainda na 2ª metade do século XX. Sendo ainda, nos dias de hoje, uma das principais culturas agrícolas, desenvolveu outras tradições como revelam os diversos moinhos e azenhas, umas recuperadas, outras em adiantado estado de degradação, onde se moía o grão colhido nas várzeas. A agricultura de minifúndio e de subsistência, da cultura do milho, junta-se a horticultura, a fruticultura e a vinha.

O rio Inha atravessa sucessivos vales de vertentes abruptas e íngremes, com baixa densidade urbana e industrial. As pequenas povoações existentes estão dispersas na matriz rural, densamente florestal da paisagem. A deficiente cobertura e qualidade dos acessos rodoviários e o declive do terreno não permitem a fixação de grandes aglomerados populacionais. Mas, nas pequenas povoações escondem-se elementos de um património histórico-cultural ligado ao mundo rural que urge preservar. O património histórico resume-se, na sua maioria, a capelas e igrejas e alguns vestígios arqueológicos localizadas em freguesias atravessadas por vias romanas sobre as margens do Inha.

Não se conhece informação completa e exaustiva acerca do património natural do rio Inha. Sabe-se que é muito rico em recursos piscícolas, nomeadamente trutas, bogas-de-rio e barbos-do-Norte. A tradição da abundância de trutas justificou a instalação de uma truticultura industrial em Rebordelo. Existem planos para a recuperação dos peixes migradores do Douro, entre os quais, o savel, a savelha, a lampreia-marinha e a lampreia-do-riacho, esta última em vias de extinção, mas que ainda se encontra no rio Inha, junto à Lomba, em Gondomar.

Nas encostas mais íngremes do vale encaixado do rio Inha, predominam extensas plantações de eucalipto e pinheiro-bravo, com pontuações de sobreiro, carvalho-alvarinho e castanheiro, por vezes abundantes onde o eucalipto é menos representativo. Estas espécies seriam a vegetação primitiva do vale encaixado e inacessível do rio Inha.

Em Canedo e Lomba, freguesias pouco afectadas pela pressão urbanística que tem vindo a caracterizar outras áreas dos concelhos de Gondomar e Santa Maria da Feira, as margens do rio Inha oferecem ainda um coberto florestal intenso, sucedendo-se as matas de eucaliptal e pinhal pontuadas, junto às margens dos rios, por uma frondosa vegetação ripícola à base de amieiros, salgueiros-negros, salgueiros-chorão, freixos e as intrusivas austrálias e acácias-mimosas. Junto das margens do rio, podem encontrar-se fetos, entremeados por densas silvas, sendo aqueles indicadores de solos de boa qualidade. Os juncos são uma planta aquática emersa que cresce em zonas pantanosas, a poucos quilómetros da foz do Inha. A presença de algas submersas é observável em alguns troços e característica de elevada poluição orgânica.

Apesar da poluição das suas águas, as escarpas xistosas de grande declive do rio Inha com vales fortemente meandrizados cria condições favoráveis para a prática de desportos náuticos, como acontece actualmente próximo da sua foz na Lomba. Pela mesma razão, tem um elevado potencial para a prática de desportos de montanha, como es-

calada, alpinismo, BTT, etc. O troço final, entre as freguesias de Canedo e Lomba, possui uma grande beleza natural e paisagística. Este local pode ser um pólo para o desenvolvimento turístico, com a criação de percursos pedestres ou cicláveis nas margens, utilizando os estradões já existentes e utilizados por pescadores locais, a criação de um parque de lazer junto ao afluente que desagua em zona pantanosa na margem direita do rio e desenvolver o potencial dos desportos náuticos e de montanha.



ARDA

O rio Arda é um afluente da margem esquerda do Rio Douro, onde desagua na freguesia de Pedorido, 35 Km a NE do Porto. Percorre 30 km em toda a sua extensão, entre os concelhos de Arouca e Castelo de Paiva, numa área de bacia hidrográfica de 167,94 km², seguindo uma orientação predominante Sul - Norte. A montante, o rio Arda resulta da confluência de três linhas de água: o Ribeiro de Gondim com nascentes a NO da vila de Arouca, a 691 m de altitude que se junta ao rio Marialva que nasce na Serra da Senhora da Mó (1500 m de altitude a NE da vila de Arouca, atravessando-a no seu percurso), no qual se juntaram as águas da Ribeira de Silveiras que desagua em Burgo. A junção das três linhas de água resulta no rio Arda, que adquire esta designação a poente de Burgo. O rio Arda tem uma densa rede hidrográfica, constituída por inúmeros ribeiros que nele desaguam em todo o seu percurso. Como principal afluente, destaca-se o Rio Ortigosa (ou Urtigosa) que nasce na encosta norte da Serra da Freita e desagua em Rossas.

A bacia do Arda, desenvolve-se em área montanhosa e de grande cobertura florestal, sendo as altitudes dominantes situadas entre os 200 e os 600 metros, com excepção na parte meridional do concelho de Arouca, que abrange a parte mais substancial da Serra da Freita. A natureza dos solos do concelho de Arouca é diversa: as freguesias de São Miguel do Mato, Fermedo, Escariz, Chave e Mansores apresentam solos derivados de granitos e xistos, onde percorre um vale encaixado e meandrizado; o vale de Arouca que inclui as fregue-

sias de Tropeço, Rossas, Várzea, Urrô, Burgo, Arouca, Santa Eulália e várzea de Moldes corresponde a terras de meia encosta e do vale do Arda, com solos derivados de granitos e de sedimentos de aluvião, compactos, fundos e muito férteis, arrancados, pela erosão, onde se pratica uma agricultura de subsistência.

Com territórios integrados em “Terras de Arouca” e “Terras de Paiva”, a bacia do rio Arda tem um património histórico e cultural riquíssimo e diversificado. Terra de vales férteis e profundos, cortados por vários rios e abraçados pelas serras, desde cedo foram boas razões para a fixação de povoadamentos desde a pré-história. As serras e os rios de Arouca abraçam paisagens deslumbrantes, da natureza em estado puro às aldeias tradicionais, dos monumentos (castros, pelourinhos, mosteiros, capelas e igrejas), das vias romanas às casas rurais e solarengas do séc. XVIII e XIX. As festas e romarias manifestam a grande religiosidade das suas gentes, ligadas às tradições rurais que se perdem em tempos imemoriais e muitas vezes associadas ao Mosteiro de Arouca e à sua padroeira, Rainha Santa Mafalda.

Na região do Vale de Arouca, a água tinha um papel determinante na vida das populações: regava os prósperos campos de milho, ao longo das margens dos rios Ortigosa, Marialva e Arda, e para o seu aproveitamento foram criados pequenos açudes que alimentavam os rodízios dos moinhos. Os moinhos são predominantes na paisagem do Vale de Arouca, onde se pratica uma agricultura de minifúndio e de subsistência, em que a cultura do milho se junta a horticultura, a fruticultura e a vinha. O rio Arda tinha um papel fundamental na vida da comunidade. Esta relação do homem com o rio, por ser tão natural e harmoniosa, fez com que estes cursos de água de montanha conservassem até aos anos mais tardios do século XX uma riqueza ímpar em termos de biodiversidade e riqueza cultural.

Entre as margens do rio Arda e especialmente do rio Urtigosa, seu afluente, existe um valioso património natural. Entre os mamíferos, destaca-se a lontra, a raposa, o javali, a geneta, o toirão, a doninha e

o ouriço-cacheiro. Do grupo das aves, destaca-se o melro-de-água, o guarda-rios, a rola, o pombo-torcaz, o chapim-real, o pisco-de-peito ruivo, o gaio-comum, a pêga-rabuda, a trepadeira-azul, a alvéola-amarela, a garça-real, o gavião-da-Europa, o mocho-galego e a coruja-do-mato. Em relação aos répteis e anfíbios, pode-se assinalar a presença da cobra-de-água-de-colar, o sardão, a salamandra-de-pintas-amarelas, a rã-verde, o sapo-comum e o tritão-de-ventre-laranja. Na fauna piscícola, predominam a truta-fário, a truta-arco-íris, a boga, o escaló, o barbo-do-norte e a enguia.

A vegetação e a flora assumem particular exuberância na bacia hidrográfica dos rios do concelho de Arouca. Dos rios Arda e Urtigosa, destacam-se o castanheiro, o carvalho-negral, o amieiro, o salgueiro-branco, o freixo, a gilbardeira, o feto-real, o feto-fêmea, o feto-macho, o hipericão-do-Gerês, o trovisco, etc.

O milho, o centeio e a aveia, a vinha, o feijão e a batata predominam entre os cultivos, enquanto o tecido florestal, onde tradicionalmente pontuavam largas manchas de castanheiros, carvalhos ou sobreiros, a par de vidoeiros, aveleiras, faias e medronheiros, é agora essencialmente constituído pela monocultura ou floresta mista de pinheiro-bravo e eucalipto. As comunidades arbustivas são normalmente dominadas por urzes, giestas, tojos ou carqueja; enquanto as gramíneas tem a maior representação no estrato herbáceo dos prados e lameiros.

Artigo I. A extensa rede hidrográfica e a geomorfologia dos concelhos de Arouca e Castelo de Paiva, especialmente representada pelos rios Arda e Paiva, proporcionam ótimas condições para a prática de desporto de aventura, como BTT, montanhismo, escalada, rapel, rafting, kayake, etc. O rio Arda oferece paisagens de grande beleza, pelo que a sua valorização ambiental, a recuperação dos moinhos e casas agrícolas e a construção de percursos pedestres e cicláveis são exemplos do potencial turístico sustentável deste curso de água.

Quadros 4.1.
Lista de sítios

AROUCA	
Existentes:	
AR01	Calvário
AR02	Senhora da Lage
AR03	Casal Romano da Malafaia
AR04	Monte da Senhora da Mó
AR05	Parque de Campismo
AR06	Praias Fluviais e Zonas de Lazer do Areinho, Vau, Espiunca, Paradinha, Meitriz e Albergaria da Serra
AR07	Rede de Aldeias Tradicionais
AR08	Rede de Geossítios (Geoparque de Arouca)
AR09	Rede de Percursos Pedestres
Potenciais:	
AR50	Carreira de Moinhos de Alvarenga
AR51	Castro do Monte Valinhas, Castelo de Arouca
AR52	Centros de Interpretação de Canelas, das Pedras Parideiras e Viveiros da Granja
AR53	Minas de Volfrâmio de Regoufe
AR54	Minas de Volfrâmio de Rio de Frades
AR55	Parque Florestal de Santa Luzia
AR56	Côto do Boi, Geossítio
AR57	Minas da Pena Amarela, Geossítio
AR58	Frecha da Mizarela, Geossítio
AR59	Panorâmica do Detrelo da Malhada, Geossítio
AR60	Pedras Boroas do Junqueiro, Geossítio
AR61	Pedras Parideiras, Geossítio
AR62	Portal do Inferno e Garra, Geossítio
AR63	Serra de Montemuro e Marco Geodésico da Pedra Posta, Geossítio
AR64	Cascata das Aguieiras, Geossítio
AR65	Garganta do Paiva e Ponte de Alvarenga, Geossítio
AR66	Monumentos Megalíticos
AR67	Mosteiro de Arouca

ESPINHO	
Existentes:	
ES01	Centro da Cidade
ES02	Gruta da Lomba e Picadela
ES03	Parque Alberto Magano
ES04	Parque Nascente
Potenciais:	
ES50	Barrinha de Esmoriz, Lagoa de Paramos
ES51	Castro de Ovil

GONDOMAR	
Existentes:	
GO01	Areal de Zebreiros
GO02	Marina da Lixa (Marina de Boialvo)
GO03	Monte Crasto
GO04	Parque de Lazer da Foz do Sousa
GO05	Parque de Merendas do Covelo
GO06	Praia da Lomba
GO07	Praia de Marecos
GO08	Praia Fluvial de Melres
PAREDES	
PA01	Castelo de Aguiar de Sousa
PA02	Senhora do Salto
Potenciais:	
GO50	Azenha de Cima
GO51	Cavalete de São Vicente
GO52	Tapada do Outeiro
GO53	Sanatório de Montalto
GO54	Antiga Estação de Captação de Água da Foz do Sousa

MAIA	
Existentes:	
MA01	Monte da Senhora da Hora
MA02	Monte de São Miguel-o-Anjo
MA03	Monte de Santa Cruz
MA04	Monte de Santo António
MA05	Monte de Santo Ovídeo
MA06	Parque de Avioso
MA07	Parque Urbano de Moutidos
MA08	Parque Zoológico
MA09	Quinta da Caverneira
MA10	Quinta da Gruta
Potenciais:	
MA50	Enquadramento Paisagístico da ETAR de Moreira
MA51	Enquadramento Paisagístico da Ponte da Pedra
MA52	Enquadramento Paisagístico do Viaduto e Nós Viários
MA53	Intervenção na Área Envolvente ao PER de Ponte das Cabras
MA54	Intervenção na Área Envolvente aos Moinhos do Lugar do Arquinho
MA55	Moinhos de Alvura
MA56	Moinhos de Ardegães
MA57	Mosteiros de São Salvador da Maia e Águas Santas
MA58	Parque da Parada
MA59	Parque da Vessada
MA60	Parque de Calquim
MA61	Parque de Milheirós
MA62	Parque de Pisão
MA63	Parque Ecológico de Nogueira
MA64	Parque Germano Vieira

MATOSINHOS	
Existentes:	
MT01	Campo da Feira de Santana
MT02	Jardim de Basílio Teles
MT03	Largo da Igreja do Bom Jesus de Matosinhos e Parque 25 de Abril
MT04	Largo da Viscondessa
MT05	Largo do Mosteiro de Leça do Balio e Parque das Varas
MT06	Largo do Souto
MT07	Monte de São Brás
MT08	Parque da Ponte do Carro
MT09	Parque de Real
MT10	Parque Urbano do Carriçal, Parque Manuel Pinto de Azevedo
MT11	Quinta da Conceição, Quinta de Santiago
Potenciais:	
MT50	Aterro Sanitário
MT51	Monte Castelo
MT52	Parque da Paz
MT53	Parque de Montedouro
MT54	PP Parque Recreativo e Desportivo Nascente
MT55	Quinta Agrária

OLIVEIRA DE AZEMÉIS	
Existentes:	
OA01	Capela de Nossa Senhora da Ribeira
OA02	Ínsua Selores e Praia Fluvial do Pedregulhal
OA03	Monte de São Marcos
OA04	Núcleo Histórico da Bemposta
OA05	Parque Bento Carqueja
OA06	Parque La Salette
OA07	Parque Temático Molinológico
Potenciais:	
OA50	Fábrica de Papel do Caima
OA51	Mosteiro de São Martinho do Couto
OA52	Ponte do Pêga e Mini-hídrica
OA53	Vilarinho de São Luís

PORTO	
Existentes:	
PR01	Jardins do Palácio de Cristal
PR02	Marginal Ribeirinha e Atlântica
PR03	Parque da Cidade
PR04	Parque da Pasteleira, Fluvial, Jardim do Cálem
PR05	Parque de São Roque, Monte Aventino, Praça Velásquez
PR06	Parque de Serralves
PR07	Quinta do Covelo
PR08	Jardim Botânico do Porto
Potenciais:	
PR50	Ribeira da Asprela
PR51	Ribeira da Granja
PR52	Quinta da Prelada
PR53	Parque Oriental
PR54	Agroparque
PR55	Zona Cultural do Freixo

PÓVOA DE VARZIM	
Existentes:	
PV01	Cidade de Terroso
PV02	Ecomuseu de Rates
PV03	Praça do Almada
PV04	Monte de São Félix
PV05	Parque da Cidade da Póvoa de Varzim
Potenciais:	
PV51	Campos de Maseira

SANTA MARIA DA FEIRA	
Existentes:	
FE01	Encosta do Castelo
FE02	Castro de Romariz
FE03	Encosta do Além
FE04	Europarque-Visionarium
FE05	Monte Coteiro
FE06	Parque de Lazer da Várzea
FE07	Caldas de São Jorge
FE08	Parque e Museu de Santa Maria de Lamas
FE09	Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo
FE10	Parque Ornitológico de Lourosa
FE11	Porto Fluvial de Carvoeiro
FE12	Praia Fluvial da Mamoa
Potenciais:	
FE51	Ribeiras do Uíma

SANTO TIRSO	
Existentes:	
ST01	Carvalhal de Valinhas
ST02	Centro da Cidade
ST03	Devesa de Valdrigo
ST04	Capela de Santa Cruz
ST05	Lugar da Igreja São Mamede de Negrelos
ST06	Monte e Capela de Nossa Senhora da Torre ou do Parto
ST07	Monte de Nossa Senhora da Assunção
ST08	Monte de São João do Carvalhinho
ST09	Monte Padrão
ST10	Mosteiro de Santo Tirso
ST11	Parque das Caldas
ST12	Parque de Lazer - Quinta do Olival
ST13	Parque Urbano da Rabada
PAÇOS DE FERREIRA	
PF01	Citânia de Sanfins
PF02	Monte de Nossa Senhora do Pilar
Potenciais:	
ST50	Monte dos Saltos
ST51	Parque da Ribeira do Matadouro
ST52	Parque do Verdeal
ST53	Vale de Burgães
ST54	Vale de Roriz

SÃO JOÃO DA MADEIRA	
Existentes:	
SJ01	Jardim Municipal
SJ02	Parque Ferreira de Castro
SJ03	Parque Nossa Senhora dos Milagres
SJ04	Parque Urbano do Rio UI

TROFA	
Existentes:	
TR01	Castro de Alvarelhos
TR02	Largo do Souto da Lagoa
TR03	Largo do Souto de Bairros
TR04	Monte de Santa Eufémia
TR05	Monte de São Gens
TR06	Monte de São Pantaleão
TR07	Parque da Nossa Senhora das Dores e Dr. Lima Carneiro
Potenciais:	
TR50	Parque das Azenhas
TR51	Parque Florestal do Monte de Paradela
TR52	Quinta de São Romão

VALONGO	
Existentes:	
VA01	Capela de São Bartolomeu
VA02	Largo do Passal
VA03	Parque da Cidade de Valongo
VA04	Parque da Juventude
VA05	Parque de Santa Justa
VA06	Parque Municipal de Campo
VA07	Parque Paleozóico - Centro de Interpretação Ambiental
VA08	Parque Urbano Dr. Fernando Melo
VA09	Villa Beatriz - Centro Monitorização e Interpretação Ambiental
VA10	Zona de Lazer de São Lázaro
Potenciais:	
VA50	Capela de Nossa Senhora dos Chãos
VA51	Ribeira de Tabãos

VALE DE CAMBRA	
Existentes:	
VB01	Barragem Engº Duarte Pacheco
VB02	Espaço de Lazer no Rio Amarela
VB03	Parque da Cidade de Vale de Cambra
VB04	Parque e Capela de Nossa Senhora da Ouvida
VB05	Parque e Capela de Nossa Senhora do Desterro
VB06	Parque e Santuário da Senhora da Saúde
VB07	Praia Fluvial de Burgães

VILA DO CONDE	
Existentes:	
VC01	Capela e Castro de São Paio
VC02	Centro da Cidade
VC03	Cividade de Bagunte
VC04	Largo do Adro
VC05	Largo de Arões
VC06	Largo da Trindade
VC07	Largo de Parada
VC08	Largo de Santa Apolónia
VC09	Largo do Mosteiro de Vairão e Largo da Feira
VC10	Largo da Lameira
VC11	Largo do Souto
VC12	Largo de Vilarinho
VC13	Monte Crasto e Largo Santo Ovídeo
VC14	Parque Polis João Paulo II
VC15	São Brás
Potenciais:	
VC50	Convento e Igreja de São Francisco
VC51	Lugar da Espinheira
VC52	Mindelo - Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde
VC53	Monte de Nossa Senhora das Neves
VC54	Mosteiro de São Simão da Junqueira
VC55	Parque dos Descobrimentos
VC56	Ponte D. Zameiro e Cavadas

VILA NOVA DE GAIA	
Existentes:	
VG01	Alameda do Senhor da Pedra
VG02	Areíño de Avintes
VG03	Areíño de Quebrantões
VG04	Centro Ambiental de Lever
VG05	Parque Biológico de Gaia
VG06	Parque da Lavandeira
VG07	Parque das Corgas
VG08	Parque de Sá
VG09	Monte Murado
VG10	Monte da Virgem
VG11	Parque de São Caetano
VG12	Praia Fluvial de Arnelas
VG13	Praia Fluvial de Crestuma
VG14	Park & Zoo S. Inácio
VG15	Barra do Douro
Potenciais:	
VG50	Mosteiro de Grijó
VG51	Mosteiro de Pedroso
VG52	Núcleo de Moinhos do Uíma
VG53	Serra de Negrelos
VG54	Rua da Fontinha
VG55	Serra do Pilar

Quadro 4.2. Listagem de interlocutores das Câmaras Municipais

CÂMARAS	INTERLOCUTORES
Arouca	Eng. Norberto Augusto Rodrigues de Castro Dr.ª Adélia Almeida
Espinho	Eng. Joaquim Sá Eng.ª Anna Monika Kustra
Gondomar	Eng. José Castelo Grande Dr.ª Maria João Murta e Magalhães
Maia	Eng.ª Helena Lopes Dr.ª Carla Velado Eng. José António Lameiras
Matosinhos	Arq.ª Margarida Cerejeira Fontes Dr.ª Elsa Severino
Oliveira de Azeméis	Eng.ª Andrea Ferreira
Porto	Dr.ª Cecília Meireles Graça Arq.ª Lurdes Carreira Dr. Luís Mamede Eng. Francisco Sendas Eng.ª Fernanda Lacerda
Povoa de Varzim	Eng.ª Rute Santos Pereira Dr. António Ramalho

CÂMARAS	INTERLOCUTORES
S. João da Madeira	Arqt.º Joaquim Gonçalves Milheiro Arq.ª Zita Neto
Santa Maria da Feira	Eng. Rui Manuel de Sá Pais Eng.ª Marina Rodrigues Arq. Pedro Nuno Castro e Silva
Santo Tirso	Arq.ª Carla Alexandra Moreira Arq. José António Lopes
Trofa	Arq.º António Charro Dr.ª Isabel Torres
Vale de Cambra	Eng.º Pedro Valente Eng.º Armando Ribeiro
Valongo	Dr.ª Clara Castro Poças Arq. Vitor Sá Dr.ª Isabel Oliveira
Vila do Conde	Eng.º Luís Manuel P. Oliveira Arq.ª Martina Maia
Vila Nova de Gaia	Arq.º Jorge Gonçalves Eng.ª Mercês Ferreira Arq.ª Manuela Juncal

Quadros 4.3.
Bases de dados

Síntese das bases cartográficas disponíveis para os concelhos da GAMP

Concelhos da GAMP	Ortofotomapa	Cartografia digital	Carta de Uso do Solo	PDM em Vigor	PDM em Revisão
Arouca	✓	✓	✓	✓	✓
Espinho	✓	✓	✓	✓	✓
Gondomar	✓	✓	✓	✓	-
Maia	✓	✓	✓	-	✓
Matosinhos	✓	✓	✓	-	-
Oliveira de Azeméis	✓	✓	✓	-	-
Porto	✓	✓	✓	✓	-
Póvoa de Varzim	✓	✓	✓	✓	✓
Santa Maria da Feira	✓	✓	-	-	✓
Santo Tirso	✓	✓	-	✓	✓
São João da Madeira	✓	✓	-	✓	-
Trofa	✓	✓	-	✓	✓
Valongo	✓	✓	✓	✓	-
Vila do Conde	✓	✓	✓	✓	-
Vila Nova de Gaia	✓	✓	✓	✓	✓
Vale de Cambra	✓	✓	-	✓	✓

Ortofotomapas, cartografia digital e uso do solo (escala, ano, formato)

	Ortofototomapa	Cartografia digital	Carta de Uso do Solo
Arouca	1:5.000 : 2007*.dwg	1:10.000 : 2004*.dwg	1:5.000 : 2006*.shp
Espinho	1:5.000 : 2000*.jpeg	1:1.000 *.shp e *.dwg	1:5.000 : 2000*.shp
Gondomar	1:5.000 : 2000*.jpeg	1:5.000*.dwg	1:5.000 : 2000*.shp
Maia	1:5.000 : 2000*.jpeg	1:5.000 : 2006*.dwg	1:5.000 : 2000*.shp
Matosinhos	1:5.000 : 2000*.jpeg	1:10.000 : 2000*.shp	1:5.000 : 2000*.shp 1:5.000 : 2007*.shp
Oliveira de Azeméis	1:5000 : 2004 *.ecw	1:10.000 : 2005*.dwg	1:10.000 : 2005*.dwg
Porto	1:5.000 : 2000*.jpeg	1:1.000 : 2000*.dwg e *.dgn	1:5.000 : 2000*.shp
Póvoa de Varzim	1:5.000 : 2000*.jpeg	1:2.000 : 2000*.dwg	1:5.000 : 2000*.shp
Santa Maria da Feira	1:5.000 : 2000*.tif 1 : 10.000 : 2005*.tif	1:1.000 : 1:2.000*.dwg	Não disponibilizado
Santo Tirso	Não disponibilizado	1:5.000*.dwg	Não disponibilizado
São João da Madeira	1:1.000 : 2004*.jpeg 1:1.000 : 1964*.jpeg	1:1.000 : 2005*.dwg	Não disponibilizado
Trofa	1:5.000 : 2006*.dwg	1:5.000 : 2003*.dwg	Não disponibilizado
Vale de Cambra	1:10.000 : *.jpeg	1:10.000 : *.dgn	Não disponibilizado
Valongo	1:5.000 : 2000*.jpeg	1:10.000 : *.dwg	1:5.000 : 2000*.shp
Vila do Conde	1:5.000 : 2000*.jpeg	1:5.000*.dwg	1:5.000 : 2000*.shp
Vila Nova de Gaia	1:5.000 : 2005*.jpeg 1:5.000 : 2000*.jpeg	1:5.000 : 2003*.dwg	1:5.000 : 2000*.jpeg

Ponto de situação relativo aos PDM em revisão (Fevereiro de 2009)

	Em revisão
Arouca	Em fase final de conclusão
Espinho	Em fase final de conclusão
Gondomar	Processo de curso
Maia	Em fase final de conclusão
Matosinhos	Processo de curso
Oliveira de Azeméis	Processo em curso
Porto	Aprovado
Póvoa de Varzim	Em fase final de conclusão
Santa Maria da Feira	Processo de curso
Santo Tirso	Processo de curso
São João da Madeira	Processo de curso
Trofa	Em fase final de conclusão
Vale de Cambra	Aprovado
Valongo	Processo de curso
Vila do Conde	Processo de curso
Vila Nova de Gaia	Em fase final de conclusão